

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO)**

**ANGELA APARECIDA GONÇALVES OLIVEIRA**

**O PROCESSO DE SUBJETIFICAÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS EM**  
***DISGRACE* (1999), DE J. M. COETZEE**

**MARINGÁ**

**2008**

**ANGELA APARECIDA GONÇALVES OLIVEIRA**

**O PROCESSO DE SUBJETIFICAÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS EM  
*DISGRACE* (1999), DE J. M. COETZEE**

Dissertação de Mestrado apresentada ao PLE/UEM: Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado – da Universidade Estadual de Maringá como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.  
Área de Concentração: Estudos Literários.  
Linha de Pesquisa: Literatura: Teorias Críticas e História.

Orientador: Prof. Dr. Thomas Bonnici.

**MARINGÁ**

**2008**

ANGELA APARECIDA GONÇALVES OLIVEIRA

**O PROCESSO DE SUBJETIFICAÇÃO DAS PERSONAGENS  
FEMININAS EM *DISGRACE* (1999), DE J. M. COETZEE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Literários.

Aprovado em 28 de fevereiro de 2008.

BANCA EXAMINADORA



---

Prof. Dr. Thomas Bonnici  
Universidade Estadual de Maringá – UEM  
- Presidente -



---

Prof.ª Dr.ª Lúcia Osana Zolin  
Universidade Estadual de Maringá – UEM



---

Prof.ª Dr.ª Gisele Manganelli Fernandes  
Universidade Estadual Paulista – UNESP/S.J.Rio Preto-SP

Ao meu filho Rafael,  
alegria do meu viver e  
fonte da minha inspiraço.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por me conceder força e capacidade para lutar e atingir os meus ideais.

Ao meu esposo Marcio, pela dedicação, paciência e compreensão nos momentos mais difíceis.

Aos meus pais e irmãos pelo apoio e incentivo.

Ao Prof. Dr. Thomas Bonnici, por acreditar em meu trabalho e principalmente, por me proporcionar novos conhecimentos.

## RESUMO

Analisa-se no romance *Desonra* (1999), de J. M. Coetzee, o processo de subjetificação das personagens femininas Soraya, Melanie e Lucy no contexto da política *pós-apartheid* na África do Sul e da pretensão masculina, através dos respectivos episódios em que estão veiculadas. A pesquisa investiga a resistência e as estratégias de revide da mulher que se afirma enquanto sujeito numa sociedade erigida e consolidada sobre os valores da cultura patriarcal e colonial. O romance revela a luta de grupos outrora dominantes que tentam encarar um mundo em profundas transformações na África do Sul que há pouco superou a política de segregação racial. No contexto *pós-apartheid*, a inversão das atitudes constitui a principal dificuldade para o homem branco assimilar, visto que a nova política está voltada para o resgate da identidade do negro, que agora representa a autoridade no país sul-africano. Investiga-se também a problemática envolvendo Lucy, a qual, na condição de mulher branca, mostra-se passiva após ser violentada sexualmente por um grupo de negros. O teor subjetificador dessa atitude se dá ao fato de Lucy tornar-se o espaço que concede a abertura para o espaço de encontro entre o branco e o negro. Portanto, o filho negro que ela carrega em seu ventre representa o início de uma nova política. Conclui-se que, apesar dos indícios de subjetificação, as mudanças ocorridas não surtiram muitos avanços e nem promoveram a igualdade na África do Sul. As leis de *apartheid* deixaram de existir no papel, mas a ideologia da segregação racial continua impregnada, tornando o processo de reconstrução ainda mais lento e doloroso para o negro. Além disso, a disparidade entre as classes sociais impede o progresso e o desenvolvimento do país. Esses fatos esclarecem que talvez sejam necessárias outras estratégias e tentativas de restabelecer a ordem na nova África do Sul. Em *Desonra*, essa estratégia se dá paradoxalmente através da mulher silenciada, que se torna paradigma da reconciliação. O silêncio e a não-emancipação do sujeito feminino são os caminhos para a paz e a maneira pelo qual o branco poderá colaborar na reestruturação social do país sob a égide da subalternidade.

**Palavras-chave:** romance *pós-apartheid*; subjetividade; teoria pós-colonial; *Desonra*; J.M. Coetzee.

## ABSTRACT

The subjectification process of the female characters Soraya, Melanie and Lucy, in J. M. Coetzee's novel *Disgrace* (1999), is investigated within the *post-Apartheid* policy in South Africa and within the context of patriarchy. Current research analyzes resistance and strategies of the female characters that stand up to being subjects within a culturally patriarchal and colonial society. The novel reveals the former dominant groups in their struggle against the deep transformations in South Africa with its recent withdrawal from racial segregation policy. The inversion of attitudes in a *post-Apartheid* context is the main difficulty for the white man since the new policy is turned towards a recovery of the Negroes' identity and their recently found authority in the country. The issues involving the white woman Lucy are also investigated. In fact, she is passive after being gang-raped by Negroes. The subjecting characteristic of such an attitude occurs when Lucy becomes the space in which the Negro and the Eurocentric person may meet. Consequently, the black child she bears represents the start of a new policy. However, it may be concluded that, in spite of subjectification traits, the changes in South Africa have not caused sufficient progress and failed to promote equality in the country. Although *Apartheid* laws are no longer mandatory in South Africa, the ideology of racial segregation still pervades the reconstruction process which turns up to be slower and painful to the Negro. Further, the disparity between the social classes impairs the country's progress and development. These facts show that other strategies and attempts may be needed to reestablish a new order in South Africa. The strategy of the silenced woman in *Disgrace* is paradoxically the paradigm of reconciliation. Silence and non-emancipatory stance of the female subject are contradictorily the proposed paths for peace by which the white person may collaborate in the social restructure of the country under the aegis of subalternity.

**Key words:** *post-Apartheid* novel; subjectivity; Post-colonial theory; *Disgrace*; J.M. Coetzee.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>O ESTATUTO DE <i>DESONRA</i> NO CONTEXTO <i>PÓS-APARTHEID</i></b> .....	<b>10</b>
1.1	INTRODUÇÃO .....	10
1.2	PROBLEMATIZAÇÃO .....	12
1.3	OBJETIVOS .....	15
<b>1.3.1</b>	<b>Objetivo Geral</b> .....	<b>15</b>
<b>1.3.2</b>	<b>Objetivos Específicos</b> .....	<b>16</b>
1.4	JUSTIFICATIVA .....	16
1.5	METODOLOGIA .....	19
1.6	A ÁFRICA DO SUL .....	20
<b>1.6.1</b>	<b>Colonização e <i>Apartheid</i></b> .....	<b>21</b>
<b>1.6.2</b>	<b>O Período <i>Pós-apartheid</i></b> .....	<b>25</b>
1.7	J. M. COETZEE: VIDA E OBRA .....	29
1.8	A FÁBULA DE <i>DESONRA</i> .....	35
<b>2</b>	<b>A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE FEMININA NO CONTEXTO <i>PÓS-COLONIAL</i></b> .....	<b>40</b>
2.1	CONCEITOS GERAIS DO FEMINISMO/ <i>PÓS-COLONIALISMO</i> .....	40
<b>2.1.1</b>	<b>Colonialismo e a Submissão da Mulher – Dupla Colonização</b> .....	<b>45</b>
2.2	A MULHER NEGRA NA ÁFRICA DO SUL .....	49
2.3	A MULHER BRANCA NA ÁFRICA DO SUL .....	52
2.4	A SUBJETIFICAÇÃO DA MULHER NEGRA .....	56
2.5	A CULPABILIDADE DA MULHER BRANCA .....	60
<b>3</b>	<b>CENTRO E PERIFERIA: A MULHER COMO REPRESENTAÇÃO METONÍMICA DA PERIFERIA NO CONTEXTO <i>PÓS-COLONIAL</i></b> .....	<b>63</b>
3.1	O CONTEXTO <i>PÓS-APARTHEID</i> NA ÁFRICA DO SUL .....	63
3.2	DAVID LURIE E A ASCENDÊNCIA EUROPÉIA .....	67
3.3	A OBJETIFICAÇÃO E A VIDA DUPLA DE SORAYA .....	74
<b>3.3.1</b>	<b>A Recuperação da Subjetividade de Soraya</b> .....	<b>79</b>
3.4	MELANIE ISAACS .....	83
<b>3.4.1</b>	<b>Sedução Predatória</b> .....	<b>85</b>
<b>3.4.2</b>	<b>A Passividade de Melanie</b> .....	<b>91</b>
<b>3.4.3</b>	<b>A cumplicidade de Melanie</b> .....	<b>93</b>



3.4.4	<b>A Mediação da Voz Masculina</b> .....	96
3.4.5	<b>Auto-Culpabilidade de David</b> .....	100
3.5	<b>A COMISSÃO DEPARTAMENTAL</b> .....	102
3.5.1	<b>A Composição da Comissão Disciplinar de Inquérito</b> .....	105
3.5.2	<b>Rosalind: a Consciência acima do Texto</b> .....	107
3.5.3	<b><i>Male Bonding</i>: o Corporativismo Masculino</b> .....	109
3.5.4	<b><i>Female Bonding</i>: o Corporativismo Feminino</b> .....	112
3.6	<b>A EXIGÊNCIA DA COMISSÃO</b> .....	114
3.7	<b>LUCY</b> .....	118
3.7.1	<b>A invasão</b> .....	122
3.7.2	<b>O silêncio de Lucy</b> .....	124
3.8	<b>O ESTUPRO COMO DEMONSTRAÇÃO DE PODER</b> .....	127
3.8.1	<b>David Lurie: o Símbolo da Dominação</b> .....	130
3.8.2	<b>A Violência Omitida pela História</b> .....	132
3.9	<b>A SUBJETIVIDADE DE LUCY</b> .....	134
3.9.1	<b>O Declínio do Poder Patriarcal</b> .....	137
3.9.2	<b>As escolhas de Lucy</b> .....	139
3.9.3	<b>O Símbolo <i>Pós-Apartheid</i> na África do Sul</b> .....	144
4	<b>RESULTADOS E CONCLUSÕES</b> .....	148
4.1	<b>A RE-CONSTRUÇÃO DA SOCIEDADE SUL-AFRICANA</b> .....	148
4.2	<b>RESULTADOS</b> .....	150
4.2.1	<b>As cicatrizes do <i>apartheid</i></b> .....	150
4.2.2	<b>A busca da Mulher Negra pela Emancipação</b> .....	152
4.2.3	<b>A Exigência de Reparação Histórica</b> .....	152
4.2.4	<b>A Prerrogativa Colonial sobre o Corpo da Mulher</b> .....	153
4.2.5	<b>Culpabilidade e perdão</b> .....	153
4.2.6	<b>A Passividade da Mulher como “Paradigma” para a Reconciliação</b> .....	154
4.2.7	<b>O Declínio do Poder Eurocêntrico</b> .....	155
4.3	<b>ABERTURA PARA PESQUISAS ULTERIORES</b> .....	155
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	157

# 1 O ESTATUTO DE *DESONRA* NO CONTEXTO *PÓS-APARTHEID*

## 1.1 INTRODUÇÃO

Em 1999, em plena efervescência cultural e política propiciada pela conquista da democracia após longas décadas de dominação e subalternização dos nativos na África do Sul, John Maxwell COETZEE, escritor sul-africano publicou *Disgrace*, seu oitavo romance, traduzido no Brasil como *Desonra*, por José Rubens Siqueira e publicado pela Companhia das Letras em 2000. Eminente pelos diversos prêmios que ilustram seu currículo, foi agraciado pelo romance *Desonra* com o prêmio Nobel de Literatura em 2003 e por sua obra retratar, de modo peculiar, o preconceito racial na África do Sul e as implicações morais com os envolvidos.

No romance, o autor constrói personagens por meio das quais tece diversas relações entre classes, homens e mulheres, negros e brancos, entre uma longa história de exploração e um presente de ressentimento explosivo. O romance revela problemas complexos da atualidade de um país parcialmente desenvolvido onde se misturam civilização e barbárie. Trata-se de uma sociedade que enfrenta dificuldades em adequar-se às novas leis de reorganização social e à reestruturação política ainda não assimilada, uma vez que a sociedade ainda sofre os efeitos do regime de *apartheid*.

O *apartheid* foi um regime de discriminação étnica, política e social que restringiu os direitos da população negra durante décadas na África do Sul. Com antecedentes que remontam aos séculos XVII e XVIII, foi oficializado em 1940 e teve a duração de aproximadamente cinquenta anos. Durante esse período, o acesso à terra e à participação política foi totalmente vedado aos negros, os quais passaram a viver como segregados. O *apartheid* foi um dos regimes mais cruéis em todo o mundo, vigorou até 1990 e por todo esse tempo foi a política oficial do país. Durante décadas, os negros nativos e os asiáticos que lá emigravam estiveram sob o domínio de uma minoria branca e por isso, a aptidão, o talento e a profissão pouco importavam, já que as leis governamentais eram inspiradas pelos brancos e visavam apenas à promoção destes.

A partir de 1980, este cenário começou a apresentar algumas transformações no sentido de resgate pela liberdade dos povos africanos através de lutas, boicotes e literatura *anti-apartheid*. Em 1990 esse regime de discriminação racial chegou ao fim e em 1994

Nelson Mandela (n.1918) foi eleito presidente, dando início a uma nova forma de governo, criando várias leis e instituições para averiguar as ilegalidades do *apartheid* e os crimes perpetrados durante a sua vigência.

É neste contexto que J. M. Coetzee publica *Desonra*. A trama do romance se passa na África do Sul e trata-se de uma representação desse período histórico de transição extremamente conturbado. *Desonra* conta a trajetória de David Lurie, um professor universitário de 52 anos, duas vezes divorciado, cuja vida segue a mais monótona e programada rotina. As aulas na faculdade da Cidade do Cabo, um projeto de ópera sobre a obra de Lord Byron e um encontro semanal com uma prostituta parecem o bastante para satisfazer as necessidades de um homem acomodado.

O mundo particular de David Lurie começa a ruir quando ele descobre que a prostituta com quem se encontra semanalmente é casada, ou seja, ela tem outro mundo, que não é o dele. Já não vale o simulacro do relacionamento. Acaba a ilusão, que o faz quebrar uma regra do bom senso. David Lurie se envolve com uma aluna que depois acaba denunciando-o às autoridades universitárias e acusa-o de assédio sexual. Levado a se afastar do cargo com a devida desonra, ele larga o pouco que lhe resta e vai para o interior do país, onde mora sua única filha. Remanescente de uma tentativa de comunidade agrícola, a moça luta para manter o único pedaço de terra que tem. David Lurie logo descobre que não há regras por ali. Na África do Sul, mesmo no período *pós-apartheid*, a briga por espaço envolve uma ética bem peculiar, é o local onde o ódio recrudescer e as relações sociais parecem sustentadas por um fio tênue, prestes a se romper a menor provocação. O vale-tudo inclui intimidação, agressão, estupro, destruição. Ressentimentos raciais ou são camuflados como necessidade de sobrevivência, ou são escancarados como pretexto para o mal, banalizado, ou para a mera luta por bens materiais.

Neste romance, o autor retrata de forma transparente o revide do negro contra o branco que o dominou durante longas décadas. Destacam-se as tentativas das personagens femininas em vencer a opressão e as imposições de David Lurie, que representa a superioridade e arrogância do homem europeu. As três personagens femininas inseridas em diferentes contextos do romance conseguem vencer a dominação de David, dando um passo em direção ao resgate de sua identidade enquanto sujeitos.

Em suma, o romance representa os problemas de uma sociedade *pós-apartheid* onde a colonização centenária deixou profundas marcas da opressão e dominação, cujos efeitos são as principais causas da violência, da vingança e banditismo existentes no país. Além disso, a

discriminação racial, embora não oficial, ainda impõe limites ao negro impedindo-o de se integrar na sociedade.

## 1.2 PROBLEMATIZAÇÃO

A obra *Desonra* traz à tona profundos questionamentos e reflexões quanto à questão do gênero. Sabe-se que a dicotomia masculino/feminino tem sido alvo de discussões, principalmente quando relacionada à constante busca do sujeito feminino por sua emancipação na sociedade, onde predominam os valores falocêntricos. Ao longo dos anos, a mulher tem buscado estratégias para romper os limites da dominação e se inserir na esfera social, onde circulam as informações e construir sua própria história. Essa afirmação propõe questionamentos que o romance suscita no contexto do gênero, do período *pós-apartheid* na África do Sul.

Em *Desonra*, mulheres de posição social e contextos diferentes têm como objetivo comum se impor perante a ascendência de David, personagem principal do romance que representa e incorpora a dominação e a superioridade do homem branco, descendente de europeu. Sua arrogância é visivelmente notada na relação que mantém principalmente com as personagens Soraya e Melanie, ambas, mulheres negras. Primeiramente com Soraya, a prostituta negra, David é esquivo e a trata como objeto sexual, não respeita os sentimentos dela. Ao contrário, considera suficiente o que paga para desfrutar ao lado da prostituta momentos de prazer. No entanto, quando é abandonado por ela, fica surpreso e não consegue compreender a atitude de Soraya. Na realidade, David se mostra insensível e incapaz de olhar para a prostituta como ser humano e por isso, a reação dela desestabiliza-o, pois não estava preparado para esse comportamento. Diante disso, o que leva David a ter essa postura dominadora? E Soraya, o que a levou a abandoná-lo? Na realidade, o motivo pelo qual Soraya rompeu sua relação com David não é claramente revelado por ela. Teria decidido abandoná-lo a partir do momento em que ele a viu na rua com seus filhos, pois a partir de então, ele passou a conhecer um segredo dela, sua vida dupla? Ou teria Soraya se cansado da arrogância dele e por isso decidiu abandoná-lo. Que estratégias utilizou Soraya para dar essa guinada em sua vida? O que a influenciou a pensar dessa forma, a agir e a ter essa atitude? Quanto a David, que reações e sentimentos demonstrou diante do fato? Enfim, essa situação retrata uma inversão de comportamento, pois em outros contextos, Soraya é quem seria abandonada,

enquanto que agora, é ela quem rejeita o homem branco e tem a iniciativa de romper o relacionamento como forma de mostrar que a mulher começa a conquistar seu valor, voz e a ocupar seu lugar na sociedade.

No incidente entre David Lurie e a aluna negra, Melanie Isaacs, percebemos que o protagonista tem consciência de seus atos e sabe que Melanie é trinta anos mais nova que ele e poderia ser sua filha. Na realidade, o que levou David a se interessar por Melanie e porque não conseguiu resistir aos seus encantos? Que estratégias usou para conquistá-la? Notamos ainda, que David tem um sentimento de autoconfiança, algo como se fosse inatingível e não houvesse problema algum em manter um relacionamento com uma aluna. Diante disso, o que o faz agir assim? Quanto a aluna, os motivos pelos quais se deixou seduzir não são claramente mencionados, mas teria Melanie se deixado envolver pela sedução que o poder do saber confere ao professor? Ou teria sido por curiosidade em saber como era ter um caso amoroso com alguém de faixa etária diferente? Entretanto, quando Melanie denuncia David às autoridades, ele se surpreende com a reação dela. Seria por considerá-la inocente ou ignorante para tomar qualquer atitude contra ele? Ou ainda, por considerá-la uma menina indefesa que não oferece perigo e nem dispõe de meios para se defender ou evitar a sedução do professor. Quando David é denunciado, que reações têm o protagonista e porque se recusa a confessar o deslize? De qualquer forma, notamos que o romance propõe questionamentos e ao mesmo tempo reflexões sobre a mulher num momento histórico conturbado e mostra sutilmente que a mulher continua sendo vítima de um sistema que a fixa como inferior.

O terceiro episódio no romance em que a dicotomia masculino/feminino é novamente abordada, porém de forma diferente das situações anteriores é o caso de Lucy, a filha lésbica de David. Novamente temos uma situação em que a mulher procura romper com os limites da dominação, esbarrando nas imposições do pai e na submissão a Petrus, seu ajudante negro. Notamos que David se impõe à filha diversas vezes e quando ela tem a casa invadida ele exige que ela denuncie os violentadores, agindo como pai que tem poder sobre as decisões da filha. No entanto, ela reage, mostra sua voz ativa e se sobrepõe às intervenções de David, atitude que mostra sua dignidade e condição de igualdade em relação ao homem. Contudo, Lucy não consegue manter a mesma posição em relação a Petrus. Neste contexto, o que leva a personagem a assumir posturas diferentes diante da opressão do pai e ao mesmo tempo de Petrus? Como essas diferentes formas de opressão chegam até ela? Como a postura de Lucy pode ser vista e caracterizada nestes contextos?

No romance, é na personagem de Lucy que a dificuldade da mulher resgatar sua condição de sujeito aparece de forma mais acentuada. Quando ela consegue vencer as

imposições do pai, se depara com a submissão a Petrus, a personagem revela que no contexto *pós-apartheid* em que vive, a mulher ainda é considerada inferior ao homem e sua luta para vencer esses obstáculos é constante. Notamos que Lucy é realista e tem consciência de que as transformações na sociedade sul-africana *pós-apartheid* exigem, principalmente do branco, mudanças drásticas no comportamento. Neste caso, como mulher branca, Lucy rende-se a submissão de aceitar um casamento convencional com seu ex-ajudante negro. Será que a personagem entende que uma mulher sozinha neste novo contexto é considerada indefesa e que a única forma de continuar em suas terras é aceitar a proteção de Petrus? O que a leva a pensar assim? Quanto a David, como reage diante do comportamento de Lucy? Que estratégias usa para induzir a filha a deixar o país? Como ele se sente quando tem suas interpelações rejeitadas?

É importante salientar, que a ascendência de David não se restringe às personagens Soraya, Melanie e Lucy. As demais personagens femininas do romance também são objetificadas pelo protagonista. Nota-se que as duas ex-esposas são tangencialmente mencionadas e não recebem nenhum tipo de atenção. Ainda no primeiro capítulo, a prostituta com quem David Lurie passa apenas uma noite, quando é abandonado por Soraya, também é rejeitada por ele. Da mesma forma, Dawn, a nova secretária do departamento é seduzida e objetificada sexualmente, apesar de ela rejeitá-lo. Também não se pode deixar de mencionar as professoras da Universidade onde David trabalha. Essas personagens são inferiorizadas por ele e vistas como incapazes de emitir qualquer opinião. No entanto, quando é organizada a comissão de inquérito para analisar as atitudes de David, são elas que ajudam a tomar as decisões. Finalmente, Bev Shaw, a proprietária da clínica veterinária onde David passa a trabalhar também é seduzida por ele, apesar de considerá-la desprovida de beleza e sensualidade. Porém, diante da sedução dele, ela se mostra muito mais experiente que ele e o surpreende com suas atitudes.

Em suma, o romance *Desonra* abre um debate sobre a política que discriminou o negro e principalmente sobre a questão social da mulher na África do Sul *pós-apartheid* e sua luta constante para vencer os obstáculos impostos pela sociedade e pelo sexo oposto. A obra revela que os avanços e as mudanças ocorridas no país não promoveram a igualdade entre o homem e a mulher, pois a mulher continua excluída, ainda é considerada inferior, com menos capacidade do que o homem e, conseqüentemente, sem autonomia para tomar decisões. Além disso, as mudanças no território sul-africano também não trouxeram mudanças em nível de igualdade racial. Pelo contrário, tais transformações mostram um processo de volta ao

passado tribal, que é legítimo para os negros, mas que não soluciona os graves problemas enfrentados no país.

### 1.3 OBJETIVOS

#### 1.3.1 Objetivo Geral

O romance *Desonra* mostra uma sociedade que tenta superar a dominação configurada no país e resgatar sua cultura dilacerada em função da imposição da cultura branca. J. M. Coetzee mostra a construção e as características dessa sociedade em mutação, cujas transformações causadas pela reviravolta política tornam os principais desafios. Contudo, no romance observamos que o autor atribui voz a personagens oriundos da margem para que através de seus discursos sejam descortinadas outras visões sobre este período histórico e também seja analisado o processo de superação e resgate da identidade de grupos considerados subalternos dentre eles, o sujeito feminino.

Sabe-se que a mulher em toda a sua existência enfrentou problemas para conquistar seu espaço na sociedade. O sujeito feminino sempre esteve à mercê da visão falocêntrica e foi vista e caracterizada como inferior ao homem. King afirma que “às mulheres não podiam transpor os limites da esfera privada para se introduzirem no espaço exterior onde, na vida econômica, social, cultural e política quem prevalecia era o homem” (KING, 1991, p.219). Em *Desonra*, é notável que as três personagens femininas do romance, mostram sua resistência diante das imposições de David. Mesmo inseridas numa sociedade onde prevalece a visão eurocêntrica e masculina, elas conseguem assumir uma posição de igualdade em relação à ascendência de David. Por isso, o objetivo geral dessa pesquisa é analisar o processo de subjetificação das personagens Soraya, Melanie e Lucy, bem como das demais personagens femininas, no contexto da política *pós-apartheid* sul-africana e do patriarcalismo.

### 1.3.2 Objetivos Específicos

Essa pesquisa investiga os mecanismos subjacentes às ações e ao comportamento das personagens femininas diante das atitudes dominadoras e manipuladoras masculinas.

Analisa-se de que forma as personagens do romance mostram sua subjetividade e como acontece esse processo no período *pós-apartheid*.

Verifica-se também as estratégias das personagens femininas para superar sua objetificação em consonância aos reflexos da política social e econômica *pós-apartheid* e as influências desse período nas atitudes dessas personagens.

## 1.4 JUSTIFICATIVA

Desde o seu descobrimento pelos europeus, a região que atualmente é conhecida como a África do Sul foi submetida a um longo período de exploração colonial capitalista (1630-1910). Em 1910, embora tenha se tornado “independente” do Reino Unido, os resquícios e as marcas do sistema colonial continuaram configurando a dominação do território africano até a oficialização de *apartheid*. Esse sistema político perdurou por décadas no país, tornando o negro nativo duplamente marginalizado e privado de qualquer direito à voz ativa e à representação política.

Contudo, o término de *apartheid* em 1990 não significou o fim do preconceito e da exploração, o que tornou essa época de transição um período difícil para iniciar um novo tipo de sociedade com uma nova mentalidade. Além disso, essas mudanças profundas na sociedade sul-africana não representaram totalmente a superação da objetificação e da subalternização que a colonização deixou no nativo, principalmente a mulher africana que foi duplamente colonizada. Sabe-se que a mulher negra sul-africana além de ser discriminada e explorada em termos de classe e raça, também foi relegada à condição de objeto sexual do homem branco. Portanto, a exploração do corpo da mulher negra é uma representação da colonização da terra nativa, conforme argumenta Du Plessis, para quem “uma mulher da colônia é uma metáfora da mulher como colônia” (DU PLESSIS, 1985, p.46).

No campo literário, é neste contexto que muitos escritores insistiam não apenas na imoralidade do *apartheid*, como também condenam a presunção de a voz do branco analisar



a história africana e representar o sul-africano. Neste mesmo período, o ser feminino passou a ser objeto de estudo em obras literárias que expõem a condição social da mulher e suas tentativas em superar as marcas brutais da dupla opressão.

No Brasil, muitas obras literárias expõem a situação da mulher na sociedade, sua luta e dificuldade em superar o preconceito e o racismo. Desde o século XIX, escritores como Aluísio Azevedo, retratam a figura feminina em suas obras. No romance *O Cortiço* (1890), a personagem Bertoleza é explorada e objetificada pelo homem branco, representado pelo português João Romão. A personagem escrava e negra, sem meios de vencer a opressão, mostra sua resistência quando prefere morrer a ser devolvida para seu antigo dono e voltar ao cativeiro. Aluísio Azevedo retrata no romance as tentativas da mulher negra encontrar sua libertação e mostrar sua voz ativa. Outro escritor que também representou ficcionalmente a constante busca da mulher em conquistar seu espaço na história, foi Machado de Assis. Na maioria de suas obras, o autor subjetifica as personagens femininas como uma forma de mostrar a mulher em um patamar de igualdade ao sexo oposto, com os mesmos direitos e valores. Em outras obras, Machado de Assis expõe a objetificação da mulher negra, a exemplo dessa afirmação, no conto *Pai Contra Mãe* (1906), a crueldade do homem branco é retratada quando uma escrava fugitiva aborta em recinto público no momento em que é capturada. É importante salientar também, que muitos romances africanos, indianos e caribenhos têm retratado a história da mulher negra e suas tentativas para superar a opressão. Enquanto no romance *The Pickup* (2001), da escritora sul-africana Nadine Gordimer, a personagem Julie busca sua subjetificação em meio a um contexto que a exclui e discrimina, a escrava Marta, no romance *Crossing the River* (1993), do escritor caribenho Caryl Phillips, mostra outras estratégias para superar a objetificação imposta.

No início do século XX, muitas escritoras conquistaram seu espaço na sociedade e começaram a retratar a trajetória da mulher e sua luta em vencer as desigualdades, as diferenças e acima de tudo, o preconceito. Sabe-se que as marcas da discriminação racial são mundialmente notáveis e, apesar de o negro ter sofrido mais o estigma de sua cor na África do Sul com o *apartheid*, em todo o mundo os negros, principalmente a mulher negra, foram e ainda são vítimas do preconceito. Por isso, a mulher tem sido objeto de estudo em romances que analisam a condição da mulher negra e suas estratégias para superar o racismo declarado e outras vezes, camuflado.

Dessa forma, o romance *Desonra* retrata de forma polêmica o preconceito, a desigualdade e a opressão contra a mulher e suas estratégias para vencer esses obstáculos que a impedem de atingir sua plenitude existencial enquanto sujeito. Por isso, a importância desse

trabalho se revela porque retrata-se o perfil da mulher em busca de sua identidade em meio a uma sociedade em transformação em todos os aspectos. Portanto, a capacidade de decisão e iniciativa das personagens femininas e a maneira como estão inseridas no contexto patriarcal e nas demais circunstâncias criadas no período *pós-apartheid* na África do Sul são uma contribuição para o conhecimento e análise de situações que morream e estudam a condição de grupos que estão à margem e são vítimas da imposição de outra cultura considerada superior.

Este estudo também é de grande importância por refletir as consequências causadas pela política de *apartheid* na África do Sul, bem como o país tenta superar as drásticas e profundas marcas da opressão que o europeu causou ao nativo e os reflexos desse regime de discriminação racial em todo o mundo. No Brasil, mesmo não havendo uma política semelhante à do *apartheid*, sabe-se que o preconceito contra o negro sempre existiu, de forma disfarçada ou declarada (KAMEL, 2006; TELLES, 2003; MOUTINHO, 2004; COSTA, 2006). Desde a época da escravidão o negro sempre teve que driblar as situações de discriminação em que esteve exposto e, mesmo que a escravidão tenha chegado ao fim, não foi com a Lei Áurea (1888) que o negro alcançou sua liberdade. Mesmo não vivendo em regime de escravidão declarado, o negro sempre foi explorado, relegado aos serviços braçais, com menor remuneração e até hoje enfrenta dificuldades para ter seus direitos respeitados, visto que a sociedade ainda é racista. Muitos negros ainda são constantemente vítimas do preconceito e por isso, não tem seu valor reconhecido. Para a mulher negra, é mais difícil ainda, pois há ocasiões em que é inferiorizada e tem seus direitos negados sendo impedida de exercer as mesmas funções que são exercidas pelas mulheres brancas ou por homens. Por isso, constantemente a mulher negra tenta mostrar seu valor e conquistar seus direitos não apenas perante ao homem, mas também perante a sociedade que a limita e caracteriza como inferior e incapaz.

Diante disso, essa pesquisa justifica-se por investigar as estratégias de revide da mulher se afirmar enquanto sujeito numa sociedade cujos valores são apregoados pela ideologia dominante que vê o sujeito feminino como um ser que não tem voz ativa, vítima de um sistema que a impede de se inserir no círculo social e político onde predomina a visão falocêntrica.

## 1.5 METODOLOGIA

A análise do romance *Desonra* tem um caráter bibliográfico e foi realizada por meio de leitura e resenha de diversos materiais disponíveis na área de Estudos Literários, como também, na área de literatura africana e britânica, visando coletar informações e subsídios para dar suporte ao desenvolvimento do trabalho.

O termo subjetividade e subjetificação vem de sujeito que em português tem duas asseções: 1- Sujeito que vem do latim *sub jacere*, e significa aquele que está embaixo, como por exemplo o sujeito (súdito da rainha). 2- O sujeito gramatical que é o agente da oração e do fazer. O termo subjetividade como é usado nessa dissertação é um termo estático que descreve uma ação já realizada e não passível a modificações. Subjetificação, construída analogicamente ao termo objetificação, é o processo (algo dinâmico) em que a pessoa torna-se sujeito. Portanto, subjetificação é o processo pelo qual o sujeito, freqüentemente reduzido a objeto, se processa dinamicamente para o estado de sujeito. A análise do romance foi feita com base nas teorias pós-coloniais e feministas uma vez que este trabalho tem como objetivo principal analisar a subjetividade das personagens femininas do romance. Sabe-se que um estudo em que se analisa a condição social de grupos excluídos e marginalizados necessita aprofundamento dessas teorias. Adota-se, portanto, o termo pós-colonialismo em seu arquivo ideológico pelo qual se investigam as interpelações, as condições e os eventos aos quais foram submetidos os sujeitos coloniais a partir do momento de colonização até o presente. Quanto ao feminismo, utilizam-se a desconstrução do caráter discriminatório das ideologias de gênero construídas ao longo do tempo pela cultura e as estratégias pela qual a mulher pode mudar sua posição de inferioridade no meio social em que vive.

Dessa forma, analisa-se os processos e mecanismos que revelam a subjetividade das personagens Soraya, Melanie e Lucy de acordo com o contexto em que estão veiculadas, verificando e examinando o período histórico, suas implicações e influências no comportamento humano. A fábula do romance *Desonra* é narrada por um narrador heterodiegético e extradiegético com focalização a partir do protagonista David Lurie. A sutileza dessa narrativa extremamente enxuta está no fato de que todos os eventos narrados passam pela focalização masculina e portanto, é muito difícil perceber o que as outras personagens, especialmente as femininas pensam e refletem. Apesar dessa falta de voz autêntica da personagem feminina podemos perceber as tensões existentes neste período *pós-apartheid*. Embora a focalização no romance seja predominante masculina, analisa-se de que

forma as personagens conseguem superar a opressão mesmo situadas num contexto sem liberdade de expressão e desprovidas da política de informações. Em seguida, foi desenvolvida uma análise interpretativa do romance e de sua ideologia no retrato desses aspectos.

## 1.6 A ÁFRICA DO SUL

A África do Sul é um país de grande importância estratégica para o mundo ocidental e uma região rica em ouro, diamantes, carvão, ferro e minérios vitais para a indústria militar. Ao longo de sua costa viajam quase todos os navios que transportam petróleo para o Ocidente. A África do Sul é também o país mais desenvolvido do continente africano, responsável por quase 50% da produção industrial. A região possui a maior taxa de urbanização, sendo que 80% da população urbana está concentrada em apenas 4% do território, particularmente em torno da conurbação formada a partir de Pretória e Johannesburgo. O controle do território sul-africano está dividido entre três capitais: Pretória (sede administrativa do governo), Cidade do Cabo (sede do legislativo) e Bloemfontein (sede do judiciário). Atualmente, objetivando aumentar a capacidade de geração de renda das propriedades, o governo incentiva o turismo rural, promovendo as belezas naturais do país associadas a um uso comercial moderno da terra, e o desenvolvimento e preservação da cultura africana, que mesmo não poupada pelo *apartheid*, tem um acervo muito grande. A música, o artesanato, as danças e as religiões tradicionais não foram abandonadas, apesar da europeização dos costumes de grande parte dos habitantes. Além disso, outras organizações e meios de incentivo são criados constantemente visando melhorar as estruturas do país. Embora ainda haja muita dificuldade em se estabilizar, a África do Sul normalizou suas relações com o mundo e busca promover de forma ativa seus interesses em todas as instituições regionais, continentais ou multilaterais.

Todavia, a África do Sul também foi um país onde a maioria da população negra não possuía direitos políticos e vivia em guetos miseráveis e superpovoados. O governo era composto quase exclusivamente por brancos que gozava de alto padrão de vida e detinham o poder econômico e político. Essa dominação foi exercida durante mais de três séculos e aprofundou-se devido à utilização de mecanismos presentes no interior da própria sociedade e que influenciaram na formação das mentes dessa mesma sociedade. A ideologia *de apartheid*

foi difundida ao longo da história da África do Sul e reproduzia o ideal de vida da classe dominante fazendo com que o domínio branco configurasse durante séculos.

### **1.6.1 Colonização e *Apartheid***

O processo de ocupação territorial, exploração econômica e domínio político do continente africano por potências europeias iniciou-se no século XV e estendeu-se até a metade do século XX. Ligada à expansão marítima europeia, o colonialismo africano surgiu da necessidade de encontrar rotas alternativas para o Oriente e novos mercados produtores e consumidores.

O território que hoje constitui a África do Sul foi descoberto por navegadores portugueses, os quais iniciaram o processo de colonização ainda na segunda metade do século XV, estabelecendo feitorias, portos e enclaves no litoral oeste africano. Ao fim do século XVI ingleses e holandeses começaram a usar a rota do Cabo no comércio com a Ásia. Em 1647, o holandês Leendert Janssen naufragou no cabo da Boa Esperança e ao voltar a sua terra recomendou que a Companhia das Índias Orientais fundassem naquele lugar uma estação de reabastecimento. Então foi formada uma expedição colonizadora que aportou no Cabo a 7 de abril de 1652. Os holandeses se estabeleceram na litorânea futura Cidade do Cabo, iniciando na região uma nova cultura e uma comunidade conhecida como *bôeres* e posteriormente, para se diferenciarem dos restantes dos colonos, estes se designaram *africâners*. Dez anos depois, a colônia tinha apenas 250 habitantes brancos, mas o censo realizado em 1707 registrou a presença de 1779 pessoas, sem contar os funcionários da companhia. A maior parte dessa população era de origem holandesa. Até os fins do século XVIII foi pequena a imigração para a colônia e a população branca existente na região dividiu-se em três grupos: os moradores da Cidade do Cabo, os agricultores da região sudoeste e os pastores holandeses nômades do interior, conhecidos como *trekboeren*, que foram expandindo o território através de lutas contra os nativos.

Entre o final do século XVIII e meados do século XIX, os ingleses, com enorme poder naval e econômico, assumiram a liderança da colonização africana e como a comercialização de escravos já não era tão lucrativa, direcionaram o comércio africano para a exportação de ouro, marfim e animais. Para isso, estabeleceram novas colônias na costa e passaram a implantar um sistema administrativo fortemente centralizado na mão de colonos

brancos ou representantes da coroa inglesa, tendo como sede a Colônia Britânica do Cabo. Em 1835, com a abolição da escravatura, levantou-se uma disputa sobre a compensação que o governo britânico devia dar aos colonos pela libertação dos escravos. E então muitos começaram a explorar e colonizar o interior da África num movimento que ficou conhecido como *The Great Trek* (a grande viagem). Estes fundaram as suas próprias repúblicas, como o Estado Livre do Orange, atualmente uma das províncias da África do Sul, e o Transvaal, o qual em 1857 se auto-proclamou como República Sul-Africana.

A partir de 1870, a economia da África do Sul sofreu rápida transformação determinada pela descoberta de diamantes próximo ao Transvaal e Orange, atraindo grande número de estrangeiros, na maioria súditos britânicos. Para impedir que alcançassem o poder político, o presidente bôer Paul Kruger negou-lhes o direito ao voto e, ao mesmo tempo, taxava fortemente seus lucros. Essa política provocou reações na Inglaterra e o primeiro ministro da Colônia do Cabo Cecil Rhodes, decidiu derrubar o governo bôer, invadindo o Transvaal. Porém, a invasão foi um fiasco e as tropas invasoras se renderam dias depois. Para tentar uma reconciliação, formou-se um tratado de paz por iniciativa inglesa. Como conclusão desse tratado, o Transvaal e o Orange seriam governados por um alto comissário britânico e a primeira medida foi unificar as colônias e territórios da África do Sul, ainda sob o domínio britânico de administração até 1907. Em 1908, uma assembleia constituinte, composta de representantes do Transvaal, Orange, Cabo e Natal, aprovou uma constituição estabelecendo a União Sul-Africana, na qual esses estados passariam a integrar a comunidade britânica (WESSELING, 1998).

Nesse mesmo período, as primeiras leis de segregação racial (*apartheid*) foram criadas e afetaram mestiços, indianos e especialmente os negros nativos, que, embora fossem a maioria, foram praticamente alijados da condução dos negócios. Em 1913, foram promulgados a Lei de Terra dos Nativos, que delimitava o território em que os negros nativos poderiam viver, e a Lei do Passe, com a finalidade de controlar a circulação dos negros pelo país. Essas medidas começaram a deixar mais definida a discriminação já existente.

A Lei de Terras dos Nativos forçou o negro a viver em reservas especiais, conhecido como *bantustans*, criando uma gritante desigualdade na divisão de terras do país, já que esse grupo formado por 23 milhões de pessoas, ou seja, 84% da população, ocuparia 13% do território, enquanto os outros 87% das terras seriam ocupados pelos 4,5 milhões de brancos, ou seja, 16% da população. A lei proibia que negros comprassem terras fora da área delimitada, impossibilitando-os de ascender economicamente, ao mesmo tempo em que garantia mão de obra barata para os latifundiários brancos. Já a Lei do Passe obrigava os

negros a apresentarem o passaporte para se locomoverem dentro do território, para obter emprego. Nas cidades era permitido que os negros realizassem trabalhos essenciais desde que vivessem em áreas isoladas, conhecidas como guetos.

A partir de 1948, o governo da minoria branca oficializou o regime de *apartheid* e com a chegada do Partido Nacional ao poder na década de 50, o regime de segregação legislativo intensificou-se. Ao longo dos anos foram estabelecidas várias leis que promoveram e ampliaram a discriminação racial tanto em nível geográfico - bairros ou bantustões, onde os negros viviam separados - como espacial, pois a separação era obrigatória em praias, clubes, transportes, bibliotecas e muitos outros lugares públicos. Esse processo foi chamado de “pequeno *apartheid*” e a partir daí, surgiu a implementação da ideologia do “grande *apartheid*” que pretendia uma África do Sul totalmente branca. Essa ideologia era centrada no pensamento que rejeita todo tipo de miscigenação, vista como nociva à manutenção de identidades raciais ou étnicas. Assim, a construção da nação sul africana se daria rejeitando a mediação representada pela figura do mestiço e do negro.

Dessa forma, os bantustões se tornariam estados independentes e seus moradores passariam a ser cidadãos desses pequenos países, mas estrangeiros no restante do território da África do Sul, inclusive nas regiões onde trabalhavam. Esse regime também criou leis sobre o convívio entre raças, como a lei do matrimônio, pela qual, uniões mistas eram consideradas ilegais e como a Lei do Passe, a qual controlava o movimento da mão-de-obra negra na região branca e regulavam os sindicatos e as greves. A política de segregação racial tirou dos negros os seus direitos políticos e mergulhou a África do Sul numa fase crítica de sua história. Essa política aumentou a convicção de todos que se havia encontrado uma fórmula que garantiria o futuro de uma minoria branca para o próximo século.

A partir de 1960 começaram a surgir pequenos movimentos contrários a essa política e nesta mesma década, Nelson Mandela (n.1918), já considerado uma lenda, passou a liderar o Congresso Nacional Africano (CNA-organização negra fundada em 1912), lançando a campanha de desobediência civil e conscientizando os nativos sobre a imoralidade do *apartheid*. Ainda em 1960, houve um massacre em Sharpeville onde 67 negros foram mortos pela polícia em uma manifestação *anti-apartheid*. Como estes negros eram adeptos da ideologia anti-racismo do Congresso Nacional Africano, o CNA foi declarado ilegal e Mandela foi perseguido, preso em 1962 e condenado à prisão perpétua. A década de 70 foi marcada pelo movimento da consciência negra, filosofia criada por Steve Biko (1946-1977) cujo princípio centrava-se na valorização do negro e seus direitos, na luta por uma sociedade igualitária para todos. Steve Biko acreditava na possibilidade de utilizar manobras pacíficas

contra o regime, sem utilizar a violência, tentava operar por dentro dos limites da lei sul-africana. Sua ideologia ajudou a constituir e conscientizar uma nova geração de negros.

A confirmação da adoção dessa nova forma de luta veio, em 1976, com a manifestação de estudantes em Soweto. Este episódio teve início quando o governo da minoria branca passou a pressionar o sistema de educação para que a língua oficial ensinada nas escolas negras passasse a ser o afrikaans. Professores e alunos não aceitavam tal imposição, pois desejavam aprender o inglês que poderia oferecer-lhes melhores oportunidades de trabalho nas indústrias, além de o afrikaans ser a língua do opressor. Dessa forma, iniciou-se uma série de protestos entre os quais o de Soweto sem dúvida foi o mais importante e o mais conhecido.

Foi na década de 80 que começaram a surgir mudanças radicais contra essa política. Segundo Klaas,

Os anos 80 iniciaram-se com uma série de movimentos de sabotagem, ataques a delegacias e carros bombas. Em represália, o governo atacou supostas bases do CNA. A luta dos africanos negros passou a ser, além de buscar a liberdade e o fim do regime racista, a visar à transformação da sociedade, buscando maior redistribuição das riquezas, desenvolvendo um enorme sentimento contra o capitalismo sul africano responsabilizado por tantas e tão profundas desigualdades (KLAAS, 1991, p.75).

Os negros passaram a ver os homens de negócios como opressores e a identificar o *apartheid* ao sistema capitalista. Assim, além de pôr fim ao *apartheid*, também passaram a tentar subverter o sistema capitalista. Ainda na década de 80, quando começaram a ficar claros os limites da forte dominação branca, várias leis segregacionistas foram criadas e logo revogadas, o que aumentou a tensão entre negros e brancos. De 1985 a 1988 o governo instaurou no país o estado de emergência porque os tumultos *anti-apartheid* fizeram muitas vítimas. Em 1989, o novo presidente eleito Frederic de Klerk (n.1936) iniciou uma política de abertura em relação à maioria negra, anunciou a legalização do Congresso Nacional Africano, considerado ilegal por criticar duramente o presidente da minoria branca e promover protestos e manifestações *anti-apartheid*, aboliu a segregação racial nos locais públicos e as leis que sustentavam o *apartheid*. Essas medidas não eliminaram a violência interna, mas determinaram a suspensão de grande parte das sanções internacionais contra a África do Sul. Na mesma época, Nelson Mandela foi libertado e simbolicamente, foi o início de novos tempos.

Em 1990, foi decretado o fim do *apartheid*. Em 1994 foram realizadas as primeiras eleições multirraciais no país e Nelson Mandela saiu vitorioso. No ano anterior, Mandela já



havia sido premiado com o Prêmio Nobel da Paz. Desde então, Mandela estabeleceu um governo de coalizão com Frederic de Klerk e várias leis foram criadas para averiguar as ilegalidades do *apartheid*. O novo governo da maioria negra deu início a vários programas de reconstrução e desenvolvimento, assumindo a retomada do crescimento e a reorganização das estruturas do país. Neste sentido, “a década de 90 na África do Sul caracteriza-se pelo desmantelamento da política de *apartheid* e pela abrangência da reconciliação compreensivelmente lenta, iniciada pela Comissão de Reconciliação e Verdade” (Bonnici, 2000, p.12). Nelson Mandela deixou o governo do país em 1999, substituído por Thabo Mbeki, (n. 1942), ativista *anti-apartheid*, de origem negra e com forte tradição na política. Contudo, a África do Sul, livre do *apartheid* tem um longo e difícil caminho a percorrer para a superação das diferenças sociais, econômicas e culturais herdadas dos anos de colonização e de segregação racial (BENSON & CONOLLY, 1994).

### **1.6.2 O Período Pós-apartheid**

A história sul africana mostrou o quanto uma distribuição de poder pode ser distorcida e, ao mesmo tempo, legalizada, podendo resultar num sistema social deformado apoiado por forças de repressão enérgicas. Mas a história também mostra que uma oposição, mesmo fora das estruturas legais, pode desafiar esse poder. Algumas formas de resistência puderam ser notadas durante a vigência do *apartheid* e, mesmo que essa política tenha terminado, não significou o fim do preconceito racial e da discriminação no país. Cornevin afirma que “a África do Sul é a única nação do mundo que incluiu o racismo na sua constituição e também o único país em que a cor da pele determina inelutavelmente a categorização dos cidadãos na hierarquia social” (CORNEVIN, 1979, p. 19). Segundo Lopes, “a luta continua na África do Sul. Hoje existem bairros luxuosos e alguns de seus moradores ostentam riquezas, mas sabem do risco de ter muito em um lugar que muitos não têm nada. O *apartheid* acabou, mas agora convivemos com o *apartheid* econômico” (LOPES, 1999, p. 30). Apesar de que um dos objetivos históricos na África do Sul seja construir uma nação e promover a unidade nacional, as diferenças sociais no território africano ainda são imensas, pois existem pessoas que não têm o mínimo de condições de sobrevivência. Atualmente, os conflitos internos prolongados e profundamente enraizados têm levantado importantes questões ao nível da resolução de problemas sociais e da construção da paz. Resulta disso, a

necessidade de quebrar os ciclos da violência alargada que corroeram o tecido social de um país em conflito durante décadas.

Após o término do regime de *apartheid*, iniciou-se um processo de reconciliação e em 1995 foi criada pela Lei da Unidade Nacional, a Comissão Verdade e Reconciliação. Essa comissão era formada por 17 comissários designados pelo presidente da República e tinha como presidente o arcebispo Desmond Tutu. Com sede na Cidade do Cabo, manteve três filiais: em Johannesburgo, Durban e East London e sua primeira reunião foi realizada no dia 16 de dezembro de 1995, ano em que se comemora a data da reconciliação na África do Sul. A Comissão Verdade e Reconciliação tinha como objetivo centrar-se na reconstrução sócio-psicológica pós-conflito e na reconstrução de identidades onde pudesse se encontrar um lugar para o reconhecimento da dignidade do outro. Este processo de reconciliação, apesar de iniciar num contexto de transição política muito frágil, tinha como propósito desvendar a verdade acerca dos conflitos políticos do passado, ocupando-se das graves violações dos direitos humanos ocorridos entre março de 1960 a maio de 1994. Desde o início da criação da Comissão de Reconciliação e Verdade na África do Sul, a linha de orientação de todo o trabalho desenvolvido foi tentar compreender os acontecimentos do passado. Desse modo, não procurou vingança ou retaliação, buscou-se apenas revelar os fatos ocorridos durante a vigência do regime de *apartheid* para que a sociedade pudesse saber não só quem tinha cometido essas violações, mas também o que tinha acontecido. Objetivou-se ainda, iniciar ou facilitar uma estratégia de reconciliação nacional, ajudando a estabelecer uma ponte para o futuro, criando uma cultura valorativa contra a impunidade e a defesa dos direitos humanos. Essa comissão, mesmo enfrentando as dificuldades políticas do período, buscou averiguar as ilegalidades do *apartheid* e o abuso de poder, através de um sistema de relatos das vítimas e referências das atrocidades políticas do passado, mesmo diante das complexidades vividas pela sociedade atual. Segundo Lopes, “A reconciliação é extremamente complexa e difícil em sociedades com grave polarização sobre o passado, quando o novo marco de convivência é dominado por antigos atores ou novas forças de exclusão” (LOPES, 1999, p. 210).

Na África do Sul, o delicado processo histórico de transição negociada desde fevereiro de 1990, resultou num novo governo de unidade nacional que herdou uma dependência das instituições e funcionários do antigo regime. Na África do Sul, o projeto de reconciliação centrou-se na premissa de que a revelação da verdade sobre o passado permitiria aos sobreviventes chegar ao fim da opressão e de que o perdão, tomando forma de anistia, e a vontade de enfrentar um futuro unido levariam à construção de um novo país onde se encontra a paz. Além disso, após a destruição da sociedade civil o primeiro passo para a reconciliação

foi acabar com a reciprocidade negativa, tendo como pré-requisito a aceitação da humanidade do outro e o respeito pela sua dignidade, enfrentando os desafios como a superação do trauma e do medo, criando bases para uma coexistência pacífica. Foram anuladas as leis discriminatórias e as novas leis para impedir a exclusão social incluem a reforma agrária e a lei do inquilinato, também foram tomadas providências com relação à igualdade dos sexos e igualdade de emprego. Programas com metas especiais protegem os idosos e as crianças, bem como os deficientes e trabalhadores vulneráveis, como domésticos e rurais. No entanto, algumas dessas medidas não entraram em vigor e após o período de *apartheid* além das marcas da dominação continuarem configurando no país, a população negra marginalizada ficou investida de um sentimento de ódio e vingança, o que resultou em grandes desavenças no país. Além disso, as populações da África continuam até hoje marcadas pelo estigma da cor e pelas lembranças do *apartheid* racial, cujo fim não trouxe maior igualdade entre os sexos ou níveis de vida, regressão do grave subemprego ou fim do analfabetismo na população negra. Apesar de o novo governo ter dado início ao programa de Reconstrução e Desenvolvimento objetivando dismantelar as relações sociais do *apartheid*, criando uma sociedade democrática, baseada na igualdade, na ausência do preconceito racial e discriminação sexual, ainda existem sinais que não podem ser ignorados, como a falta de habitação, desigualdade e as insuficiências dos serviços sociais. Na realidade, a política *pós-apartheid* trouxe escassa mudança na situação da maioria dos sul-africanos: pobreza, carência educacional e a falta de emprego ainda são grandes problemas que estão longe de serem solucionados. As desigualdades herdadas do período de *apartheid* persistem no presente e o país continua moldado pelas desvantagens em termos de raça, classe e gênero.

Atualmente, a África do Sul enfrenta desequilíbrios sócio-econômicos decorrentes da dramática expansão da AIDS. Com uma numerosa população infectada, o país ainda não dispõe de recursos para evitar a proliferação e ter o controle da doença. Com uma população de 44 milhões (70% negros), o país aos poucos tenta superar as longas décadas de dominação e iniciar um processo de construção da democracia. O governo ainda enfrenta vários desafios no campo do sistema educacional, pois o sistema deixou de ser segregacionista, porém as crianças negras continuam freqüentando escolas cuja qualidade de ensino é bem inferior. Além disso, muitas crianças não têm acesso ao ensino porque trabalham para ajudar no orçamento familiar, uma vez que grande parte da população negra é pobre e encontra dificuldades para sobreviver. O sistema de saúde também apresenta sérios problemas, sobretudo em zonas rurais, onde grande parte da população vive isolada, longe dos grandes centros e sem condições mínimas de atendimento médico. Por isso, doenças como a

tuberculose e a Aids ainda não foram controladas e atingem grande parte da população que acaba morrendo sem atendimento médico. Contudo, um dos problemas mais graves, é que as estatísticas apontam que no país existem cerca de 2 milhões de soropositivos e há poucos programas de saúde que trabalham no controle para evitar a proliferação da doença que atinge todas as faixas etárias da população. Além disso, as pessoas infectadas com vírus da AIDS não recebem tratamento adequado e por isso, a mortalidade tem alto índice no país.

O desemprego também é outro agravante. A população tem pouca qualificação, uma vez que o sistema de ensino é precário, os negros têm pouca escolaridade e não atende as necessidades exigidas e necessárias. Os jovens não têm acesso a cursos profissionalizantes, nem condições de frequentar universidades e com isso, o desemprego no país já chegou a 29% em 1995, atingindo 50% dos negros. As conseqüências desse problema são visíveis, pois aumentam as diferenças entre a maioria negra e pobre e a minoria branca de grande poder aquisitivo. Além disso, a maioria negra está insatisfeita porque não teve expressiva melhora em suas condições de vida, uma vez que grande parte da população além de conviverem constantemente com preconceito racial, vivem em precárias condições. Diante desses problemas, os poucos brancos existentes na África do Sul temem pela segurança de sua herança material e cultural no país e, nessas condições, a violência urbana é hoje o maior problema e apresenta altas taxas de homicídios, de violações e racismo. A violência urbana atinge principalmente os jovens e são constantes os tumultos provocados por grupos insatisfeitos com a forma de governo. O que se nota atualmente, é que ainda são muitos os problemas vividos pela sociedade sul-africana e nesta segunda década de liberdade, o ambiente global é incerto, com tensões crescentes, unilateralismo e questões comerciais não resolvidas. Muitos fatos atuais ainda contém as sementes da marginalização da África e a construção de identidades está longe de atingir seu objetivo porque a desigualdade no país ainda é muito grande. Por isso, a visão é de uma África dilacerada pela pobreza e pela discriminação, e com poucas oportunidades de uma abordagem mais humana de suas dificuldades, uma nação com graves problemas em todos os aspectos e que aos poucos tenta se recuperar das mazelas deixadas pelo *apartheid*.

## 1.7 J. M. COETZEE: VIDA E OBRA

John Maxwell Coetzee, mais conhecido como J. M. Coetzee, nasceu em 1940 na Cidade do Cabo, África do Sul. Descendente de bôeres (holandeses radicados na África do Sul), é um dos principais escritores contemporâneos e ao todo já escreveu 12 romances. *Disgrace* (1999), traduzido por José Rubens Siqueira como *Desonra* (2000), ocupa o oitavo lugar na lista de romances do autor e também é uma das obras emblemáticas que fez com que Coetzee fosse agraciado com o prêmio Nobel de Literatura em 2003.

Aos 67 anos, Coetzee passou grande parte de sua vida pelo mundo. Depois de se graduar na África do Sul em matemática e língua inglesa, mudou-se para Londres em 1961, onde foi trabalhar como programador de computador. Em 1965 deixou a capital britânica e mudou-se para os Estados Unidos, onde estudou lingüística e literatura no Texas e em Nova York. Depois de lecionar na Universidade Estatal de Nova York em Buffalo, voltou à África do Sul. Em 2002, mudou-se para a Austrália, onde vive atualmente com sua esposa e leciona na cidade de Adelaide e em Chicago (ATTRIDGE, 2007).

Coetzee é considerado ora um autor marcado pelo *apartheid*, ora um autor do *pós-apartheid*, que por vezes trata da divisão racial da sociedade sul africana, mas que não se prende a esse momento histórico. O fato é que tanto o *apartheid* quanto o *pós-apartheid* foram apontados como períodos característicos em seus romances e o território africano tem sido o palco onde são ambientadas a maioria das obras do autor. Segundo Coetzee, “das principais questões que leva para as páginas, o racismo oficial que perdurou na África do Sul até quase o fim do século XX é o assunto de maior interesse abordado por ele e a África do Sul nos últimos 40 anos tem sido um lugar onde o povo teve que lidar com dívidas morais realmente imensas” (Jornal *A Notícia*, 2003). Ainda segundo o autor, “A sociedade de *apartheid* é uma sociedade de senhores e de escravos onde os próprios amos não são livres” (FOLHA on line, 2007).

Dessa forma, os perfis escritos por Coetzee apontam o contexto de *apartheid* como assunto de maior influência em sua literatura, na qual se destaca *Desonra*, provavelmente sua obra prima. Contudo, além dos efeitos da opressão no território africano, o autor também tem demonstrado grande habilidade e interesse pela inexorável solidão do ser humano. Segundo a Academia Sueca (2003), fundada em 20 de março de 1786, na cidade de Estocolmo, Coetzee jamais usa a mesma receita duas vezes em seus livros, o que contribui para a grande variedade

de sua obra e prestígio conquistado no mundo todo desde o início de sua carreira como escritor.

Em 1974, Coetzee publicou seu primeiro romance intitulado *Dusklands*. A obra foi dividida em duas novelas. A primeira narrativa aborda um funcionário do governo americano em meio à guerra do Vietnã, então em seus estertores; a segunda narra a vingança do colonizador holandês Jacobus COETZEE contra uma tribo africana no século XVIII. Três anos depois, Coetzee publica *In the Heart of the Country* (1977), traduzido no Brasil por Luís A. de Araújo como *No coração do país* e publicado em São Paulo pela Editora Best Seller em 1997. Nesta obra ele retrata a trajetória de uma mulher que quer se vingar do marido que a trocou por uma jovem negra. Em 1980, publicou *Waiting for the Barbarians*, traduzido no Brasil por José Rubens Siqueira como *À espera dos bárbaros*, e publicado pela Companhia das Letras em 2006. A obra descreve o ponto morto de uma sociedade totalitária. A trama do livro se passa na fronteira de um país africano supostamente prestes a ser invadido por bárbaros. De início, tem-se um magistrado que lida com os aspectos jurídicos de um vilarejo para que as sentenças sejam julgadas da melhor maneira possível. O que acontece é uma espécie de revelação de maus tratos e tortura, a que os suspeitos, considerados bárbaros, eram na realidade vítimas desde o instante da prisão. Quando descobre os maus tratos, o magistrado também conhece uma moça nativa que passou pela sessão de tortura. Como autômato, o magistrado também obedece a seus impulsos de vontade erótica tomando atitudes moralmente erradas fazendo com que ele termine na prisão por ir de encontro aos interesses do império. Então, passa a sentir na pele o que é esperar pelos bárbaros. O romance é bem articulado, e a princípio, a preocupação é puramente material e sem maiores considerações sobre a condição humana, esse conceito passa a mudar e situações de ordem sentimental começam a acontecer no decorrer da trama.

Em 1983, publicou *Life and Times of Michael K*, obra traduzida no Brasil por José Rubens Siqueira como *Vida e época de Michael K* e publicada pela Companhia das Letras em 2003. Com este romance, Coetzee foi premiado com o Booker Prize, principal prêmio de Literatura da Inglaterra. Nesta obra, o autor retrata a trajetória de um jovem negro que viaja pelo país carregando as cinzas de sua mãe e fugindo de uma guerra que não consegue entender, além de retratar a solidão de todo ser humano. Em 1986, COETZEE publicou *Foe*, uma reescrita do romance *Robinson Crusoe* (1719), de Daniel Defoe (1660-1731). No romance a personagem Susan Barton dá sua versão sobre as aventuras de Robinson Crusoe e Friday na ilha desabitada e tenta publicar o livro na Inglaterra através do escritor Defoe. Em 1990, COETZEE publicou *The Age of Iron*, romance em que a narrativa se passa na Cidade

do Cabo, África do Sul e conta a história de uma professora, chamada Mrs. Curren que está prestes a morrer de câncer. Durante toda a vida, ela foi contra as mentiras do *apartheid* e tem resistido às crueldades desse horror. De repente, ela é forçada a conviver com um grande problema proveniente desse sistema. Em uma longa carta a sua filha que vive nos Estados Unidos, Mrs. Curren conta o estranho acontecimento que presenciou. Ela testemunha a morte do filho de sua servente por homens das forças de segurança. Já no final da vida e prestes a morrer, ela não tem com quem conversar e sua única companhia é um homem alcoólatra que apareceu em sua casa. Em 1994 publicou *The Master of Petersburg*, obra em que COETZEE recria Dostoiévski para investigar o inferno dos outros que existe em nós. Traduzido por José Rubens Siqueira como *O mestre de Petersburgo* e publicado no Brasil pela Companhia das Letras em 1995, a obra tem como cenário a cidade de Petersburgo, capital do império czarista. Em 1969, o escritor personagem Fiódor Dostoiévski acaba de voltar de Dresden, na Alemanha, para investigar a morte de seu enteado que morreu em circunstâncias estranhas. Dostoiévski tem acesso a documentos importantes sobre o rapaz e descobre que ele não se suicidou como alega a polícia, mas sim foi vítima de grupos anarquistas com quem estava envolvido. Para investigar o crime e descobrir a verdade, Dostoiévski enfrenta sérios problemas e acaba desvendando a vida dupla do rapaz assassinado.

Em 1999, Coetzee publicou o romance *Disgrace*, romance pelo qual Coetzee angariou novamente o Booker Prize e, logo em seguida o Nobel de Literatura em 2003. A obra foi traduzida no Brasil por José Rubens Siqueira como *Desonra* e publicada pela Companhia das Letras em 2000. Nesta obra o autor conduz seus personagens aos limites da vergonha e da humilhação. “E é graças a esse desencanto radical, a essa dureza sem concessões, que *Disgrace* merece e supera os prêmios recebidos pelo autor” (Revista Época, 2003). O romance é duro e triste. A história do Professor David Lurie é contada em prosa extremamente concisa, expondo os resquícios do *apartheid* na África do Sul, o revide do negro contra o branco e as condições de grupos marginalizados numa sociedade cuja cultura foi praticamente destruída. Em 2002, Coetzee publicou ainda *The Lives of Animals*, traduzida por José Rubens Siqueira como *A vida dos animais*, e publicado pela Companhia das Letras em 2002. Nesta obra Coetzee deixa de lado o problema racial sul-africano abordado na maioria de suas obras e vai de encontro aos maus tratos contra os animais. Também aborda conceitos antropocêntricos e relaciona-os à investigação de Elizabeth Costello sobre o direito dos animais.

As obras mais recentes de Coetzee são *Elizabeth Costello: eight lessons* (2003), *Slow Man* (2005) e *Diary of a Bad Year* (2007). Em *Elizabeth Costello*, o leitor é introduzido num

mundo em que uma renomada escritora de 66 anos viaja pelo mundo recebendo prêmios, dando palestras e se metendo em polêmicas acadêmicas. Seu livro mais conhecido já é antigo, dos anos 60, mas ela segue cercada de atenções, de jornalistas deslumbrados e de seguidores interesseiros. Por meio da escritora e dos debates em que se envolve, Coetzee monta um intrincado jogo de espelhos e os temas abordados pela protagonista são os mais diversos: das origens do mal ao humanismo, dos direitos dos animais à função da universidade na sociedade contemporânea. Em *Slow Man*, o personagem principal é Paul Rayment, um fotógrafo de 60 anos que mora na cidade de Adelaide, Austrália. Paul é um homem solitário, divorciado, sem filhos e não tem família, também não tem amigos. Um dia, voltando para casa de bicicleta, ele sofre um acidente e tem seu pé direito amputado acima do joelho. Resistente em usar prótese por se considerar velho, ele fica totalmente dependente de cuidados de terceiros. Então contrata uma enfermeira croata, chamada Marijana Jokic, por quem se apaixona. O problema é que a enfermeira é casada e mãe de três filhos. Além disso, Paul não acredita que ela se interesse por um homem idoso. A narrativa ganha mais intensidade quando Paul recebe a visita de Elizabeth Costello, que sugere a Paul que ele precisa dar sentido a vida e espaço para o amor. A presença de Costello permite que o autor explore não somente o relacionamento entre um escritor e os personagens, mas também entre a paixão e a razão. Em *Diary of a Bad Year*, John Coetzee, o protagonista, vive na Austrália e leva uma vida aparentemente calma. O personagem tece relatos do cotidiano, sobre as origens do estado e os equívocos da noção de democracia. Suas reflexões são entrecortadas pela presença de uma jovem chamada Anya, que ele conhece em uma lavanderia. O romance trata-se de um retrato lúcido da condição humana, muitas vezes povoado de algum pessimismo ou amargura, principalmente quando se refere ao estado, que é uma espécie de mal necessário.

Coetzee publicou também duas obras autobiográficas, a primeira *Boyhood: Scenes of Provincial life* (1997), traduzida no Brasil por José Rubens Siqueira como *Infância: cenas da vida provincial* e publicada pela Companhia das Letras em 1998. A obra é uma narrativa ficcional sobre sua infância e o autor conduz o leitor a uma viagem às suas experiências de menino no país sul-africano durante o período de *apartheid*. A obra expõe ainda o relacionamento do autor com seus pais, a mãe uma inglesa branca e o pai branco descendente de africanas. A ausência do pai, que não lhe dava muita atenção por ser alcoólatra, é compensada pela mãe, por quem ele tem verdadeiro amor e admiração. A história focalizada no narrador, mostra um menino que vive num lugar estranho e que mesmo sendo uma criança também tem seus problemas, desde familiares até religiosos, mas que ao mesmo tempo é feliz



e gosta do lugar onde vive mesmo diante das diferenças culturais. A segunda obra autobiográfica é *Youth: Scenes of Provincial Life II* (2002), também traduzida por José Rubens Siqueira como *Juventude: cenas da vida na província II* e publicada pela Companhia da Letras em 2005. Narrado em terceira pessoa, a obra revela a juventude de um rapaz sul-africano, sonhador e poeta recém formado em Matemática, que vai morar em Londres logo após o massacre de Shaperville, com o objetivo de construir uma carreira literária. Na sociedade inglesa dos anos 60, John se considera um jovem insignificante, que trabalha como programador de computadores e leva uma vida comum. Os problemas começam quando ele passa a cuidar do apartamento, da babá e da filha de uma mulher divorciada que vai passar as férias na Grécia. Então o ex-marido da proprietária aparece e lhe causa alguns transtornos, mas nada que possa mudar sua vida sem sentido. O romance é um retrato notável de sua consciência, de um homem que se esforça para encontrar seu espaço no mundo. Escrito com suavidade e clareza, a obra é um acerto de contas do autor com seu passado opaco e sem aventuras. Referentes a sua obra não-ficcional, destacam-se *White Writing*, (1988), *Stranger Stories* (2001), e *Inner Workings* (2007), esses últimos são coleções de ensaios publicados em *New York Review of Books*, jamais traduzidos no Brasil.

As obras de J.M. Coetzee são conhecidas no mundo todo, inclusive no Brasil onde muitas já foram traduzidas e apreciadas por seus leitores, além de contribuírem como fonte para desenvolvimento de trabalhos e pesquisas. No mundo todo, o autor celebrou-se principalmente por retratar em seus romances, uma África do Sul como um lugar de luta racial e do conflito político. “A maioria de suas obras as narrações não recorrem somente a um período histórico preciso. Seus personagens, prisioneiros de um destino as vezes individual, as vezes coletivo, sempre estão envolvidos em situações extremas, característica que torna o autor renomado e conhecido em todo o mundo” (REVISTA ISTO É, 2003). Para o autor, “viver em sociedade é um redemoinho de privações e não podemos nos isolar mentalmente de nenhuma realidade” (FOLHA de S. Paulo, 2002). Essa afirmação comprova o valor incomparável de sua literatura.

No exterior pode-se dizer que o autor é muito conhecido por seus trabalhos e obras. Segundo KNPB Channel Public Broadcasting (2000), “Coetzee is a master of literature and one of the most intellectually sophisticated novelists writing today” [Coetzee é um mestre da literatura e um dos maiores intelectuais e sofisticados escritores de romances da atualidade] (Tradução minha). Segundo Benjamin Kunkel, “Coetzee is a master storyteller trying through his fiction to imagine a way his country can handle the future without sacrifice the present” (*Village Voice*, 1999) [Coetzee é um mestre em contar histórias tentando através de sua ficção

imaginar uma forma de seu país enfrentar o futuro sem sacrificar o presente] (Tradução minha). O autor tem sido muito elogiado pelos romances que tem escrito, especialmente pelo romance *Desonra*. Segundo John Kennedy from *The Antioch Review*, “In it’s honest and relentless probing of character and movie – reminiscent of Walker Percy’s insightful Writings – this novel secures Coetzee’s among today’s major novelist. It deals with love and relationship at their most basic and dark levels – as path to both meaning and survival” [Nesta original e inexorável investigação de caráter – remanescente dos escritos introspectivos de Walker Percy – o romance garante a Coetzee um lugar entre os maiores romancistas. A obra conduz com amor os diversos relacionamentos em seus níveis mais profundos - como um sentido para a sobrevivência] (Tradução minha).

Para Paul Bailey from *The Independent*, “*Disgrace* is a subtle, multi-layered story, as much concerned with politics as it is with the itch of male flesh. Coetzee’s prose is chaste and lyrical without being self-conscious: it is a relief to encounter writing as quietly stylish as this. I was not totally convinced by Lurie’s musical abilities, with regard to his proposed opera, but that is my sole complaint.” [*Desonra* é uma história sutil e misteriosa, tão voltada para a política quanto o desejo do homem pelo corpo. A prosa de Coetzee é simples e lírica sem natureza de consciência própria: Isso torna a narrativa elegante e moderna. Não fui totalmente convencido pelas habilidades musicais de Lurie, com respeito ao trabalho dele sobre a ópera, esta é minha única reclamação] (Tradução minha). Daniel Davies from *The Lancet*, afirma que “*Disgrace* offers an apocalyptic vision from contemporary South África. (...) What transform *Disgrace* from a good, compelling book into a work of brilliance is its allegorical reach” [*Desonra* oferece uma visão apocalíptica da África do Sul atual. (...) O que torna *Desonra* um bom livro para trabalhar é a brilhante alegoria que ele atinge] (Tradução minha). Elizabeth Lowry from *London Review of books* afirma que “*Disgrace* is the best novel Coetzee has written. It is a chilling, spare book, the work of a mature writer who has refined his textual obsessions to produce an exact, effective prose and condensed his thematic concern with authority into a deceptively simple story of family life. Half campus novel, half anti-pastoral, it begins quietly enough in Cape Town. (...) As so often in Coetzee’s fiction, the characters in *Disgrace* have a metonymic or symbolic function” [*Desonra* é o melhor romance que Coetzee tem escrito. É um livro frio e sobressalente, o trabalho de um escritor maduro que refinou sua obsessão textual para produzir uma exata e efetiva prosa, cuja temática se concentra na história de sua simples vida familiar. Romance quase universitário, meio anti-pastoral, acontece na Cidade do Cabo (...) como em outras ficções de Coetzee, o personagem principal tem função metonímica ou simbólica] (Tradução minha).

Segundo Joseph McElroy from *The Nation*, “Yet if it is faith Coetzee confesses, complete with annunciation and sacrifice, the form it takes is an art of stubborn, palpable inquiry. The apartness and pastoral retreat in some of the earlier work find in *Disgrace* even hints of a future for groups, for the polis” [Mesmo que Coetzee firmemente admita, com completa anunciação e sacrifício, a arte do romance é inflexível e de palpável averiguação. O distanciamento e o toque pastoral no romance fazem igualmente uma alusão do futuro para os grupos, para a sociedade] (Tradução minha). Para Christopher Lehmann-Haupt from *The New York Times*, “The effect of the novel’s plot is deeply disturbing, in part because of what happens to David and Lucy, but equally because of the disintegrating context of their experiences. Not even language can be trusted” [o efeito da conspiração no romance é profundamente interrompido em parte por causa do que acontece com David e Lucy, mas igualmente por causa da desintegração contextual da experiência deles. Na linguagem isso não é igualmente esperado] (Tradução minha). De acordo com Ranti Williams from *Times Literary Supplement*, “Lurie is a fascinating, fully realized character, defined throughout the novel in terms of his inability to relate to the women in his life (...) In fact, *Disgrace* is not about Lurie’s relationship with women, but about what these relationships tell him about himself” [Lurie é fascinante e um personagem completamente realizado, definido em todo o romance por sua falta de habilidade de relacionar-se com as mulheres que fazem parte da sua vida. De fato, *Desonra* não é sobre a história de Lurie e seu relacionamento com as mulheres, mas sobre o que estes relacionamentos lhe revelam sobre si próprio] (Tradução minha).

Pelo exposto, nota-se que suas obras mundialmente conhecidas retratam em incontáveis aspectos o desconcertante envolvimento dos marginalizados na vida social. O interesse do autor vai ainda mais longe, ele se dirige especialmente em situações cuja distinção entre o certo e o errado não servem para nada e, mesmo quando suas convicções ficam expostas, ele elucida as premissas em que se baseia em vez de simplesmente defendê-las.

## 1.8 A FÁBULA DE *DESONRA*

Poucas obras se revelam tão ariscas a qualificações quanto ao romance *Desonra*. Além de brilhante a reflexão sobre o caos provocado pelas repentinas mudanças das relações sociais na África do Sul, *Desonra* também aponta para uma série de outras questões presentes

no coração de qualquer sociedade e indivíduo – as difíceis exigências da velhice, a matizada relação entre homens e mulheres, o desencontro das gerações e seus impasses; a decadência da imaginação humanística, do erotismo; a tensão e o contraste entre os valores rurais, cujo pensamento arcaico se mostra indiferente à sofisticação do homem citadino. A personagem que “encarna” essas contradições e acidentes é o personagem David Lurie, afastado de seu cargo por um processo de assédio sexual, e que “foge” de seus problemas mergulhando na zona rural de seu conturbado país em mudanças. David é um homem comum, nem frágil nem forte, cujos instrumentais – seu intelecto, seus livros, seu prestígio – revelam-se praticamente nulos para lidar com o mundo que o cerca, com a sucessão de problemas e desafios que, um após o outro, caem-lhe sobre os ombros. Essa nova África do Sul, com sua nova ética, que se modifica alheia à sua vontade e controle, parece até mesmo, quando não revela indiferença, alimentar um prazer em sua queda, acumular uma vitória face a sua desgraça, que se mostra não apenas sintomática, como inexorável e esperada.

Surpreendentemente, o enredo mistura dois gêneros bem definidos – o romance sobre a vida acadêmica, marcado pela sátira e pela crítica e o romance centrado no cotidiano rural, que tem uma longa tradição na literatura inglesa: hábitos e ritmos ancestrais em contraste, geralmente com uma personagem que vem de fora, um estrangeiro e alguém que retorna após uma longa ausência e sente dificuldades para se adequar àquilo que antes era natural. O que se destaca ainda em *Desonra*, é seu narrador. Essa voz, algo onisciente e distante, porém próxima não apenas do mudo real da ação, como também do pensamento de David, que mantém tamanho controle da narrativa e retrata em um mesmo parágrafo, vários registros: ironia, piedade, cinismo, uma abordagem fria, depois mais emotiva, uma evocação, a interpretação do pensamento de David, ou o que ele pensa em seus próprios termos. E é no diálogo de todos esses registros que nasce a força da prosa de Coetzee e sua persuasão. Esse tom sabiamente equilibrado entre o impessoal e o íntimo, faz com que a psicologia do mundo de David se sofistique mais pela inteligente omissão do que pela certa expressividade e, também elucida qualquer possibilidade de que o ritmo dos acontecimentos se perca em reflexões desnecessárias, pois não há, em todas as páginas do romance, uma única palavra sobrando. Economia, essencialidade e controle, são as técnicas usadas para tornar a queda de David mais visível e substantiva.

O tempo presente constante na narrativa, devido à tensão e proximidade aos acontecimentos que essa técnica exprime, torna o passado de David desnecessário para a compreensão do que está ocorrendo, e raramente alguns lampejos circunstanciais do passado surgem aqui e ali, e contribuem para que o fluxo dos acontecimentos se construa como uma

delicada montagem de cenas, onde o narrador movimenta-se com agilidade por diversos momentos críticos e busca o senso de detalhe e o registro concreto do mundo. Dessa forma, por essas e outras características peculiares presentes na obra, o autor consegue seduzir o leitor a interagir e a penetrar na trama do romance.

Dividido em 24 capítulos, em cada um deles notamos o estilo sutil e a linguagem acessível utilizada pelo autor ao abordar os cruéis problemas da realidade sul africana. O romance inicia-se com uma breve descrição sobre o protagonista David, um professor de 52 anos que leciona poesia na Universidade Politécnica da Cidade do Cabo. Descendente de holandeses, ele se considera superior às demais pessoas a sua volta, daí ser caracterizado como erudito, irônico e até desiludido. Divorciado duas vezes, é de sua índole considerar a mulher como simples objeto sexual. Confrontado com sua realidade, sem sucesso tenta desenvolver um projeto sobre Lord Byron, porém, seu projeto não sai do papel. Além disso, o desinteresse dos alunos por suas aulas de poesia é notável, mas não causa nenhuma intimidação ou constrangimento ao professor. Pelo contrário, ele considera seus alunos ignorantes demais para a sensibilidade poética.

O mundo de David começa a desmoronar quando Soraya, uma prostituta muçulmana com quem ele mantém encontros semanais, decide abandoná-lo. Ele sente-se ofendido com a atitude dela, pois imaginava que ela se sentisse feliz por tê-lo como amante, um homem branco, descendente de europeus. No entanto, Soraya não dá nenhum tipo de explicação sobre o motivo do abandono e por isso, ele decide investigar a vida dela. David descobre que ela é casada, e a vê na rua com seus dois filhos e então decide descobrir seu telefone e procurá-la. O surpreendente é que ao atender o telefonema dele, Soraya diz que não conhece ninguém com esse nome e exige que ele não volte a procurá-la e não a importune mais. O sentimento do professor é de rejeição, ele se sente abandonado e percebe que os encontros semanais não passaram de um trabalho para ela.

Inconformado David passa a seduzir Melanie Isaacs, uma aluna de seu curso de poesia. A menina tem idade para ser filha dele e mesmo sabendo que é uma atitude anti-ética, ele insiste com o assédio. Tempos depois, incentivada pelo namorado, Melanie denuncia o professor às autoridades universitárias. David incapaz de assimilar os códigos politicamente corretos da universidade, não aceita as acusações e por isso, é formada uma comissão de inquérito para averiguar o comportamento dos envolvidos no caso de assédio sexual. Durante o processo, David é repudiado pelos alunos da escola, zombado por sua ex-esposa e desacreditado por seus colegas de trabalho. O professor fica totalmente arruinado pessoal e profissionalmente diante da sociedade da qual faz parte. Porém, isso não faz com que ele

admita seu erro, peça desculpas publicamente à aluna e reconheça o que fez. Pelo contrário, ele prefere se demitir do cargo, perder seu prestígio, seu emprego, abandonar os longos anos de profissão e se refugiar no sítio de sua filha.

Lucy, de orientação sexual lésbica, a única filha de David com Rosalind, sua ex-mulher, vive em uma pequena cidade chamada Salem, Eastern Cape. Dona de uma pequena propriedade rural Lucy faz o possível para manter o único bem que conquistou durante a vida. Para sobreviver, vende verduras no mercado de Grahamstown nos fins de semana. Para se proteger no meio rural, Lucy tem a companhia de seus cães de guarda e seu único ajudante na propriedade é um negro chamado Petrus, o qual deseja consolidar seu status recém adquirido de proprietário de terras. A princípio, David sente dificuldade em se adequar à calmaria da zona rural, pois sente falta da modernidade do grande centro. Contudo, a vida calma e bucólica do campo é interrompida quando a casa de Lucy é invadida por uma gangue de três negros.

Tudo acontece muito rápido, mas os violentadores deixam um doloroso rastro de destruição: põem fogo em David, violentam sexualmente Lucy e matam seus cães de guarda, além de roubar vários objetos. Aterrorizados com o ataque, o protagonista insiste em denunciar os invasores à polícia, mas encontra resistência quanto à decisão da filha. A situação torna-se insustentável quando ela descobre que está grávida de um dos violentadores e o fato de resistir à denúncia mostra que ela reconhece sua condição de branca no território do negro. Parece que a personagem é realista e entende a invasão como uma cobrança de algo que fora roubado no passado. David não aceita os fatos, decide se afastar da filha e começa a trabalhar numa clínica veterinária próxima ao sítio, cuja proprietária Bev Shaw pratica eutanásia nos animais mais velhos e doentes. Ele sente dificuldades quanto ao serviço, reflete sobre seu passado e chega à conclusão de que realmente está arruinado, principalmente quando tenta uma aproximação afetiva com Bev Shaw e repentinamente observa que ela tem muita idade, além de se mostrar mais experiente do que ele no campo do amor e apresentar um perfil muito diferente das mulheres com quem ele estava acostumado a se relacionar. Por isso, decide não dar seqüência ao relacionamento.

Em suma, o protagonista toma contato com a triste realidade africana no sul do país, onde é um risco possuir bens materiais. Descobre também que sua sensibilidade poética e habilidade em falar várias línguas de nada lhe servem. A situação fica ainda mais complicada quando Lucy aceita se casar com Petrus e tornar-se a terceira esposa dele. Para continuar vivendo na região onde estão os poucos bens que lhe restam, ela aceita uma aliança com Petrus, como sinal de proteção, ou seja, aceita um casamento convencional, não uma igreja, e

uma lua de mel, mas proteção para continuar morando na mesma casa e cuidando de suas coisas, uma proteção que pode ser entendida como permissão para continuar ali, em outras palavras Lucy se torna locatária das próprias terras.

Diante dos fatos, o protagonista sente na pele a dura realidade que precisa aprender a enfrentar, começa a perceber que os modelos éticos da sociedade já não são os mesmos. Sente-se um estranho na nova realidade africana, torna-se um réprobo. Enfim, de respeitado e bem sucedido professor, David passa a cuidar de cachorros e fazer o que mais detesta: levar à eutanásia os animais doentes, sendo esta a forma como termina a narrativa, como símbolo de sua entrega total. Quanto a Lucy, mesmo sabendo que o que aconteceu foi uma brutalidade, não consegue encontrar outra forma de enfrentar a situação a não ser rejeitar as imposições do pai, que está ali como hóspede, e aceitar as condições do negro Petrus. Sua esperança é que seu filho, que é também filho dessa terra, simbolize e represente o início de uma nova era.

Para que a análise de *Desonra* possa ser academicamente adequada, procede-se à análise do feminismo no contexto colonial e pós-colonial. Segue-se uma breve discussão sobre a relação entre o feminismo e o pós-colonialismo, ou seja, um embasamento teórico relevante para a discussão dos problemas surgidos num romance não apenas pós-colonial mas também *pós-apartheid*. Nas citações do texto, foco da dissertação, foi usado o texto originalmente em inglês de 1999 como também, logo em seguida, a tradução brasileira de 2000.

## 2 A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE FEMININA NO CONTEXTO PÓS-COLONIAL

### 2.1 CONCEITOS GERAIS DO FEMINISMO/PÓS-COLONIALISMO

Com antecedentes que remontam aos séculos anteriores ao século XVIII, iniciou-se uma espécie de movimento feminista a partir da Revolução Francesa de 1789. A convulsão desencadeada em 1789, além de pôr em cheque o sistema político social vigente na França e no resto do Ocidente, encorajou muitas mulheres a denunciar a sujeição em que eram mantidas e que se manifestava em todas as esferas da vida. Em 1791, na França, Marie Olympe Gouges (1748-1793), uma das ativistas da Revolução de 1789, apresenta à assembleia nacional a sua corajosa *Declaration des droits de la femme et de la citoyenne* (Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã), em que defende a idéia de que as mulheres devem ter todos os direitos que o homem tem ou quer ter para si, inclusive o da propriedade e o da liberdade de expressão, e em contrapartida, assumir as responsabilidades que lhe cabem.

Em 1792, na Inglaterra, a inglesa Mary Wollstonecraft (1797-1851), escreve um dos clássicos da literatura feminista, *A Vindication of the Rights of Woman*, retomando as reivindicações da extensão dos ideais da Revolução Francesa às mulheres. Em 1848, nos Estados Unidos, *The Seneca Falls Convention* foi uma convenção para discutir as limitações impostas ao ser feminino, e teve como propósito fazer reivindicações sobre os direitos da mulher enquanto cidadã. No entanto, somente nos séculos XIX e XX é que o feminismo se tornou mais organizado em defesa dos direitos da mulher. A partir desse período, começaram a surgir vários movimentos feministas e, apesar de que em alguns momentos da história a abertura para a auto-afirmação da mulher não tenha existido, esse movimento feminista se afirmou e deu origem a várias correntes de pensamento. Assim surgiu o feminismo liberal e socialista, o radical, cultural e essencialista, além de outros modelos, cada qual com seu objetivo, mas todos com uma visão politicamente holística de defender a igualdade de direitos da mulher em relação ao homem.

Dessa forma, os movimentos ligados ao feminismo se relacionam com movimentos sociais na medida em que condições pertinentes à mulher acabam por se interligar com questões de opressão como as de classe, raça e sexo. O feminismo, genericamente entendido



como movimento social que defende a igualdade de direitos e status entre homens e mulheres e repudia as sobreposições de opressão, caminha ao lado de outros movimentos que se colocam igualmente contra qualquer tipo de discriminação. Neste sentido, muitos interesses do feminismo são também pertinentes ao pós-colonialismo. Ambos tendem a falar em nome de povos ou grupos marginalizados e buscam a emancipação do sujeito feminino e dos demais grupos excluídos.

O pós-colonialismo surgiu como uma forma de entender, analisar e combater os efeitos da colonização e suas formas de opressão, injustiça e desigualdade. Segundo Quayson, “Os estudos pós-coloniais devem ser direcionados para um engajamento vivido com problemas específicos num mundo real e devem gerar modelos para ativistas e todos aqueles preocupados com desigualdades sociais” (QUAYSON, 2000, p. 9). Dessa forma, o pós-colonialismo analisa a condição de grupos subalternos que não têm controle sobre a própria imagem, inclusive a mulher. Com a postura pós-colonial, grande parte dos estudos feministas ganharam novas perspectivas, dentre eles o estudo de gênero, relegado a segundo plano pela análise pós-colonialista, tendo em vista que os estudos pós-coloniais têm como parâmetro a dicotomia metrópole/colônia. Ou seja, os pós-colonialistas estão mais preocupados com a raça e a classe social, enquanto que o feminismo privilegia o gênero e a sexualidade. Em razão disso, uma das críticas ao pós-colonialismo é que as relações de opressão de gênero são distintas das relações colônia/pós-colônia, pois permanecem após a independência. Assim, o foco nesse eixo binário também obscurece relações de opressão que estão colocadas em outros eixos, no caso homem/mulher pós-colonial.

Contudo, os estudos pós-coloniais ajudaram e influenciaram o feminismo a esclarecer questões internas quanto às divisões do movimento que resultaram no feminismo das mulheres do “Primeiro Mundo” e do “Terceiro Mundo”. Assim, mulheres do Terceiro Mundo afirmavam a não legitimidade da universalidade ou incondicional aplicabilidade do feminismo no Primeiro Mundo, devido as raízes imperialistas e até racistas se o binarismo homem/mulher fosse substituído por branco/negro. Isso gerou severas críticas e posteriormente, as feministas do Terceiro Mundo ou pós-coloniais também criticaram as formas ocidentais de feminismo, notadamente o feminismo radical e sua tentativa de universalizar a experiência de ser mulher. As feministas pós-coloniais argumentavam que o conceito generalizado e global de ser mulher geralmente baseava-se em padrões de classe média e de mulheres brancas, logo sua incapacidade de lidar com experiências de mulheres para as quais o preconceito de gênero é apenas secundário em relação ao preconceito racial e social. Na realidade, apesar dos avanços conquistados pela mulher negra, a inclusão da

questão racial ainda é um tema periférico nas discussões feministas. Esse tema tem sido tratado sob a ótica da mulher negra como se o racismo fosse um problema afeito apenas a esse segmento da população. Muitas feministas negras criticam o feminismo quando dominado por mulheres brancas, argumentando que os problemas enfrentados pela mulher negra são ainda maiores em razão do preconceito racial somado ao preconceito de gênero. Além disso, certos grupos conservadores vêem o feminismo como elemento de destruição dos papéis tradicionais do gênero e dos valores da família nuclear que é a semente da sociedade patriarcal.

Em termos gerais, o feminismo, mesmo organizado, sofreu fortes influências negativas e dificuldades em dar segmento aos ideais de emancipação do sujeito feminino. Neste sentido, o discurso pós-colonial veio ao encontro dos ideais feministas e isso fez com que a participação de mulheres acontecesse de forma efetiva na política pós-colonial, cujo discurso, sem se ater às particularidades dos diversos grupos feministas existentes, se posiciona de modo amplo e coloca a questão da mulher marginalizada como um dos principais interesses. Em sentido generalizado, o pós-colonialismo analisa não apenas a condição da mulher, mas também de grupos marginalizados que tiveram sua cultura destruída por imposição de outra considerada superior. Portanto, o pós-colonialismo e o feminismo no contexto pós-colonial “têm sido usados para investigar as interpelações, as condições e eventos aos quais foram submetidos os sujeitos coloniais a partir dos primeiros momentos de colonização até o presente” (ASHCROFT, 1991, p.2).

O termo “pós-colonial” se tornou mais conhecido no início do século passado. Segundo Bonnici, “Iniciou-se o século XX com um triste cenário de dezenas de povos descendentes de escravos e milhões de negros submetidos ao colonialismo europeu, além disso, metade da população feminina vivia subjugada num contexto patriarcal” (Bonnici, 2003, p. 208). Desde então, os estudos pós-coloniais têm se dedicado a desnudar os efeitos da colonização, focalizando seu objetivo na luta pela libertação de grupos excluídos e vítimas do colonialismo europeu que impregnado pelo patriarcalismo, objetificou centenas de povos. A partir desse sistema surgiram os termos “sujeito/objeto”, que provêm da repressão das sociedades coloniais e pertencem a uma classe em que o oprimido representa o objeto e é fixado pela superioridade do dominador, visto como sujeito. Esse binarismo passou também a ser empregado nos estudos relacionados ao feminismo, para analisar a condição da mulher. Segundo Fanon, “esse modelo predominante das relações de poder e interesse em toda a sociedade colonial é a oposição maniqueísta entre a alegada superioridade do europeu e a suposta inferioridade do nativo” (FANON, 1961, p. 28). Segundo Edward Said,

A produção da imagem estereotipada do colonizado pressupõe a posição superior do europeu em qualquer que seja o tipo de relação travada com o colonizado, que é visto como uma população de degenerados, e não sendo racional, não podem ser considerados sujeitos íntegros. Este retrato negativo do colonizado é a justificativa usada para a conquista, exploração e imposição de sistemas (SAID, 1978, p.7).

Neste contexto, o pós-colonialismo busca estratégias de resistência às imposições imperiais e tem como princípio a reintegração e a subjetificação dos sujeitos marginalizados à sociedade. Por isso, a construção ideológica e a construção discursiva constituem a principal estratégia de resistência, pois implicam a recuperação da voz ativa do sujeito. A formação ideológica pode ser entendida como a visão de mundo de uma determinada classe social, ou seja, as idéias que revelam a compreensão que certa classe tem do mundo. Althusser (1984), afirma que a formação ideológica corresponde a uma formação discursiva e, como a formação ideológica impõe o que pensar, a formação discursiva impõe o que dizer. Assim, como o pós-colonialismo visa recuperar a voz do colonizado, o pensamento feminista em seu sentido amplo, dispõe da mesma ideologia, cuja intenção é promover a visibilidade da mulher como produtora de um discurso novo e dissonante àquele arraigado milenarmente. O movimento feminista é alicerçado na crença de que consciente e coletivamente o sujeito feminino pode mudar sua posição de inferioridade no meio social e, por isso, torna-se um dos principais interesses para o discurso pós-colonial, devido às oposições que ambos representam contra a dominação imposta pelo poder imperial. Além disso, ambos preconizam a ampliação dos direitos civis e políticos do sujeito feminino, em termos de prática social, e tem como princípio ideológico a condição de subjugação da mulher.

Dessa forma, as ideologias subjacentes ao feminismo e ao pós-colonialismo têm sido amplamente debatidas e divulgadas em sociedades colonizadas e seus ideais de construção de identidades e transformação de mentalidades têm impulsionado grupos considerados subalternos a assumirem um discurso próprio engajado na formação de sujeitos. Esse pensamento comum ao feminismo e ao pós-colonialismo resulta na estreita relação entre ambos e tem origem no princípio ideológico de que a linguagem pode subverter o sistema patriarcal. Por isso, buscam uma autenticidade discursiva desvinculada do discurso herdado do sistema colonial. As relações entre a política do feminismo e a do pós-colonialismo se tornam mais estreitas porque ambos buscam reafirmar uma subjetividade negada a grupos que foram deixados à margem da política de informações.

De modo amplo, os estudos pós-coloniais têm contribuído efetivamente para a reafirmação do pensamento feminista e a reivindicação por seus direitos. Segundo Loomba, “é notável a participação da mulher na política pós-colonial e seu empenho em estabelecer

novas formas de política e movimentos sociais” (LOOMBA, 1998, p.231). Dessa forma, o feminismo tem buscado o enfraquecimento da exclusividade sexista impregnada pelo discurso colonialista e pelo patriarcalismo que representou um campo de fixação da masculinidade, descortinando situações que revelam a subordinação da mulher em todos os aspectos, bem como as representações a que tem sido submetida. Segundo Loomba, “isso implica a desconstrução da mulher comparada à nação, que é uma forma imperial de limitar o poder feminino” (LOOMBA, 1998, p. 218). Essa visão contesta também a educação imposta à mulher, cujos princípios eram as qualidades de boa mãe e esposa. O cenário pós-colonial proporcionou também reflexões e questionamentos sobre a sujeição da mulher, ao mesmo tempo, criou ações políticas que legitimaram o sujeito feminino como um ser capaz de reagir contra as imposições sociais, políticas e até religiosas. De acordo com Loomba, “a religião é manipuladora na maioria das vezes quando se refere ao feminismo pós-colonial. Muitas formas de religião têm sido repressiva em relação aos direitos da mulher e ainda tem servido de base para a subordinação feminina” (LOOMBA, 1998, p. 226).

Os estudos pós-coloniais têm contribuído também para o esclarecimento de questões raciais e culturais, além de influenciar a mulher a se precaver de pressupostos do feminismo ocidental. Além disso, tem proporcionado reflexões e esclarecimentos ao sujeito feminino sobre a postura da mulher e sua trajetória ao longo da história. Sabe-se que, direta ou indiretamente, a mulher, principalmente a mulher negra sempre alimentou a máquina colonial, sendo explorada e subordinada a todo tipo de trabalho. Neste sentido, a visão pós-colonial fortaleceu o ideal feminista em superar a imagem da mulher como um ser doméstico, projetando a mulher como um ser capaz de assumir responsabilidades em todas as esferas da sociedade.

Em suma, os estudos pós-coloniais têm contribuído efetivamente para a emancipação da mulher. Em contrapartida, o feminismo também tem descortinado questões até então não mencionadas pelo pós-colonialismo. A semelhança do discurso feminista e do pós-colonialismo é que ambos esbarram ao mesmo tempo nas imposições imperiais e suas formas de opressão. Entretanto, o feminismo tem se posicionado duplamente contra o sistema patriarcal lutando pela emancipação de seu país, como também pela própria emancipação enquanto gênero. Segundo Saffioti, “lutar pela igualdade de gênero é acreditar na construção de uma sociedade mais igualitária, enfrentando o racismo e o patriarcado. Trata-se de conscientizar homens e mulheres dos malefícios que o patriarcado/racismo acarreta às classes subalternas” (SAFFIOTI, 2001, p. 15). Todavia, a independência feminina ainda enfrenta sérios confrontos de ordem social e política. Segundo Young, “as práticas sociais e

políticas constituem a principal forma de opressão da mulher” (YOUNG, 2001, p.381). Contudo, os rumos do feminismo e do pós-colonialismo seguem as mesmas direções, embora com traços diferentes quanto a resoluções de questões internas de cada vertente.

### **2.1.1 Colonialismo e a Submissão da Mulher – Dupla Colonização**

O colonialismo se define como a política de exercer o controle ou a autoridade sobre um território ocupado e administrado por um grupo de indivíduos com poder. Segundo Bonnici, “o termo colonial caracteriza o modo peculiar como aconteceu a exploração cultural durante os últimos 500 anos causados pela expansão européia” (BONNICI, 2003, p.209). Em outros termos, entendemos colonialismo como a influência ou a dominação de um país por outro, de forma violenta, uma vez que os colonizados são despossados de bens e direitos políticos. A ação colonizadora imperial provocou um desmantelamento profundo nos modos de vida e de subsistência habitacionais dos povos colonizados, além de estabelecer práticas políticas e socioculturais.

A justificativa da colonização se amparava na idéia de superioridade racial. Isso justificou uma relação cheia de sadismo e brutalidade com o colonizado. A política colonizadora causou danos imensos aos nativos, estigmatizando-os como degenerados, uma vez que eram considerados de raça e cultura inferiores. Cesaire afirma que “a colonização desumaniza até o homem mais civilizado, pois ao ser tratado como objeto, o colonizado é coisificado” (CESAIRE, 1994, p. 20). O processo de colonização consiste em fazer o colonizado acreditar que é um ser inferior e sem cultura. Segundo Memmi, “o colonizador esforça-se para falsificar a história do colonizado. Para isso, reescreveria seus textos e apagaria a memória do colonizado. Não importa o quê, nem como, para conseguir transformar sua usurpação em legitimidade” (MEMMI, 1989, p. 56).

O discurso colonial tornou milhões de pessoas submetidas a uma cultura considerada superior. Esse discurso era impregnado pela ideologia imperial e pela exclusividade sexista. Ou seja, o termo homem e seus derivados incluía também a mulher, que era vista como inferior, um ser sem voz e subalterna, destinada ao silêncio da reprodução maternal e caseira, à sombra da vida doméstica, que não era levada em conta e nem contada. Segundo Duby,

As mulheres eram tratadas como testemunhas de escasso valor e alijadas do cenário onde os heróis eram donos dos seus destinos, às vezes auxiliares, nunca atrizes, quase sempre sujeitos passivos que aclamavam os vencedores e lamentavam sua derrota, acompanhavam em surdina todas as tragédias (DUBY, 1992, p.1).

Dessa forma, nas sociedades coloniais a mulher foi duplamente colonizada. Segundo Bonnici, “a dupla colonização é a subjugação da mulher nas colônias, objeto do poder imperial em geral e da opressão patriarcal colonial e doméstica” (BONNICI, 2005, p. 53). Neste sentido, a dupla colonização oprime mulheres de sociedades que sofrem os efeitos tanto da ideologia colonial, quanto da patriarcal. Assim, a mulher esteve submissa ao homem e à cultura local, como também ao colonizador. A convicção da inferioridade intelectual da mulher consistia num dos itens da mentalidade do colonizador, fator causador da exclusão feminina em todas as esferas da sociedade e da sujeição a todo tipo de exploração e dominação. Esse fato resultava na visão da mulher como um ser incapaz de emitir opiniões, totalmente subalterna à prepotência masculina. O termo subalterno refere-se ao “sujeito de categoria inferior, que é objeto da hegemonia das classes dominantes” (BHABHA, 1998, p. 103). Gramsci esclarece ainda que “o subalterno não é simplesmente um grupo oprimido, mas alguém sem autonomia e sujeito à influência ou hegemonia de outro grupo social, não possuindo sua própria posição hegemônica” (GRAMSCI, *apud* BHABHA, 1998, p. 97).

Situado neste contexto, o subalterno não tem liberdade de expressão e nem voz, tornando-se totalmente deslocado da política de informações e alvo de manipulação do discurso dominante. Segundo Spivak, “o sujeito subalterno não existe enquanto categoria que tem voz própria e por isso, não pode ser ouvido no discurso dominante, além de não ter nenhum espaço a partir do qual possa falar” (SPIVAK, 1995, p. 28). Dessa forma, a mulher da colônia foi totalmente excluída da esfera política e social durante a colonização e sua atuação se restringia à vontade masculina. Segundo King, “A mulher não podia transpor os limites da esfera privada para se introduzir no espaço exterior onde, na vida social, política e cultural quem prevalecia era o homem” (KING, 1991, p. 19). Assim, a mulher foi duplamente colonizada e sofreu todo tipo de discriminação. A mulher negra foi ainda mais excluída e teve que aprender a lidar com o preconceito racial, pois se o homem negro já era inferiorizado, a mulher negra vivenciou mais intensamente o estigma da cor, sendo excluída de todo tipo de informação, além de ser objetificada sexualmente. Segundo Vainfaz, “a mulher foi duplamente colonizada e ganhou vários estereótipos: as brancas passavam por castas e eram enclausuradas, as negras, mestiças e indígenas por pervertidas e extremamente excitadas sexualmente” (VAINFAZ, 2000, p.416).

O colonialismo fez com que a mulher ficasse à margem da sociedade e à mercê de todo tipo de exploração. Muitas mulheres negras trabalhavam ardorosamente em campos rurais para conseguir o sustento da família, sem nenhum tipo de reconhecimento. A política colonial tinha como ideologia usufruir do corpo feminino, da mesma forma que usufruía das riquezas naturais e da terra. Logo, o corpo da mulher era uma representação metonímica da terra colonizada. As leis coloniais visavam silenciar a mulher e perpetuar sobre seu destino, bem como torná-la mão-de-obra barata e conseqüentemente fonte de empreendimento ao colonizador, além de explorá-las sexualmente. De acordo com Loomba, “desde o início da colonização, o corpo da mulher simbolizou a terra colonizada. Esta metáfora usada para o corpo da mulher varia de acordo com a situação colonial” (LOOMBA, 1998, p. 152). Neste contexto, a mulher africana foi representada como passiva, domesticada, vítima de todo tipo de preconceito e opressão. Loomba afirma ainda que “o colonialismo intensificou as relações patriarcais em sociedades colonizadas. O homem nativo ao se sentir excluído da esfera pública se tornou mais tirano em suas casas” (LOOMBA, 1998, p. 68). Assim, a mulher não sofreu somente a opressão do colonizador, como também a opressão local, vinda muitas vezes de seus próprios cônjuges. Além disso, por mais que a colonização tenha chegado ao fim, a mulher continuou sofrendo, devido às bases ideológicas da opressão. A política colonial tinha como princípio ideológico construir no sujeito feminino uma mentalidade voltada para o lar. Essa ideologia de submissão da mulher objetivava limitar o poder feminino naquele contexto. Parafraseando a definição de Althusser, Ashcroft et al. afirmam que

a ideologia é um conjunto ou um sistema de idéias que explica o mecanismo pelo qual são produzidas as relações de desigualdades sociais. Por isso, não deve ser entendida apenas como um conjunto de idéias impostas, mas sim de que forma estas idéias veiculam como reprodutoras de teorias, conceitos (ASHCROFT *et al.*, 1998, p. 221).

Dessa forma, a dupla colonização da mulher pode ser entendida pela submissão ambivalente ao colonizador e pela fixação do poder masculino. Segundo Young, “a mulher no contexto colonial teve que enfrentar a colonização imperial e também a dominação do sexo oposto” (Young, 2001, p. 379). Por isso, foi vítima da colonização em termos de raça e sexo. Young argumenta que “o colonialismo operou de forma diferenciada para homens e mulheres. A dupla colonização resultou da situação em que a mulher esteve sujeita a discriminação colonial imperial e à discriminação local enquanto categoria de gênero (YOUNG, 2001, p. 104). Loomba esclarece que,

na linguagem do colonialismo, mulheres não europeias simbolicamente eram comparadas à terra, pois, ambas fazem parte da natureza e não da cultura, com a mesma ambivalência. Além disso, são passivas e perfeitas para governar, só precisam ser guiadas e conduzidas. Portanto, são descritas com carência de iniciativa, de poder intelectual e perseverança. Por outro lado, algumas vezes podem ser perigosas e selvagens (LOOMBA, 1998, p.159).

Essa postura colonialista fez com que a mulher fosse vista como inabilitada para exercer funções tradicionalmente consideradas masculinas, bem como incapaz de desempenhar funções que exigiam habilidades cognitivas. Segundo Loomba,

Foi alegado que o baixo peso do cérebro da mulher e suas deficientes estruturas cerebrais provêm de raças inferiores. A mulher era vista como frágil e de cérebro delicado, diferente das características mais robustas do homem considerado de uma raça superior. Assim, as raças inferiores representavam o tipo feminino de espécie humana (LOOMBA, 1998, p. 160).

Dessa forma, a política colonialista consistia em fazer a mulher acreditar na sua incapacidade de ser igual ao homem, tornando o processo da colonização uma via acessível para a fixação do poder imperial. Essa política construiu bases ideológicas da mulher como submissa que passou então a ser objeto de dominação em todos os sentidos. Em suma, a colonização europeia foi responsável por excluir a mulher de todas as esferas da sociedade. O corpo feminino simbolizou a terra colonizada e sofreu intenso processo de objetificação tanto do colonizador, como do sistema patriarcal em que estava inserida. Por isso, a mulher foi o principal alvo da dominação eurocêntrica, pois além de ser excluída de toda inscrição histórica e de classe, foi relegada e limitada ao contexto doméstico submissa e obrigada a seguir a linhagem se seus cônjuges, exercendo a condição de essencialmente “boa esposa”. A postura colonial inseriu a mulher num espaço onde não conseguia ter voz e mesmo que tivesse jamais seria ouvida. A ideologia colonial tinha como meta não apenas concretizar a colonização, mas também levar os colonizados a acreditarem na suposta inferioridade em que estavam inseridos. Contudo, as bases ideológicas dessa sociedade persistem até hoje e o caminho que leva à emancipação total do sujeito feminino ainda está distante de ser alcançado.



## 2.2 A MULHER NEGRA NA ÁFRICA DO SUL

Num sistema que reflete o acúmulo de históricas dominações, opressões, desigualdades e humilhações, há um agravamento quando se refere à mulher negra sul-africana. Ao longo da história, a dominação da África do Sul aconteceu de forma brutal e violenta. Sabe-se que as leis imperiais sempre estiveram em vigência no país, resultando na objetificação dos nativos. Primeiramente, a colonização européia reduziu os nativos à escravidão e posteriormente as leis de *apartheid* configuraram a mais desastrosa discriminação acontecida em todo o mundo. Se o *apartheid* excluiu o negro de toda esfera social, a mulher negra ocupou a base inferior dessa pirâmide, enfrentou todo tipo de preconceito em virtude de sua cor, sua condição social, e principalmente pelo simples fato de ser mulher.

As leis imperiais sempre foram impregnadas pelo sexismo. Assim, cabia ao homem tomar toda e qualquer atitude, escolher o destino da família, inclusive o da mulher, vista pelo cônjuge, como incapaz de emitir opinião e, mesmo assim, quando isso acontecia, a voz da mulher não era ouvida, principalmente, em se tratando da mulher negra. Neste contexto, ao longo da história, pouca abertura foi dada à mulher negra sul-africana e quando isso aconteceu, esse processo foi incorporado à comercialização, apropriação e empresariamento, pois, muitas sul-africanas eram exploradas sexualmente pelos colonizadores brancos, por serem geralmente consideradas como exóticas e folclóricas, situação muito comum também na sociedade contemporânea. Segundo Gonzalez, “há uma depreciação da mulher negra através de uma expropriação e exploração explícita que não reconhece o real significado do conteúdo filosófico relacionado à vida, à espiritualidade, à natureza. Há uma negação da mulher negra, que também deu origem à humanidade” (GONZALEZ, 1982, p. 87).

Desde o período colonial um grande empobrecimento cultural foi lançado sobre a mulher negra, enfraquecendo sua auto-estima por meio de uma imagem desautorizada, deslegitimada, destituída de valor e respeito. Essa visão constituiu um contexto de desigualdade que tinha como base sua diferença étnica, racial e social. Bruschini pondera que, “a discriminação que sempre se abateu sobre a mulher negra resulta de uma conduta que agrega dois tipos de discriminação, ainda que fundada em dois atributos pessoais, a cor/raça e o gênero” (BRUSCHINI, 1990, p.15). A mulher negra na sociedade sul-africana sofreu esse preconceito de forma violenta. Antes mesmo do período colonial, ela era em grande parte responsável pela alimentação de sua família e pelo cultivo dos alimentos, por isso, passava

todo seu tempo exercendo essa função. Com o colonialismo, essa tarefa se tornou mais árdua, pois a mulher era obrigada a realizar essas atividades sozinhas nas reservas naturais. Essas reservas eram designadas pelos europeus e eram outorgadas apenas aos homens, no entanto eram as mulheres quem desempenhavam a função de tirar o sustento das famílias, uma vez que os homens praticavam outras atividades designadas pela ação colonizadora. Essas reservas serviam também de mão-de-obra barata ao colonizador. Esse sistema fixou a mulher negra sul-africana como objeto de trabalho escravo e despojada de qualquer direito, exceto o de trabalhar. Assim, como por natureza já era encarregada da reprodução da espécie, tornou-se também encarregada da reprodução social e isso fez com que a mulher ficasse vulnerável a todo tipo de exploração, além de acreditar na própria incapacidade de gerir ou administrar bens, cabendo essa função apenas ao homem.

Dessa forma, pode-se dizer que a mulher negra sul-africana desde sua origem foi sinônimo da sujeição, submissão ao universo doméstico e às leis patriarcais, sem direito ao livre arbítrio e obrigada a trilhar caminhos nunca escolhidos por ela. A mulher negra diferente das européias que já possuíam dogmas e estigmas de como se portarem e como almejarem ser alguém dentro da sociedade, possui uma cultura que a inferioriza e maltrata por sua simples condição subjetiva, a de ser mulher. Portanto, a mulher negra sul-africana sofreu todas as adversidades de uma sociedade preconceituosa que a via como meio de execução dos mais diversos serviços, dos mais simples aos mais árduos. Além de cuidar dos filhos, executava serviços braçais nas lavouras, era obrigada a servir o homem e por ele ser tratada como animal, além de lhe servir nos afazeres domésticos e obrigações sexuais. Ainda tinha que disputar a atenção do marido, por este possuir outras esposas, por causa de sua própria cultura tribal e também pela influência de outras culturas, onde se permite a poligamia por parte do homem.

Na realidade, a mulher sul-africana era explorada mesmo antes da colonização, e sofria dupla colonização, pela sociedade patriarcal já instituída e pelo colonizador. Era duplamente oprimida pois, ao mesmo tempo em que convivia com a opressão masculina, lutava também contra o racismo, responsável por sua exclusão. Na realidade, também era duplamente excluída e sofria em silêncio o destino que lhe era imposto. Segundo Hooks, “muitas vezes a mulher sul-africana era largada com os filhos quando o marido a deixava para tentar a sorte em outras regiões do país ou do continente, ou quando era capturado como escravo no período em que permitia tal ação” (HOOKS, 1989, p.16). Justamente por falta desses homens, eram as mulheres negras quem sustentavam suas crenças e cultivavam sua cultura, sofriam heroicamente e passavam aos filhos seus olhares sobre o mundo, passando

também a angústia conformista da subordinação e objetificação. Pois, sob a mulher negra pairava a visão estereotipada da submissão, subalternização e principalmente, da ausência de voz.

Dessa forma, o pensamento da mulher negra sul-africana, quando poderia fazê-lo em alguns momentos, jamais se tornava palavra, jamais era conhecido por alguém ou causava alguma mudança, jamais era escutado ou tomado como verdade. Então para que pensar? Assim, era encurralada numa teia de desigualdades que a tornava excluída e desanimada de seu próprio ser. Segundo Dupas, “a exclusão social da mulher é secular e diferenciada. A compreensão sobre a condição bipolarizada do sexo possibilita indicações dos nortes da exclusão social fundamentada na diferença” (DUPAS, 1999, p.12). No caso da mulher sul-africana, essa exclusão se tornou ainda mais forte e evidente durante o regime político de *apartheid*, período em que a mulher negra sul-africana foi estigmatizada pela cor, vítima do preconceito racial aliado às relações desumanas designadas à mulher. Durante o *apartheid* a mulher negra representou um perigo ao homem branco, uma vez que se visava a manutenção da hegemonia branca e a mulher negra era vista como extremamente sexuada. Por isso, casamentos entre brancos e negros eram proibidos e a mulher era relegada ao trabalho nos campos, onde ficaria longe dos olhos dos homens brancos. De acordo com Klaas, “a miscigenação era caracterizada como crime contra a raça branca, que era tida como superior. Muitos brancos se protegiam dos miscigenadores inescrupulosos e criminosos, não somente pela proibição de casamentos mistos, mas também tornando punível todo outro tipo de miscigenação” (KLAAS, 1991, p. 18). Klaas argumenta que “a *Mixed Marriage Act* de 1949 e a *Immorality Act* de 1950 eram leis que proibiam as relações sexuais afetivas ‘inter-raciais’. A primeira tornou os casamentos mistos ilegais e a segunda criminalizou o intercuro carnal ‘inter-racial’” (KLAAS, 1991, p. 19). Dessa forma, a mulher negra jamais poderia se aproximar de um homem branco, pois esse ato poderia gerar crime na visão patriarcal.

Nesse mesmo período, a mulher sul-africana negra assistia a mulher branca a assumir posições consideradas superiores às dela. Algumas mulheres brancas trabalhavam em fábricas, enquanto que a mulher negra trabalhava como doméstica, muitas vezes nas casas das mulheres brancas fazendo todo serviço doméstico ou em campos rurais executando serviços braçais. A sociedade sul-africana durante o regime de *apartheid* via a mulher negra como mão-de-obra barata e escrava, sem direitos e sem voz para reivindicar ou exigir nada, também sem direito de freqüentar certos lugares, uma vez que a lei de segregação racial limitava o acesso de negros em alguns lugares.

Com o término da política de *apartheid*, pouca coisa mudou e várias leis surgiram no papel, mas a realidade permaneceu quase a mesma, uma vez que as raízes imperialistas estavam impregnadas no país. Além disso, poucas leis privilegiavam a mulher, visto que as clivagens que sustentavam a ordem patriarcal e sexista aliadas ao racismo já se cruzavam na representação negativa da mulher. A marginalização social continuou confinando a mulher sul-africana negra aos espaços mais estreitos em razão de sua cor, pois continuou sendo discriminada e excluída, além de continuar sendo vista como objeto sexual, desprovida de qualquer valor ou sentimento. Muitas vezes a mulher negra foi punida severamente por ter algum envolvimento com homem branco, mesmo contra sua vontade, pois era vista como prostituta e pervertida sexualmente. Assim, o mito da mulher negra extremamente sexuada ao longo da história fez com que ela fosse vista como “coisa”, indigna de ser respeitada. Por isso, durante toda a história da África do Sul, a mulher sofreu drásticas formas de violência, foi impedida de ter voz e direito de adquirir um lugar que lhes pertencesse, para que pudesse expandir seus horizontes.

Entretanto, em meio a tanto desprezo cultural, nos últimos anos surgiram alguns movimentos em defesa dos direitos da mulher negra. Porém a superação da discriminação e do preconceito racial constitui um problema que podemos associar a uma redefinição de sua própria identidade e esse processo de resgate da identidade feminina negra é lento e difícil devido às raízes profundas deixadas pelo patriarcalismo. Atualmente o governo sul-africano incentiva a criação de programas que visam a integridade da mulher e algumas leis têm sido criadas na tentativa de transformar este cenário de décadas de exclusão. No entanto, a condição da mulher negra ainda é de extrema penúria, estreitamente ligada à pobreza e marcada pela sua cultura e etnia. Além disso, há um longo caminho a percorrer e existem muitos horizontes a serem desvendados (GONZALEZ, 1982).

### 2.3 A MULHER BRANCA NA ÁFRICA DO SUL

O território sul-africano mesmo antes de ser colonizado já era habitado por povos de diferentes etnias. Com a colonização, muitos brancos descendentes de europeus imigraram para a África do Sul com a visão imperialista de colonizar os nativos e as demais raças consideradas inferiores pelos europeus. Aos olhos dos europeus a África do Sul era privilegiada em termos de riquezas naturais e, sobretudo sua posição geográfica que facilitava

a ação colonizadora. Em virtude disso, uma pequena população de brancos descendentes principalmente de holandeses e, posteriormente de ingleses, se instalaram no país.

No entanto, essa minoria branca não tinha intenção de preservar nenhum tipo de recurso existente na África do Sul. Ao contrário, visavam galgar e acumular riquezas explorando o negro nativo, impondo a cultura e os costumes do homem branco, mantendo intacta a cultura e a raça branca, razão pelo qual surgiram as leis de *apartheid*. Essas leis visavam impedir a miscigenação, excluindo os negros de todo contexto social e limitando-os a frequentarem os mesmos lugares que os brancos. Essas leis ainda deram suporte para o racismo e a discriminação declarada, que impediam a aproximação entre brancos e negros, como forma de evitar a miscigenação e os casamentos mistos que eram proibidos. Segundo Dubow,

As relações sexuais inter-raciais eram vistas como uma ameaça ao orgulho e à pureza racial, resultando no declínio da civilização branca... O medo da mistura racial diz respeito diretamente aos brancos, ansiosos por sua vulnerabilidade em face da vigorosa e viril massa de africanos (DUBOW, 1995, p. 21).

Nesse contexto, a mulher branca que vivia na África do Sul e pertencia à classe alta também levava uma vida de submissão, embora aos olhos das mulheres negras, as brancas tinham mais liberdade. Em relação à mulher negra, a mulher branca era menos explorada em termos de trabalho, uma vez que as negras eram muitas vezes vistas como escravas, sujeitas a todo tipo de serviço e exploração. No entanto, a discriminação que a mulher branca vivenciava era um pouco diferente. A idéia da supremacia branca e histeria em torno da proibição de casamentos inter-raciais, foi na realidade um empreendimento do homem branco em relação à mulher branca. Pois, ao desenhar a mulher européia vulnerável ao homem negro, os africanos se delegavam ao papel de protetores da mulher branca, visando estabelecer o controle e a ordem patriarcal. Esse fato fez com que as mulheres perdessem a liberdade e passassem a viver e realizar as vontades masculinas, muitas vezes eram confinadas em seus lares e limitadas ao acesso social. Na realidade, as leis contra a miscigenação e casamentos mistos foram sinônimos de enclausuramento para algumas mulheres brancas. De acordo com Dubow, “para os brancos a relação homem negro/mulher branca não significava apenas ascensão social para o negro, era antes de tudo um confisco e abuso, uma exploração” (DUBOW, 1995, p.43). Além disso, aos olhos do europeu, tal situação representava a degradação sexual da mulher branca, tendo em vista a suposta inferioridade do negro.

Com base nesta visão, os homens brancos se tornaram verdadeiros donos das mulheres brancas, com a justificativa de as protegerem da aproximação dos negros e conseqüentemente decidindo o destino dessas mulheres. Em virtude disso, as vontades femininas eram anuladas, prevalecendo sempre a vontade masculina. Dessa forma, as mulheres já não tinham nem opinião, nem vida própria, pois, se antes das leis de *apartheid* a mulher já era submissa ao homem, relegada ao lar e à vida doméstica, vistas como verdadeiras donas-de-casa, responsável pela educação dos filhos e bem estar do marido, o *apartheid* na África do Sul dava suporte para continuarem nessa condição, além de serem limitadas à vida social. Muitas mulheres brancas eram confinadas em seus lares e induzidas a acreditar numa suposta proteção e na própria incapacidade de decidir seus destinos ou tomar qualquer atitude. Na realidade, o homem branco usufruiu da nova realidade da África do Sul durante o *apartheid* não só para objetificar os nativos, como também dominar as próprias esposas, tornando a mulher branca ainda mais submissa e mais subordinada ao poder masculino, fazendo acreditarem na falsa idéia de que os negros representavam um perigo, uma ameaça ao pudor feminino.

As mulheres brancas da classe trabalhadora, ou seja, média e baixa, também tiveram seus destinos mudados diante da ameaça da miscigenação. Essas mulheres eram removidas dos locais de trabalho para que fossem impedidas de terem qualquer contato com os negros. De acordo com Hyslop, “nessa linha interpretativa, o eixo da mobilização e da difusão do *apartheid* africâner centrava-se no impacto das mudanças sociais testemunhadas nos anos de 1940 e 1950, que concederam um novo espaço e lugar para a mulher branca da classe trabalhadora” (HYSLOP, 1995, p. 42). Em meados de 1940, mulheres brancas egressas dos campos foram inseridas em outros locais de trabalho. Estas foram removidas para as cidades para ocuparem funções nas fábricas. Isso aconteceu devido ao fato de que a maioria negra trabalhava em campos rurais e a retirada das mulheres brancas dos campos se dava justamente ao fato de salvar a classe trabalhadora branca dos principais perigos que ameaçavam a miscigenação e a perda dos laços familiares, dada pela coabitação entre raças diferentes.

Neste período, como a habitação na África do Sul era um problema candente, foi realizada nos complexos industriais uma ampla reforma residencial, de modo a retirar os trabalhadores das áreas faveladas e mistas, especialmente as mulheres brancas. Através dessa necessidade urgente de proteção da mulher branca, nota-se que o sujeito feminino era visto como mero ser reprodutor, pois da visão masculina era apenas através da mulher que poderia se evitar a miscigenação. Assim não era levado em conta nem as vontades, nem as opiniões femininas, pelo contrário, o homem falava e decidia pela mulher. Segundo Wade,

Na sociedade sul-africana durante o período de *apartheid* o controle masculino da pureza sexual e racial das mulheres brancas foi resultado do seu papel central na reprodução das assimetrias sociais, cujo elemento distintivo era a pureza da raça. Ou seja, as relações entre os sexos transformavam-se em constructos dotados de significados sócio-políticos expressos nas hierarquias entre os gêneros, e na sua inter-relação com os sistemas de parentesco, de modo que às mulheres brancas cabia o papel de mediadoras entre a pureza racial da família e conseqüentemente a manutenção do status social diferenciado (WADE, 1993, p. 21).

Dessa forma, a possível relação entre homem negro/mulher branca se revestia como poluidor por representar uma ameaça ao sistema patriarcal branco. Segundo COETZEE, “A ação do Estado na África do Sul após a instalação do *apartheid* evidenciou uma lógica da pureza racial operada pelos ideólogos africanos, no qual o relacionamento e o desejo inter-racial precisava ser evitado” (COETZEE, 1991, p.32). Entretanto, se as mulheres brancas eram oprimidas e viviam à mercê da vontade e da predominância masculina, os homens brancos gozavam de ampla permissividade sexual, uma vez que as mulheres negras eram vistas como simples objeto sexual, desprovidas de qualquer sentimento ou valor, indignas de respeito, já que eram de raça considerada inferior. Assim, as mulheres brancas eram consideradas castas e controladas por uma rígida moral sexual, cuja retidão funcionava como depositário da honra masculina. Segundo Caufield, “sempre recai sobre a mulher a vergonha e o controle masculino, visando à manutenção da honra familiar” (CAUFIELD, 2000, p.12).

Assim, na África do Sul a defesa da moral da mulher branca funcionou como catalisador de ameaças à supremacia branca. Dessa forma, a mulher branca teve sua imagem anulada perante o homem branco e foi vista e interpretada do ponto de vista masculino, sem direito de expressar seus sentimentos ou decidir seu destino. No entanto, em relação à mulher negra, essa visão passa a ser outra, pois algumas mulheres brancas em sua relação com mulheres negras reproduziram e projetaram a mesma relação dominadora em que eram submetidas pelos seus maridos. Imbuídas da ideologia que dá cobertura ao patriarcalismo, mulheres brancas desempenhavam com mais ou menos freqüência a rudeza das funções do patriarca. Contudo, notamos que tanto a mulher branca quanto a mulher negra foram submissas e subordinadas ao homem e sobre ambas prevalecia a ordem e o desejo masculino que consistia na negação da mulher e sua incapacidade de auto-afirmação. Porém, neste caso, a mulher negra foi alvo de dupla dominação.

## 2.4 A SUBJETIFICAÇÃO DA MULHER NEGRA

Após as longas décadas de dominação e do fim da política de *apartheid* na África do Sul, vários programas de reconstrução e desenvolvimento foram iniciados, mas apenas em alguns deles a mulher negra foi mencionada. Sabe-se que desde o início da história do território sul-africano a mulher negra foi o principal alvo de dominação, além de ter sido um meio para a exploração da terra. Pois, se a mulher branca era enclausurada por ter de supostamente “salvar” sua raça da miscigenação e servindo a todos os caprichos do homem branco, a mulher negra foi explorada e obrigada a executar serviços árduos, além de escravizada e objetificada sexualmente pelo europeu. Durante toda sua existência a mulher negra não foi lembrada, nem mencionada, salvo quando precisavam de alguns de seus serviços. Entretanto, esse cenário fez com que algumas mulheres negras sul-africanas reagissem centradas no eixo da denúncia a todo tipo de opressão e anulação da mulher. Essa busca pela subjetividade apresentou avanços quando a mulher começou a mostrar sua voz ativa e reagir contra a dominação que a oprimia. Bonnici argumenta que “esse processo de subjetificação teve início quando a mulher buscou assumir sua posição na sociedade e revidar contra as atitudes e pressupostos do patriarcalismo (BONNICI, 2005, p. 254).

Em meados de 1970, mesmo antes do fim da política de *apartheid*, mulheres negras sul-africanas mostravam-se dispostas a reverter esse quadro, engajadas em movimentos organizados que reivindicavam a auto-afirmação e a subjetividade da mulher negra. Sabe-se que a subjetividade está relacionada ao estado em que o indivíduo assume uma posição de sujeito que tem voz ativa. Por isso, está intimamente ligada ao discurso e à linguagem. O termo subjetividade refere-se a pessoas colonizadas e suas percepções de identidade e capacidade para resistir a dominação, a sujeição, e sua construção está ligada à capacidade de construção discursiva do indivíduo. Segundo Ashcroft, “a subjetividade problematiza a relação entre o indivíduo e seu discurso, devolvendo à natureza humana a capacidade de desenvolvimento da linguagem através da ideologia discursiva, que é vista como fator determinante na construção da identidade” (ASCHROFT, 1998, p. 220).

Neste sentido, ainda no período colonial, algumas mulheres negras assumiram posturas polêmicas, por se tratar de um período em que a mulher não tinha espaço para expor suas idéias. Mulheres como Mbuya Nehanda (que foi capturada pelas tropas de Cecil Rhodes e executada em 1897) liderou movimentos contra colonizadores europeus. Sua postura e resistência desencadearam e fortaleceram outros movimentos em defesa da mulher negra sul-



africana. Segundo Young “a mulher negra sul-africana, mesmo excluída em todos os sentidos, tem mostrado grande desempenho em movimentos revolucionários... em alguns casos, sua demonstração de coragem tem revelado que podem existir outras formas de política” (YOUNG, 2001, p. 363). Young também defende a igualdade da mulher negra sul-africana em relação ao homem, pois “muitos movimentos anti-raciais não teriam dado certo se a mulher não estivesse presente dando suporte ao homem negro. Portanto, não há diferença entre homem e mulher e, se existe alguma função a ser exercida, a mulher tem a mesma capacidade que o homem e deve ser respeitada em nível de igualdade” (YOUNG, 2001, p. 364).

Sabe-se que a igualdade pressupõe um ordenamento a ser alcançado através de políticas de equidade, pois são estas que consideram as diferenças e presumem as identidades. Segundo Bruschini,

A diferença constitui uma face da identidade, ou seja, da relação entre o eu e os outros, sendo esta a forma de as diferenças serem construídas e percebidas. Por isso, um indivíduo só pode ser portador e criador de conhecimentos quando se relaciona com os outros. A práxis é responsável pela construção das subjetividades que se objetivam por meio de novas práticas e cada ser humano é a história de suas relações (BRUSCHINI, 1990, p. 53).

É importante salientar que a igualdade de direitos nunca foi assunto pertinente à mulher negra, uma vez que sofreu todo tipo de preconceito e desigualdades em todos os períodos da história. Entretanto, foi durante a vigência de *apartheid* que a mulher negra sul-africana vivenciou um dos momentos mais difíceis em sua existência, sendo excluída e discriminada por sua cor e condição social. No entanto, todas as atrocidades presenciadas e vividas pela mulher negra sul-africana fez com que algumas mulheres se rebelassem enfrentando a dominação a que eram submetidas, contornando a forte exclusão social. Neste período, um grande manifesto de mulheres negras foi decisivo e incentivou o início da luta feminina *anti-apartheid*. Nesse movimento, as mulheres repudiavam e lutavam bravamente contra a Lei do Passe, que limitava o acesso dos negros em algumas áreas frequentadas por brancos. Essas mulheres negras mostraram sua resistência quando confrontaram com um grupo de europeus que condenavam a liberdade negra no país sul-africano. Mesmo capturadas e devolvidas a seus *bantustans*, bairros onde os negros tinham permissão para morar, elas não desistiram de sua luta, pelo contrário, começaram a buscar na exclusão o fortalecimento dos movimentos em prol dos direitos da mulher negra sul-africana (COQUERY-VIDROVITCH, 2004).

Ainda nesse período, mesmo sem uma visão afirmativa e apoio da sociedade em relação à luta feminina, algumas mulheres negras foram encorajadas a deixar a posição de subalternas que ocupavam para assumir uma postura voltada para a recuperação da voz, pois foi por meio de seu discurso que a mulher iniciou um processo de auto-afirmação. A indignação com a condição social em que estavam inseridas, desencadeou esse processo de repúdio aos valores impostos pela cultura e sociedade patriarcal. Inicialmente, a mulher negra tinha como objetivo lutar por três tipos de exclusões responsáveis pela condição em que a mulher negra estava confinada há séculos, que era a exclusão social, racial e sexual.

Em 1976, quando as leis de *apartheid* já enfraqueciam, o Sexto Congresso Sul-Africano criou leis que defendiam a mulher negra e permitia seu acesso em áreas antes proibidas. Esse congresso teve como principal resolução dar suporte e apoio aos movimentos femininos em prol da igualdade da mulher em todos os setores da sociedade, bem como legitimar a luta feminina. No entanto, muitas dessas leis não se concretizaram na realidade, visto que alguns setores da sociedade não participava da mesma ideologia, motivo que tornava esse processo mais lento e difícil. Contudo, esse congresso representou mais um passo da luta feminina em direção à liberdade. Dessa forma, apesar do caminho tortuoso que a mulher teve que trilhar, a subjetividade feminina começou a fluir e esse sentimento foi ganhando força lentamente, uma vez que a mulher negra timidamente mostrava sua voz e indignação aos padrões vigentes. Embora com muitos obstáculos, a luta feminina se edificou e começou a ganhar campo.

Na década de 90, com o dismantelamento da política de *apartheid* um novo cenário surgiu na África do Sul e uma nova realidade começou a se descortinar. Isso fez com que muitas mulheres rompessem o silêncio e aderissem à causa feminina. Novos movimentos se afirmaram e legitimaram sua luta para neutralizar os efeitos da desigualdade social e econômica que marcavam a posição social da mulher negra na sociedade sul-africana. Neste mesmo período, o novo governo da maioria negra deu início a programas que visavam a integridade e a inserção da mulher na sociedade. No entanto, a construção da subjetividade feminina e o resgate de sua identidade continuou encontrando barreiras e esbarrando no sistema social que ainda estava impregnado com profundas marcas da colonização e do regime de *apartheid*.

A visão contemporânea sobre a mulher negra sul-africana mostra que a mulher conseguiu parcialmente se libertar da passividade que a dominava e se afirmar enquanto sujeito. Entretanto, o contexto em que está inserida ainda é limitado e seus direitos ainda não são respeitados. Além disso, a sociedade ainda é marcada pela doutrina imperial que faz com

que a mulher continue acumulando diferenças e perdas. Existe grande desempenho de mulheres negras sul-africanas em superar a condição de inferioridade que ocupam e o que almejam é mostrar que esse processo de resgate e construção de identidades pode ultrapassar e ir além de seu papel fundamental que a natureza relegou à sua condição feminina da procriação, fecundidade, manutenção dos valores e responsabilidade pelos processos de formação de suas famílias, como também de assumir e exercer funções relegadas aos homens e ter acesso à todas as esferas da sociedade.

Atualmente na África do Sul existem vários grupos engajados contra a opressão feminina, ancorados no processo de combate ao racismo que é o principal fator da exclusão social. Segundo Guimarães,

A mulher negra sul-africana tem como propósito articular suas lutas pela vida cotidiana, profundamente marcada por práticas de racismos, fundamentados em teorias e práticas que reforçam diferente sorte de preconceitos incorporados em discriminações com processo de transformação da sociedade... Sua auto-afirmação significa também resgatar a herança cultural de seus ancestrais que se concretizam em múltiplos símbolos (GUIMARÃES, 1999, p. 26).

A África do Sul contemporânea, mesmo diante das conturbadas mudanças sociais, políticas e econômicas, tem procurado colocar a questão da mulher em voga quando se trata de resgatar seus direitos. O início dessa década foi significativo para a luta feminina sul-africana, pois no ano de 2000, a Convenção sobre a Eliminação da Discriminação contra a Mulher (CEDAW) levou à criação da Comissão de Reformas da Lei dos Direitos Humanos e da Igualdade de Gêneros na África do Sul. Esse fato conduziu também à revisão de áreas específicas da legislação nacional, tais como a legislação sobre a violência e as oportunidades igualitárias de emprego para mulheres. Outras leis e protocolos foram criados na África do Sul em defesa dos direitos femininos, garantindo uma larga escala de direitos civis e políticos da mulher, bem como direitos econômicos, sociais e culturais, reafirmando assim, a universalidade, a indivisibilidade e a interdependência de todos os direitos humanos internacionais reconhecidos das mulheres. Assim, requer-se aos Estados respeitar, proteger e promover o direito à saúde, e a proteção contra doenças tais como a AIDS, além disso, promover a igual participação das mulheres na vida política por meio da discriminação positiva, melhorando a legislação nacional e outras medidas. Também prima-se pela garantia de igual oportunidade e acesso das mulheres na esfera da educação e formação, eliminando todos os tipos de estereótipos.

Em suma, todas essas leis que asseguram o direito das mulheres representam um passo à frente na luta feminina. Entretanto, nem todas essas leis se concretizam e atualmente a mulher encontra muita dificuldade e preconceito. A realidade na África do Sul é complexa e com muitos desafios a serem superados e em consequência disso, a mulher negra sul-africana tem muito a conquistar, uma vez que a sociedade ainda a limita e exclui, embora continue visibilizando e ampliando discussões em setores estratégicos da sociedade, atuando como protagonista de suas lutas, com cara, voz e expressões próprias. O que se sabe, é que ainda há um longo caminho a percorrer para que a mulher consiga sua realização plena enquanto ser humano. No entanto, é importante salientar que a sociedade sul-africana ainda precisa mudar suas bases e repensar na história da mulher para que se adote uma postura mais voltada para a igualdade e totalmente desvinculada daquela arraigada durante séculos.

## 2.5 A CULPABILIDADE DA MULHER BRANCA

A década de 90 na África do Sul iniciou com uma série de mudanças em virtude do enfraquecimento das leis de *apartheid* que vigoraram no país. O novo cenário surgiu trazendo ânimo em relação à retomada de novos projetos, embora a sociedade negra sul-africana ainda se mostrasse fragilizada com o passado tenebroso em que esteve envolvida durante décadas. Neste período, várias organizações ganharam força na luta pelos direitos de uma maioria negra que vivia dominada a uma minoria branca. Essas organizações deram início a vários manifestos e reflexões denunciando as condições em que os sul-africanos se encontravam, bem como o descontentamento de toda uma nação. Essa situação gerou um sentimento de revolta do homem negro contra a sociedade branca que vivia na África do Sul dando origem a uma situação bastante conturbada. Ao mesmo tempo em que havia a disposição em iniciar uma nova vida desvinculada da opressão causada pela política de *apartheid*, os sul-africanos também mostravam interesse em refletir sobre os efeitos causados por essa política, gerando um sentimento de revide do negro contra o branco. Neste sentido, se a nova realidade era amarga e complexa aos sul-africanos, tornava-se muito pior à sociedade branca existente no país, responsável pelo grande atraso cultural e social causado ao negro. Essa situação gerou consequências violentas resultando numa mentalidade de reparação ao que havia sido usurpado da nação sul-africana.

No entanto, o homem branco alicerçado na crença de sua superioridade mostrou-se totalmente arrogante em relação a essas mudanças. Assim, essa aceitação a princípio foi mais voltada à mulher, isso devido aos predicados que envolvem o universo feminino que são mais emotivos, também por ser considerada mais submissa, condição que facilitava a adaptação e a flexibilidade a mudanças. Dessa forma, o impacto da realidade *pós-apartheid* e a reparação das conseqüências geradas pela dominação recaíram, em grande parte, sobre a mulher branca que passou a sentir e vivenciar o mesmo processo em que o negro foi submetido durante séculos, ou seja, passou a se sentir estranha num país estrangeiro. Isso fez com que a mulher mergulhasse na abjeção, perpetuando sobre ela o estereótipo da subjugação feminina. Para Kristeva,

a noção de abjeção surge no sentido de propor uma nova região do inconsciente, onde o *self* não seria nem o sujeito nem o objeto, mas sim o abjeto. Nessa perspectiva, o abjeto não é uma qualidade em si mesmo. É sim um relacionamento com uma fronteira e representa o que foi atirado para fora daquela fronteira, seu outro lado, uma margem (KRISTEVA, 1982, p.69).

Dessa forma, a abjeção da mulher branca refere-se a esse novo sentimento que provém dessa aceitação da nova realidade sul-africana, o sentimento de se sentir uma estranha em um país que não é o seu, aceitação essa gerada também pelo sentimento de culpabilidade pela situação do negro. Segundo Butler,

O abjeto designa as zonas “inóspitas” e “inabitáveis” da vida social que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do *status* de sujeito, mas cujo habitar sob o signo de inabitável é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito. Essa zona de inabitabilidade constitui o limite definidor de domínio do sujeito (BUTLER, 1999, p. 155).

Neste contexto, o sentimento de reparação dos fatos e abuso de poder que surgiu no *pós-apartheid* atingiu primeiramente a mulher branca e, esse sentimento de culpabilidade pelos fatos do passado resulta na subjugação feminina que perpetua através de sua abjeção. No entanto, essa abjeção leva à construção de um novo sujeito feminino abjeto que é formado por meio da exclusão e da segregação que se originou de sua culpabilidade. De acordo com Kristeva, “o abjeto designa o que foi eliminado do corpo e convertido em ‘outro’” (KRISTEVA, 1982, p. 69). Assim, a abjeção da mulher resulta na construção de um novo sujeito, mas não com postura redentora, e sim de submissão. Essa situação é densamente abordada no romance analisado nessa pesquisa, na qual o escritor sul-africano J. M. Coetzee ficcionalmente retrata a abjeção da personagem Lucy, que é uma mulher branca. Através

dessa personagem acompanhamos a construção do “outro” através da experiência brutal a qual foi submetida involuntariamente. A construção do “outro” que se origina na abjeção da personagem, acontece a partir do momento em que ela percebe uma nova Lucy capaz de aceitar os fatos acontecidos no passado e dar seqüência a uma vida desvinculada dos modelos e dos dogmas patriarcais.

Essa condição da mulher traz à tona todos os questionamentos em torno da subjetividade feminina e reitera a idéia da sujeição à qual a mulher foi involuntariamente submetida durante toda história. Neste contexto sul-africano, a mulher simboliza o alicerce sobre o qual se construirá uma nova sociedade. Ao mesmo tempo, fragiliza a concepção de emancipação do sujeito feminino, perpetuando a visão da subjugação. Essa situação revela a dificuldade da mulher se erigir e se auto-afirmar numa sociedade machista. Além disso, revela que independentemente da raça, sexo ou classe social a mulher sempre esteve sujeita à dominação e a desconstrução dessa visão implica em reflexões mais profundas a cerca das leis que regem a sociedade, como também de ações afirmativas que possam combater efetivamente a negação da imagem feminina, fator que impede e dificulta sua liberdade e ingresso na sociedade regida por uma ideologia falocêntrica.

### 3 CENTRO E PERIFERIA: A MULHER COMO REPRESENTAÇÃO METONÍMICA DA PERIFERIA NO CONTEXTO PÓS-COLONIAL

#### 3.1 O CONTEXTO *PÓS-APARTHEID* NA ÁFRICA DO SUL

O sistema de *apartheid*, concebido para concretizar o domínio da minoria branca na África do Sul, caracterizou-se pela desigualdade econômica altamente racializada e pela subjugação dos negros sul-africanos que representavam a maioria da população no país. Embora o sistema de *apartheid* tenha existido oficialmente por aproximadamente cinquenta anos, foi construído num legado de 200 anos de domínio colonial branco e fundou-se sobre alicerces de forte exclusão racial e exploração econômica, estabelecido por sucessivas gerações de holandeses e britânicos. Durante esse período, a população negra sul-africana foi submetida a históricas expropriações que contribuíram contra a negligência à dignidade e aos direitos humanos, além de intensificar a diferenciação das classes sociais.

No entanto, a década de 90 iniciou-se com uma série de transformações em defesa da liberdade dos sul-africanos negros, o que evidenciava que o sistema de *apartheid* havia começado a ruir. Nos anos subseqüentes, apesar das cicatrizes do passado, a reconstrução da nação e o estabelecimento de uma unidade nacional tornaram-se os principais objetivos do novo governo negro eleito. Entretanto, apesar dos novos programas de reconstrução e desenvolvimento, o novo contexto ainda era difícil para iniciar novas organizações, uma vez que a segregação racial havia deixado de ser oficial, mas ainda estava presente em muitas instâncias da sociedade, especialmente na esfera econômica e social. A princípio, foi instituída a *Truth and Reconciliation Commission*, cujo objetivo era analisar os fatos ocorridos durante a vigência de *apartheid* e os abusos de poder, mas sem condenar judicialmente ninguém. Essa comissão visava ainda estabelecer acordos ambíguos, bem como tornar público a amarga realidade durante a política de segregação racial.

No novo contexto da África do Sul, a implantação de um sistema político visava beneficiar os negros marginalizados e proporcionar melhorias no país, principalmente em termos de igualdade social, bem como recuperar a dignidade e os direitos de uma maioria negra excluída, assegurando a reintegração dos mesmos à sociedade. No entanto, essas mudanças não foram totalmente significativas, pois a liberdade recém-adquirida não garantiu o acesso dos negros ao poder econômico e os mesmos continuaram sofrendo o preconceito

racial, as desigualdades e a exploração declarada. Apesar do otimismo *pós-apartheid* que tomava conta do país, a realidade ainda era bastante conturbada em virtude da transição de um sistema político opressor à uma reorganização política do país, onde a disparidade da distribuição de renda aliada ao preconceito racial, ainda constituíam os principais fatores da desigualdade social. Essa situação tornou a realidade sul-africana ainda mais violenta, gerando um sentimento de reparação histórica e uma mentalidade de revide do homem negro contra o homem branco, responsável pela exploração e violação dos direitos dos negros sul-africanos.

Neste contexto, a sociedade negra tornou-se totalmente voltada para a recuperação da dignidade e a ruptura da visão estereotipada do negro como inferior e subalterno. Dessa forma, um novo sentimento começ o a fluir, despertando em homens e mulheres negros um sentimento de busca por sua auto-afirmação. Segundo Lopes, “Os anos subseqüentes ao regime de *apartheid* foram marcados pela constante busca da dignidade negra, reprimida pela supremacia branca” (LOPES, 1999, p. 12). A nova realidade sul-africana fez com que a nação negra e explorada, impulsionada pelo sentimento de repúdio aos valores até então vigentes, reagisse contra as imposições dos brancos. Essa situação deu origem a vários tipos de organizações voltadas para a es diretas através de ostensivas manifestações de descontentamento pelo longo período de subjugação dos negros nativos e a atual situação em que se encontravam. É neste cenário de reviravolta política e reorganização do país que a imagem do negro perde, ainda que pouco, a visão estereotipada de incapaz e inferior e passa a ser visto em sua individualidade, ainda que precariamente, pois a sociedade ainda apresentava fortes traços da fragilidade provocada pelas leis de *apartheid*.

Dessa forma, o homem negro passou a ter uma mentalidade mais voltada para o resgate e a recuperação de seus valores, bem como a lutar por uma sociedade mais igualitária, embora as leis que apregoavam e defendiam a equidade social ainda fossem limitadas e não concretizadas totalmente na realidade. Lopes afirma que

apesar da nova legislação na África do Sul *p s-apartheid* primar pelo exercício dos negros   cidadania, pelo direito   saúde,   educação, à igualdade social e eliminação de qualquer forma de discriminação, essas leis não representaram expressiva melhora nas condições de vida dos negros sul-africanos, que continuaram sofrendo todo tipo de exclusão e preconceito (LOPES, 1999, p. 19).

Neste mesmo período, apesar das dificuldades em edificar sua imagem por ainda persistirem os resquícios do pensamento colonial que fixava o sujeito feminino como inferior, a mulher negra sul-africana também adotou uma postura mais ativa em direção ao



rompimento à dupla objetificação a que esteve submetida durante séculos. Subjugada pela cor e pelo simples fato de ser mulher, as sul-africanas negras também deram um passo em direção à sua liberdade. Segundo Loomba, “A voz e o ativismo da mulher negra sul-africana tem sido vistos como forma de sua ideologia e nacionalismo” (LOOMBA, 1998, p. 225). A postura feminina negra passou a ser mais voltada para a afirmação de sua identidade e a recuperação de seus valores, ou seja, assumindo uma postura mais condizente com a nova realidade do país. Muitas negras sul-africanas reagiram contra a conformidade e a passividade em que se encontravam e também contra a condição de objetos sexuais a que eram vistas ou submetidas para lutar bravamente por seus direitos, engajadas em movimentos que defendiam a autonomia da mulher. Ainda nesse período, o movimento feminista já existente em todo o mundo provocou reflexões sobre a condição da mulher negra sul-africana e, posteriormente, o feminismo negro também contribuiu para investigar as condições da mulher negra, atribuindo um olhar diferenciado às suas características e necessidades que são diferentes das mulheres brancas. Segundo Bonnici, “evidentemente não se pode cair no equívoco de universalizar a mulher negra. As perspectivas da mulher negra e da crítica feminista negra são caracterizadas pela heterogeneidade, pela contradição e pela diferenciação do espaço em que ocupam” (BONNICI, 2007, p.99). Assim, a mulher negra sul-africana ainda vivenciando as sombras da discriminação deixadas pelo *apartheid*, passou a buscar sua liberdade e seu direito de expressão.

Dessa forma, o período *pós-apartheid* na África do Sul trouxe profundas mudanças e o país passou a ser palco de transformações desvinculadas do sistema até então vigente, situação que causou estranhamento e choque político devido à herança colonial já impregnada nas estruturas da sociedade. Essas mudanças, ao mesmo tempo em que proporcionou uma nova realidade para os negros, provocou também uma série de dificuldades em assimilar os novos modelos. No entanto, e essa dificuldade foi significativa para os negros nativos, a minoria branca existente no país encontrou ainda mais obstáculos e dificuldades em assimilar o novo sistema político e as novas organizações. Pois, a perpetuação do domínio branco e a ideologia de *apartheid* difundida ao longo da história causou estabilidade e acomodação na população branca e por isso, no novo contexto estes se mostravam incapazes de se adequarem às novas leis. Essa situação também gerou certo descontentamento por parte dos brancos que foram obrigados a aceitar as novas condições. Além disso, o sentimento de revide do negro contra o branco fez com que parte da população branca, intimidada com a nova realidade, temesse até mesmo pela própria segurança no país.

Neste sentido, o período *pós-apartheid* trouxe muitas mudanças, principalmente o sonho de liberdade que fez com que os negros sul-africanos lutassem arduamente para recuperar a dignidade subestimada e conquistar seu lugar na sociedade. E, apesar das mudanças não representarem a total liberdade para os nativos, foi em meio a essa fusão de sentimentos e reviravolta política que os negros conseguiram se aproximar da possibilidade de construir sua própria história. Embora a África do Sul ainda seja palco das desigualdades geradas pelo *apartheid* econômico, existe grande interesse e desejo dos negros sul-africanos em conquistar sua verdadeira liberdade e o direito de ser respeitado e visto como sujeito, independente da sua cor ou classe social. Neste sentido, a produção literária sul-africana *pós-apartheid* tem sido rica e variada. Escritores como Nadine Gordimer (1923), J.M. Coetzee (1940), Athol Fugard (1932), André Brink (1935), entre outros, têm se empenhado em expor mundialmente a realidade da África do Sul e os efeitos causados pela política de segregação racial. Os romances publicados após a década de 90 têm contribuído imensamente para esclarecer questões pertinentes a história sul-africana e as experiências vivenciadas pelos nativos durante a vigência do *apartheid*. Romances como *Mhude* (1930), de Sol Plaatje, *Fools and Others Stories* (1983), de Njabulo Nbedele e *You Can't Get Lost in Cape Town* (1987), de Zoë Wicomb, são obras que retratam as mudanças sociais, políticas e econômicas ocorridas no país. Ainda neste período, diversos romances trazem as perspectivas de emancipação e igualdade social da mulher como o centro das discussões. Romances como *The Cry of Winnie Mandela* (2003), de Njabulo Ndebele e *Disgrace* (1999), de J.M. COETZEE, retratam a mulher em busca de sua subjetificação e auto-afirmação numa sociedade extremamente conturbada.

É importante também ressaltar que muitos romances *pós-apartheid* têm se dedicado a representar a resistência dos nativos contra a opressão política e social. Os romances *The Heart of Redness* (2000), de Zakes Mda, *Welcome to Our Hillbrow* (2001), de Phaswane Mpe, *Thirteen Cents* (2000) e *The Quiet Violence of Dreams* (2001), de Sello Duiker, retratam não somente a realidade contemporânea *pós-apartheid* na África do Sul, como também o processo de revide do negro contra o branco, responsável pelo atraso cultural, social e econômico causado ao negro. Essas obras têm ainda analisado os problemas de violência e proliferação da AIDS na África do Sul, além de promoverem uma ampla reflexão sobre a pobreza e o desemprego que se estendem pelo país. Há também, grande preocupação em discutir o processo de construção de identidades em um país dilacerado pela política colonial e pelo racismo. É importante ainda ressaltar, que além da produção literária em prosa, a literatura sul-africana se destaca pela riquíssima produção poética. Poetas sul-africanos

como Breyten Breytenbach e Lesego Rampolokeng, entre outros, têm utilizado a técnica do verso único para retratar a transição do fim da política de segregação racial à moderna sociedade sul-africana. Para estes poetas, o período *pós-apartheid* e as transformações que têm ocorrido na sociedade, constituem a principal fonte de inspiração para o desenvolvimento da produção literária e outras manifestações artísticas (ATTWELL, 2007).

### 3.2 DAVID LURIE E A ASCENDÊNCIA EUROPÉIA

Pode-se dizer que o protagonista David Lurie é a representação da dominação patriarcal. Descendente de europeus, seu comportamento é esquivo, dominador e de uma pessoa não simpática. Aos 52 anos, considera-se perfeitamente bem, “com boa saúde e com cabeça clara” (COETZEE, 2000, p.9). “[He is in good health, his mind is clear]” (COETZEE, 1999, p.2), condição que favorece sua arrogância e superioridade. Como foi educado no regime de *apartheid* e vivenciou essa política durante grande parte de sua vida, assimilou com facilidade a mentalidade e a ideologia européia. De acordo com Klaas, “a política de *apartheid* visava não apenas dominar os negros sul-africanos, como também implantar novas idéias e novos valores” (KLAAS, 1991, p. 22). Imbuído dessa ideologia, o caráter do protagonista masculino se revela extremamente soberano e autoritário, além de seu desejo de possuir, dominar e explorar àqueles que considera inferiores, inclusive a mulher, que neste contexto, conforme afirma Cornevin, “era subalternizada e excluída, não tinha direito a expressar-se ou emitir opiniões” (CORNEVIN, 1979, p. 37).

Profissionalmente, é um intelectual de formação humanista e professor de poesia na Universidade Politécnica da Cidade do Cabo, África do Sul. Essa função assegura-lhe e denota certa autoridade e respeito, apesar de que “[...] nunca foi um grande professor; nessa instituição de ensino transformada e emasculada, ele está mais deslocado do que nunca” (COETZEE, 2000, p.11). “[...he has never been much of a teacher; in this transformed and, emasculated institution of learning he is more out of place than ever]” (COETZEE, 1999, p. 11).

Na realidade, a postura do protagonista enquanto professor é lastimável e decepcionante. Como “não tem respeito pela matéria que ensina, não causa nenhuma impressão a seus alunos” (COETZEE, 2000, p.11). “[Because he has no respect for the material he teaches, he makes no impression on his students]” (COETZEE, 1999, p.4). No

entanto, essa situação não lhe causa nenhum incômodo ou preocupação. Pelo contrário, observa-se indiferença a esse sentimento e “[...] continua ensinando porque é assim que ganha a vida. Ao longo de uma carreira de um quarto de século ele publicou três livros, nenhum dos quais provocou qualquer comoção ou abalo” (COETZEE, 2000, p. 10-11). “[...] he continues to teach because it provides him with a livelihood. In the course of a career atretching back a quarter of century he has published three books, none of which caused a stir or even a ripple]”(COETZEE, 1999, p. 3-4).

Esse fato comprova sua falta de comprometimento e o descaso enquanto professor. Apesar de não ter alcançado nenhum reconhecimento por suas obras, nota-se o interesse por um novo trabalho sobre Byron, algo que realmente o satisfaça e seja mais compatível com sua realidade, pois “está cansado da crítica e do discurso medido a metro”(COETZEE, 2000, p. 10). “[he is tired of criticis, tired of prose measured by the yard]” (COETZEE, 1999, p. 4). É visível que o protagonista mostra um distanciamento do tradicionalismo e uma postura mais voltada para a liberdade, assim como era o poeta Lord Byron, que também tinha um comportamento liberal e levava uma vida repleta de relacionamentos instáveis, pois se dedicava a seduzir e objetificar mulheres. Diante disso, o fato de ver a mulher como objeto sexual e ter um comportamento semelhante ao do poeta, justifica o interesse do professor em produzir algo desvinculado dos modelos tradicionais e mais convincente com sua própria realidade. Isso explica a pretensão dele, pois “o que quer escrever é música: *Byron na Itália*, numa meditação sobre o amor entre os sexos na forma de uma ópera de câmara”(COETZEE, 2000, p. 10) “[what he wants to write is music: *Byron in Italy*, a meditation on love between the sexes in the form of a chamber opera]” (COETZEE, 1999, p. 4). Observa-se que David enquanto professor preocupa-se mais consigo mesmo e com sua satisfação e realização pessoal do que com o conhecimento cultural que um professor pode proporcionar à sociedade. Além disso, a identificação ao poeta romântico da Literatura Inglesa, Lord Byron (1788-1824), “que levava uma vida extravagante, com numerosas amantes, muitas dívidas, separações e exaltava os sentimentos arrebatadores” (FADEL, 2001, p. 430), comprova seu caráter conquistador em relação às mulheres, que para ele não passam de objetos. Na realidade, essa identificação a Byron faz com que David queira escrever algo que se assemelhe, e ao mesmo tempo dê respaldo às suas atitudes. É como se essa identificação legitimasse seu caráter, responsável pela solidão muitas vezes não admitida.

Divorciado duas vezes, justamente por não tolerar os compromissos, e a cumplicidade da vida matrimonial, bem como as responsabilidades que uma união estável requer, o protagonista revela um comportamento inclinado para um vida desvinculada das

obrigações e das convenções sociais e uma tendência para relacionamentos pouco duradouros que não exigem nenhum tipo de comprometimento, já que subestima a presença feminina, vista apenas como símbolo sexual e objeto de prazer. Assim, sentia-se atraído pela “promessa de janelas fechadas, lençóis frescos e horas roubadas” (COETZEE, 2000, p. 14) “[the promise of shuttered rooms, cool sheets, stolen hours]” (COETZEE, 1999, p.7). Logo, o casamento representava o fim de sua liberdade, como também não suportava a possibilidade de ter que vivenciar os momentos rotineiros de um relacionamento permeado de responsabilidades. Além disso, considerava-se superior demais para envelhecer ao lado de uma única mulher, ou seja conviver e se adaptar ao humor de uma companheira cotidianamente, apesar da grande afinidade com mulheres, afinal, “passou a infância em uma família de mulheres, cuja companhia fez dele um apreciador e, até certo ponto, um mulherengo” (COETZEE, 2000, p. 13). “[his childhood was spent in a family of women. The company of women made of him a lover of women and, to and extent, a womanizer]” (COETZEE, 1999, p. 7). Fato que o tornou atraído pelo sexo feminino e confiante em seu poder de sedução. Além disso, suas características permitiam-lhe conquistar vários tipos de mulher e por isso, acreditava em sua superioridade em relação a elas e confiava na idéia de desfrutar e vivenciar apenas os momentos bons e prazerosos de um relacionamento, totalmente desvinculado das convenções sociais. Essa postura conferia-lhe um ar de esnobador em relação ao sexo feminino, que por ele era visto como mero objeto sexual.

Diante disso, o caráter autoritário e dominante do protagonista assegurava-lhe uma posição de centro, de colonizador que invade e impõe seu discurso que é uma ordem e cujo poder se fortalece diante da fragilidade, da ausência de voz da passividade e até mesmo das condições de Soraya que representa a periferia. Pois, o fato de ser muçulmana implica submissão a Alá e ao marido, além de ser inferiorizada pelo simples fato de ser mulher e negra. Sabe-se que o negro sempre foi estigmatizado por causa de sua cor e sofreu todo tipo de racismo e preconceito. Segundo Munanga, “o espírito europeu sempre se empenhou em desfigurar completamente a moral do negro e suas aptidões intelectuais. O negro sempre foi sinônimo de primitivo, inferior e dotado de uma mentalidade pré-lógica” (MUNANGA, 1986, p. 9). No entender de Ruiz, “o estigma em relação aos negros tem sido reforçado pelos interesses econômicos e sociais que levaram os povos negros à escravidão. A mulher negra foi ainda mais inferiorizada convertida em símbolo de sujeição, submissão e subalternização” (RUIZ, 1988, p.100). Por isso, Soraya enquanto mulher negra e impregnada de toda essa visão falsa e errônea que paira sobre o negro, torna-se mais vulnerável à exploração de David. Além disso, o fato de ser empregada da agência onde trabalha, contribui para reiterar sua

condição de periferia. De acordo com Fanon, “essa relação centro e periferia tem origem na relação entre colonizador e colonizado e nas relações de poder que revelam a superioridade do europeu e a inferioridade do nativo” (FANON, 1961, p. 40). Neste sentido, a meiguice, a passividade, a submissão e a obediência de Soraya caracterizam-na como inferior e periférica, diante da alegada autoridade e centralidade de David. No entanto, “Um belo dia tudo isso acabou, sem aviso prévio ele perdeu os poderes... Se queria uma mulher tinha de aprender a conquistá-la; muitas vezes de forma ou outra, tinha de comprá-la” (Coetzee, 2000, p. 14).

“Then one day it all ended. Without warning his power fled... If he wanted a woman he had to learn to pursue her; often, in one way or another, to buy her” (COETZEE, 1999, p.7).

Observa-se que o protagonista descobre que já não era tão atraente e nem conquistador quanto antes, afinal os anos haviam passado e ele já não era mais tão jovem e nem dispunha de suas características sedutoras. Além disso, as mulheres já não faziam mais parte da sua esfera de dominação. Mesmo assim, não perdeu a arrogância e o ar de superioridade, nem abandonou a postura manipuladora em relação aos que considerava inferiores, principalmente as mulheres. No entanto, foi por causa de sua decadência atrativa e sedutora, que foi apresentado a Soraya, uma prostituta negra muçulmana. “No catálogo, Soraya estava na seção ‘Exóticas’” (COETZEE, 2000, p.14). “[She was on their books under ‘exotic’]” (COETZEE, 1999, p. 7), característica que comprova a visão objetificadora de David e revela sua atração por mulheres oriundas do Terceiro Mundo, principalmente pelas negras, justamente por recair sobre elas o estereótipo de inferiores e extremamente pervertidas sexualmente. Ruiz afirma que “o estereótipo é um modelo rígido e anônimo, a partir do qual são produzidos, de maneira automática, imagens ou comportamentos. É uma prática de preconceito e objetiva justificar uma suposta inferioridade” (RUIZ, 1988, p.12). Dessa forma, o estereótipo da sexualidade exacerbada tem origem ainda durante a escravidão, quando “as mulheres brancas por serem vistas como castas, era relegada às negras a condição de objeto sexual” (GONZALEZ, 1982, p. 15). Neste sentido, David como ascendente branco e dominador, tem essa visão estereotipada sobre Soraya que, na condição de mulher negra é uma representação metonímica da periferia, pois sua cor é o símbolo cultural e político da inferioridade e da degeneração. Além disso, essa condição de Soraya fortalece a centralidade do protagonista já que ele a considera de origem subalterna e alvo de fácil manipulação.

Assim, “acreditava ter resolvido muito bem o problema de sexo”(COETZEE, 2000, p.7). “[To his mind, solved the problem of sex rather well]” (COETZEE, 1999, p.1), quando afirma que “[...] noventa minutos por semana em companhia de uma mulher sejam suficientes

para fazê-lo feliz, ele que achava que precisava de uma esposa, de um lar, um casamento, suas necessidades acabaram se revelando bem leves e fugazes, como as de uma borboleta” (COETZEE, 2000, p. 12). “[...] It surprises him that ninety minutes a week of a woman’s company are enough to make him happy, who used to think he needed a wife, a home, a marriage. His needs turn out to be quite light, after all, light and fleeting, like those butterfly] (COETZEE, 1999, p. 5).

Essa afirmação revela sua ascendência ao contrastar os noventa minutos semanais de felicidade com o idealismo da antiga vida matrimonial. Por isso,

[...] nas tardes de quinta-feira, pontualmente às duas da tarde toca a campainha da portaria do Edifício Windsor Mansions, diz seu nome e entra. Soraya está esperando na porta do 113... ele está na agenda dela faz mais de um ano. Ele acha ela perfeitamente satisfatória. No deserto da semana, a quinta-feira passou a ser um oásis de *luxe et volupté* (COETZEE, 2000, p. 7).

[...] on Thursday afternoons he drives to Green Point. Punctually at two p.m. he presses the buzzer at the entrance to Windsor Mansions, speaks his name, and enters. Waiting for him at the door of N° 113 is Soraya...He has been on her book for over a year. He finds her satisfactory. In the desert of the week Thursday has become an oasis of *luxe et volupté*] (COETZEE, 1999, p. 1).

Esse fato caracteriza e realça seu caráter inescrupuloso e manipulador em relação ao sexo feminino. Na visão de David, a mulher só existe enquanto símbolo sexual, logo, Soraya é seu objeto dos prazeres, e por isso, em nenhum momento são mencionadas suas qualidades e sentimentos enquanto ser humano, já que ela é vista por David apenas do ponto de vista sexual e por isso, é totalmente objetificada. É importante ressaltar que a “objetificação consiste na negação da individualidade e da subjetividade” (FANON, 1968, p.72). Por isso, Soraya tem a identidade anulada em detrimento da imposição da dominação de David. Observa-se que as palavras “deserto” e “oásis”, representam a ausência e a realização sexual de David que deve se caracterizar como abstrata e seca, até atingir sua plenitude. Nota-se que a palavra “deserto” representa toda a semana em que ele fica sozinho, sem a companhia feminina para satisfazer suas necessidades. Então fica esperando pelo “oásis” que representa a quinta-feira, momento da concretização e realização plena de seus desejos e ocasião em que sua dominação se configura sobre o corpo de Soraya. E esse parece ser o conceito de felicidade do protagonista, “[...] viver dentro de seus rendimentos, dentro de seu temperamento, dentro de seus meios emocionais. É feliz? Em termos gerais acha que sim. Porém, não se esqueça da última fala do coro de *Édipo*: Nenhum homem é feliz até morrer” (COETZEE, 2000, p. 9). “[...he lives within his income, within his temperament, within his

emotional means. Is he happy? By most measurements, yes, he believes he is. However, he has not forgotten the last chorus of Oedipus: Call no man happy until he is dead]” (COETZEE, 1999, p.2).

Essa afirmação mostra o conformismo e a sádica realização que justifica os momentos de solidão, ainda que não admitida por ele. Ao mesmo tempo, denota a afirmação de seu comportamento leviano que dá suporte para o descaso e a frieza com que trata as pessoas que estão à sua volta.

A subjetividade do protagonista é visível quando acredita que Soraya tem sorte de tê-lo encontrado, por proporcionar a ela intensos momentos de realização sexual com um homem branco e ascendente a ela. Essa subjetividade torna-se ainda mais notável em David, quando a confiança e o convencimento de suas qualidades atrativas o faz zombar até mesmo da personagem Emma Bovary, “Mulher educada segundo os ideais burgueses românticos e que, enfadada com o próprio casamento, torna-se presa fácil do primeiro conquistador que lhe cruza o caminho” (FADEL, 2001, p. 428). Como tinha um comportamento vulnerável e apreciava os sentimentos arrebatadores e delirantes, essa personagem era uma representação da redução da mulher ao prazer e ao sexo e, conseqüentemente da própria objetificação feminina. No entanto, essa condição a satisfazia justamente por ser uma mulher insaciável. De fato, “[...] pensa em Bovary, voltando para casa saciada... Então essa é a plenitude de que falam os poetas?... Se Emma aparecesse algum dia na Cidade do Cabo, ele a levaria consigo uma quinta-feira de tarde para lhe mostrar como a plenitude pode ser” (COETZEE, 2000, p. 12). “[...he thinks of Emma Bovary, coming home sated... So this is the bliss the poets speak of?... If Emma were ever to find her way to Cape Town, he would bring her along one Thursday afternoon to show her what bliss can be]” (COETZEE, 1999, p. 6).

A confiança em seu poder de sedução e a presunção de objetificação se estende a todas as mulheres e o faz pensar que é capaz de fazer qualquer mulher esquecer da vida rotineira de um casamento e conhecer ao lado dele os verdadeiros prazeres de um relacionamento. Essa conduta destaca sua posição de centro e revela sua obstinação e predominância em dominar a mulher e torná-la “objeto estereotipado e usado como fonte inesgotável de consumo” (FANON, 1961, p.20-23).

No entanto, quando descobre que foi abandonado por Soraya, a prostituta negra, com quem vivenciou momentos de prazer e por isso, acreditava na satisfação dela ao lado dele, seu comportamento se desestabiliza, devido à sua incapacidade em acreditar que alguém que considera inferior, poderia abandoná-lo. Depois que ela o deixou, descobriu certa afeição pela prostituta. Então decide procurá-la, mas é rejeitado. Contrariado e sem compreender os



motivos e as reações dela, ele decide voltar à agência onde a encontrou e “passa a noite com outra Soraya - parece que Soraya passou a ser um *nom de commerce* muito popular” (COETZEE, 2000, p.15). “[He spends an evening with another Soraya-Soraya has become it seems, a popular *nom de commerce*]” (COETZEE, 1999, p. 8) e também a trata como um produto comercial e ainda a considera “sem prática, e na sua opinião, rústica [inexperiente]” (COETZEE, p. 15) [unpractised, to his mind coarse]” (COETZEE, 1999, p.8), pois o comportamento e as características dela não superam as expectativas dele. Decepcionado, o protagonista desiste das prostitutas da agência, cujos comportamentos em nada se assemelham ao comportamento de Soraya, a prostituta negra muçulmana. Então, ele passa a seduzir a secretária nova de seu departamento. Seu nome é *Dawn*, que quer dizer, *o amanhecer*. O nome da secretária metaforicamente lembra um recomeço nessa fase de transição da vida do protagonista, como se, após o término do romance com Soraya, a prostituta muçulmana negra, iniciasse um novo período, uma nova fase que representa a reafirmação de seu poder e uma renovação de sua capacidade sedutora. Observa-se que David procura manter sua centralidade e por isso, quando é abandonado por Soraya passa imediatamente a seduzir Dawn, como uma forma de não perder o poder e continuar sendo o centro. Além disso, o fato de ela ter filhos e marido revela a perpetuação do caráter inescrupuloso e conquistador de David Lurie até mesmo por mulheres casadas.

No entanto, o que parece representar um recomeço, torna-se uma frustração, pois o protagonista descobre que Dawn tem um comportamento que em nada lhe agrada. A postura dela não é de passividade, ao contrário, a personagem revela um comportamento ativo, semelhante à suposta função atribuída ao homem. Ao contrário de Soraya, Dawn não se deixa conduzir, por isso, a dominação dele não se concretiza sobre ela, causando insatisfação em David. O fato de ela exercer uma atividade que pertence ao macho, leva o protagonista a “evitá-la, cuidando de contornar o escritório onde ela trabalha. Em troca, ela lança olhares magoados, depois o esnoba” (COETZEE, 2000, p 16). “[he avoids her taking care to skirt the office where she works. In return, she gives him a hurt look, then snubs him]” (COETZEE, 1999, p. 9).

Diante da série de frustrações que vivencia, David passa a refletir sobre sua decadência em relação às mulheres ao mesmo tempo admitir que estas já não se encontram mais sob seu domínio, o que torna sua realização pessoal quase impossível. Então, ele percebe que está perdendo a centralidade e o poder. Essa situação causa-lhe certa culpabilidade e frustração, justamente por não dispor mais de sua capacidade sedutora e nem das características atrativas que garantiam sua posição de centro. No entanto, reconhece

momentaneamente que já não dispõe mais da mesma força e predisposição, o que lhe garante um certo conformismo diante do fracasso enquanto homem. Por isso, pensa em desistir da vida promíscua que leva, mas para isso, o único jeito seria Castrar-se. Então lembra de Origen (185 a.C - 254 d.C), teólogo cristão que se castrou para não sentir tentações, e pensa que talvez essa seria a única forma de mudar sua vida: não sentindo mais as tentações. Castrar-se seria o único meio para purificar-se e “ao menos pôr-se a pensar no que um velho tem de pensar mesmo: preparar-se para a morte” (COETZEE, 2000, p. 16) [a clearing of the decks, at least, so that one can turn one’s mind to the proper business of the old: preparing to die] (COETZEE, 1999, p. 9). Todavia, é fraco demais para tomar essa decisão. Sem abandonar sua postura arrogante, mas consciente de suas fraquezas e de não dispor mais de seus poderes, decide dar seqüência em sua vida decadente. Essa atitude revela que apesar da desilusão, David não perde a subjetividade e, apesar de não obter o mesmo resultado e nem dispor da mesma capacidade que antes, ele decide manter sua postura de origem. Afinal, “seu temperamento não vai mudar, está velho demais para isso. Está fixo, estabelecido” (COETZEE, 2000, p. 8). “[That is his temperament. His temperament is not going to change, he is too old for that. His temperament is fixed, set]” (COETZEE, 1999, p. 2). Atitude que demonstra também sua dificuldade e incapacidade para aceitar mudanças.

### 3.3 A OBJETIFICAÇÃO E A VIDA DUPLA DE SORAYA

A prostituta Soraya representa a situação de muitas mulheres negras sul-africanas. Sabe-se que logo após a queda do regime de *apartheid* e até mesmo na África do Sul contemporânea, a mulher negra tem lutado constantemente para reverter a visão estereotipada de subserviente, submissa ou de extremamente sexuada que lhe foi atribuída ao longo dos anos. Guimarães afirma que, “desde a escravidão, a mulher negra carrega o estereótipo de ter a sexualidade exacerbada e isto se dava ao fato da mulher branca ser vista como pura e casta, enquanto que as negras eram vistas como sexualmente pervertidas” (GUIMARÃES, 1999, p. 46). A imagem da mulher negra sempre foi de inferiorizada, destituída de qualquer valor, além de ser vista como incapaz de realizar certas funções. Segundo Sant’Ana,

há uma insistência nítida em retirar da mulher negra a condição humana e reservar-lhe um papel de subalterno na hierarquia social. Pois, a mulher negra é com

freqüência apresentada de avental e lenço na cabeça, tida como incapaz de exercer funções relegadas aos brancos (SANT'ANA, 1999, p.56).

No romance, a intencionalidade e a visão de David em relação à Soraya é uma representação do conceito que paira sobre a mulher negra. Pois, antes de tudo, o fato de ser mulher já implica uma visão estereotipada de inferioridade. Sabe-se que a sociedade, por meio de seus poderosos mecanismos de socialização tem estabelecido papéis sociais rígidos a homens e mulheres. “Ao homem, sempre coube tarefas de prestígio, autoridade e criatividade. Às mulheres, tarefas pouco reconhecidas socialmente” (SANT'ANA, 1999, p.64). O fato de ser negra, também é uma condição que contribui para a aniquilação de Soraya, uma vez que a mulher negra sempre foi representada como dependente, submissa e subalterna ao homem e à sociedade. Observa-se que durante toda a narrativa Soraya não tem voz e sua presença é marcada pelo silêncio que é a principal característica de sua objetificação. No entender de Bonnici, “a objetificação é a maneira pela qual indivíduos ou grupos de indivíduos tratam os outros como objetos. É a prática própria da ideologia patriarcal e da ideologia colonial de tratar o outro como inferior” (BONNICI, 2005, p.195). Desde o início da narrativa, é possível elencar as diversas situações que transformam e revelam Soraya como uma mulher-objeto. Como é descrita segundo a visão de David, os sentimentos dela não são descritos nem mencionados, uma vez que ela é vista como um objeto sexual. “Soraya é alta e magra de cabelo comprido e olhos escuros e brilhantes... na cama não é efusiva, seu temperamento na verdade é bastante sossegado e dócil” (COETZEE, 2000, p. 8) “[Soraya is tall and slim, with long black hair and dark, liquid eyes... in bed Soraya is not effusive. Her temperament in fact rather quiet, quiet and docile]” (COETZEE, 1999, p. 1). Nota-se que a passividade e a docilidade de Soraya, assim como suas outras características sensuais constituem o perfil perfeito para a perpetuação do domínio de David e a manutenção de sua centralidade. Pois, quanto mais dominada, mais periférica torna-se a imagem de Soraya e fortalece ainda mais a posição de David enquanto centro.

É inevitável não observar que ele não demonstra nenhum tipo de respeito pelas opiniões de Soraya, principalmente quando as considera moralistas. Quando a personagem “fica ofendida com as turistas que despem os seios em praças públicas” (COETZEE, 2000, p. 8) [She is offended by tourists who bare their breasts on public beaches] (COETZEE, 1999, p. 1), o protagonista se surpreende com essa opinião e prefere ignorar por considerar que ela não tem credibilidade para julgar o que é moral ou não, já que é uma “libertina por profissão” (COETZEE, 2000, p. 9). “[by occupation she is a loose woman]” (COETZEE, 1999, p. 3). Todavia, embora ele também não tenha um comportamento exemplar, sente-se no direito de

julgá-la, sem reconhecer sua própria condição de promíscuo e imoral. É visível a incapacidade de David em compreender e mostrar interesse pelos verdadeiros motivos de Soraya em relação à sua vida dupla, pois apesar de ela silenciar sobre a própria história, ele sabe que ela

Pode não ser profissional coisa nenhuma. Há indícios que deu à luz a um filho ou filhos. Talvez trabalhe para a agência só uma ou duas vezes por semana, e no resto do tempo viva uma vida respeitável... Seria estranho para uma muçulmana, mas hoje em dia tudo é possível (COETZEE, 2000, p. 9).

[It may be that she is not a professional at all. There are signs that she has borne a child, or children. She may work for the agency only one or two afternoons a week, and the rest live a respectable life... That would be an unusual for a Muslim, but all things are possible those days] (COETZEE, 1999, p. 3).

Nota-se que ele é indiferente à vida pessoal e sobre a vida real dela sob o pretexto de não aborrecê-la. O egoísmo do protagonista é eminente porque ele parece não querer “perturbar aquilo que para Soraya deve ser uma precária vida dupla” (COETZEE, 2000, p.9) “[He has no wish to upset what must be, for Soraya, a precarious double life]” (COETZEE, 1999, p.6). Nem mesmo o fato de ela ser uma muçulmana, condição em que esse comportamento e atitude são imperdoáveis, chama atenção ou desperta qualquer curiosidade em David. Pois, a condição de muçulmana simboliza submissão. Sabe-se que tais mulheres são totalmente desprovidas e impedidas de qualquer liberdade, sendo relegadas à servidão a Alá, aos seus maridos e à sociedade, sem nenhum direito de se expor e muito menos ter voz. Diante disso, o comportamento de Soraya é incomum para uma muçulmana e por isso, as atitudes dela podem ser entendidas como uma forma de protesto, de revide, mesmo que em silêncio. No entanto, David prefere ignorar os verdadeiros motivos dela e acreditar que devido às mudanças no novo contexto sul-africano, tudo é possível, fato que revela sua insensibilidade e egoísmo.

É impressionante o descaso e frieza de David, pela vida pessoal de Soraya, pois em nenhum momento ele mostra interesse em saber se ela é ou não casada, se tem filhos ou como é a vida dela fora do Windsor Mansions. Ao contrário, ele mostra interesse apenas pela realização sexual que ela pode oferecer a ele sem nenhuma exigência em troca, já que ele não permite uma abertura afetiva. Na verdade, David conhece sua incapacidade emocional e sabe que a seqüência de um possível envolvimento seria frustrante, uma vez que ele não é adepto a paixões intensas. Por isso, “a relação sexual entre Soraya e ele deve ser, imagina, como uma cópula de cobras: prolongada, absorvente, mas um tanto abstrata, seca, mesmo no ponto mais quente” (COETZEE, 2000, p. 9). “[The intercourse between Soraya and himself must be, he

imagines, rather like the copulation of snakes: lengthy, absorbed, but rather abstract, rather dry, even at its hottest]” (COETZEE, 1999, p. 3). Por meio dessa afirmação percebe-se a concretização do poder e dominação de David sobre o corpo de Soraya, cuja postura deve ser condizente e flexível às necessidades e desejos dele. No entanto, por considerá-la perfeita às suas necessidades, é visível a pretensão do protagonista em preservar a passividade de Soraya quando a presenteia com “uma pulseira esmaltada de malaquita, na data muçulmana do Eid”, que é uma festa religiosa dos muçulmanos, alegando que “gosta de vê-la contente” (COETZEE, 2000, p. 12). “[an enamelled bracelet, at Eid a little malachite heron, he enjoys her pleasure]” (COETZEE, 1999, p.5). Esse fato revela a autoridade do protagonista enquanto homem branco e dominador, que ocupa uma posição de centro e representa o colonizador, enquanto que Soraya ocupa a posição de periferia e é representada através da obediência e da servidão. Essa atitude do protagonista revela sua verdadeira intenção, pois o fato de presentear-la é uma forma de manter o silêncio, a obediência e a passividade de Soraya.

Neste sentido, a objetificação feminina é visível e recorrente durante toda a narrativa, pois desde o primeiro encontro com David, Soraya é tratada como objeto e vista como um produto comercial. Além disso, a obediência, a flexibilidade e a servidão revelam a objetificação dela e fortalece o domínio e a centralidade de David em torná-la perfeita para satisfazê-lo. Por isso, o corpo feminino torna-se o local da concretização dos desejos e prazeres. A objetificação do corpo de Soraya atinge seu ápice quando o protagonista julga a vulnerabilidade do comportamento flexível da personagem. Para ele, “com outros homens ela deve ser outra mulher: *la donna é mobile*” (COETZEE, 2000, p.9). “[with another men she becomes another woman: *la donna é mobile*]” (COETZEE, 1999, p.3), afirmação que comprova a banalização da imagem dela. Além disso, a expressão “*la donna é mobile*” revela a visão objetificadora de David que acredita na maleabilidade e no comportamento inconstante dela, comparando-a como *qual pluma al vento*, ou seja, uma pena ao vento, expressão usada para exprimir a ausência de reação e a vulnerabilidade dela para agir conforme o comando e os desejos dele. Essa expressão revela também que o protagonista não apenas configura seu poder sobre a personagem, como também o estende a toda esfera feminina, sem conhecer sua verdadeira realidade e saber se ela realmente tem ou não esse tipo de comportamento com outros homens, além de eliminar totalmente a dignidade dela enquanto mulher. Essa mentalidade mostra a visão essencialista do protagonista em relação à falsa universalidade dos estereótipos atribuídos ao sujeito feminino, visto apenas como objeto sexual, desprovida de desejos, sentimentos e opiniões próprias.

O silêncio de Soraya além de ser a principal característica de sua objetificação, também permite a ascendência e a centralidade do protagonista que acredita na ausência de personalidade dela e na sua incapacidade de qualquer reação adversa às vontades dele. Além disso, a obediência, a pontualidade e a subserviência ao servir o cliente também a caracterizam como mulher-objeto e reforçam sua condição de periferia. Pois, “todas as quintas-feiras, pontualmente às duas da tarde... Soraya está esperando na porta do 113” (COETZEE, 1999, p. 7) “[On Thursday afternoons, punctually at two p.m... She is waiting for him at the door of 113]” (COETZEE, 1999, p 1), pronta para satisfazê-lo sexualmente e também ouvi-lo contar sobre os eventos da vida dele, enquanto ela silencia seu verdadeiro nome e a sua verdadeira identidade. “Como ele confia nela, dentro de certos limites, acredita que a “sua afinidade com ele não pode de jeito nenhum ser fingida” (COETZEE, 2000, p. 9). “[As he trusts her, within limits, her affinity with him can surely not be feigned]” (COETZEE, 1999, p.3). A forma como Soraya se comporta e a maneira como é tratada pelo protagonista representa uma aniquilação simbólica da mulher, que no entender de Tuchman (1981), refere-se à maneira como as representações culturais e a mídia ignoram, excluem, marginalizam ou banalizam as mulheres e suas preocupações e interesses. De acordo com Bonnici,

a aniquilação simbólica da mulher parece estar atrelada à hipótese reflexiva, ou seja, a mídia reflete os valores sociais dominantes de como uma determinada sociedade gostaria de ser representada. Se alguma coisa não está representada positivamente, ela é banalizada, condenada, ou simbolicamente aniquilada (Bonnici, 2005, p. 5-6).

Todavia, a objetificação da personagem enquanto mulher negra, não se limita à dominação de David. Na realidade, ela é objetificada pelo contexto em que vive e pelas condições enquanto pessoa. Na condição de muçulmana ela tem consciência que não pode se expor enquanto prostituta, por isso, tem uma vida dupla, um nome fictício e conseqüentemente, uma identidade que é suprimida e relegada à condição de objeto sexual. O fato de ter filhos e o próprio contexto em que vive também contribuem para uma visão que condena o comportamento dela. Além disso, é explorada pela agência onde trabalha, pois “[...] por uma hora e meia, ele paga-lhe quatrocentos rands, dos quais metade vai para a Discreet Escorts. É uma pena a Discreet Escorts cobrar tanto. Mas são donos de Soraya também” (COETZEE, 2000, p.8). “[...for a ninety minute session he pay her R400, of which half goes to Discreet Escorts. It seems a pity that Discreet Escorts should get so much. But they own Soraya too]” (COETZEE, 1999, p.2).

Esse fato deixa explícito a dupla objetificação do corpo da personagem, que é explorada sexualmente por David e financeiramente pela agência, ou seja, reduzida à condição de objeto. Portanto, as diversas formas de colonização a que é submetida, revelam cada vez mais sua condição de periferia e ressalta a centralidade de David.

### 3.3.1 A Recuperação da Subjetividade de Soraya

Embora a perpetuação e a predominância do poder masculino representado pelo protagonista sejam recorrentes e notáveis desde o início da narrativa, esse quadro não revela toda a dimensão do relacionamento sexual entre David e Soraya. Apesar do comportamento manipulável, submisso e adaptável, ela surpreende o protagonista e consegue reverter sua condição de objeto. Após um relacionamento de aproximadamente um ano de obediência e servidão, ela se revela como sujeito com atitudes comportamento e principalmente, com um discurso próprio. Segundo Ashcroft, “A subjetividade está ligada à integridade e à autonomia da individualidade humana. A capacidade de voz ativa de um indivíduo é a principal característica da subjetividade humana” (ASHCROFT, 1998, p. 220). Dessa forma, a personagem que é vista como um objeto sexual pelo protagonista, conquista sua subjetividade através da recuperação de sua voz.

Pode-se dizer que o processo de recuperação da subjetividade de Soraya tem início quando ele descobre, de forma não intencional, que ela possui uma família, que ela tem uma personalidade e uma vida não conhecida por ele. Trata-se da recuperação da subjetividade através da cortesia dissimulada, que segundo Bhabha, “é uma maneira de revide que o sujeito colonizado usa para usurpar a autoridade e desestabilizar o centrismo do colonizador” (BHABHA, 1985, p. 75). Provavelmente, o fato de praticar a prostituição mesmo sendo uma muçulmana é a forma de Soraya revidar contra o marido que é déspota e egocêntrico.

Então em um domingo de manhã tudo muda. Ele está na cidade a negócios; andando por St. George's Street e seus olhos pousam numa figura esguia à sua frente na multidão. É Soraya, inconfundível, com uma criança de cada lado, dois meninos, foram às compras (COETZEE, 2000, p. 12).

[Then one Sunday morning everything changes. He is in the city on business; he is walking down St. George's Street when his eyes fall on a slim figure ahead of him in the crowd. It is Soraya, unmistakably, flanked by two children, two boys. They are carrying parcels; they have been shopping] (COETZEE, 1999, p. 6).

Observa-se que na visão do protagonista, o fato de saber da existência da vida dupla de Soraya e conhecer a verdadeira vida dela, implica adquirir mais poder e dominação. Esse episódio faz com que ele se interesse em descobrir a vida real dela. Por isso, “Ele hesita, depois a segue a distância. Os três desaparecem na Captain Dorego’s Fish Inn. Os meninos têm o mesmo cabelo lustroso de Soraya e seus olhos escuros. Só podem ser seus filhos” (COETZEE, 2000, p. 13). “[He hesitates, then follows at a distance. They disappear into Captain Dorego’s Fish Inn. The boys have Soraya’s lustrous hair and dark eyes. They can only be her sons]” (COETZEE, 1999, p. 6).

Esse fato provoca uma inquietação incômoda em David, principalmente pelo fato da prostituta nunca ter revelado nada sobre sua vida fora do Windsor Mansions. Persistente e movido pelo desejo de descobrir a outra identidade dela, “Ele segue em frente, volta, passa diante da Captain Dorego’s uma segunda vez. Os três ocupam uma mesa perto da janela. Por um instante, atrás do vidro, os olhos de Soraya encontram os dele” (COETZEE, 2000, p.13). “[He walks on, turn back, passes Captain Dorego’s a second time. The three are seated at a table in the window. For an instant, through the glass, Soraya’s eyes meet his]” (COETZEE, 1999, p. 6).

Esse episódio e a troca de olhares indicam que algo indesejado aconteceu. Através do olhar ela mostra seu descontentamento com a invasão de David. Essa atitude novamente a conduz à subjetividade por meio da cortesia dissimulada. Pois, ela mostra uma forma de reação subjetiva que não é a discursiva (BHABHA, 1985, p. 75-80). Essa invasão na privacidade causa descontentamento na personagem provocando um distanciamento entre ambos. Então o protagonista percebe que a partir desse dia, nada mais será como antes.

Durante o encontro seguinte nada é mencionado, apesar do sentimento nostálgico que insiste permanecer entre eles. Além disso, a presença das crianças paira no ar, incômoda, e David sabe que algo mudou, embora ele demonstre “uma ternura maior por ela” (COETZEE, 2000, p. 13) “[greater tenderness for her]”, pois é dono do seu segredo e gostaria de dizer-lhe ‘Seu segredo está seguro comigo’ (COETZEE, 2000, p.13) “[Your secret is safe with me]” (COETZEE, 1999, p. 6). Contudo, este estranhamento indica que o protagonista perdeu seu poder de possessão sobre a prostituta e passou a representar um estranho, um invasor. O fato de conhecer a verdadeira vida dela não garantiu seu poder de dominação. Ao contrário, esse saber representou a perda de controle e o poder sobre ela. Diante da invasão, ela mostrou-se capaz de reagir e, “Embora ela mantenha os compromissos, ele sente uma crescente frieza à medida que ela se transforma em só mais uma mulher e ele



em só mais um cliente” (COETZEE, 2000, p. 14). “[Though she still keeps her appointments, he feels a growing coolness as she transforms herself into just another woman and him into just another client]” (COETZEE, 1999, p.7).

Observa-se que David começa a sentir falta do antigo comportamento de Soraya, que não dispõe mais daquela postura submissa, passiva e nem se mostra com a mesma docilidade de antes. O protagonista sabe que essa instabilidade e esse estranhamento é uma ameaça para seu perfeito e satisfatório relacionamento sexual. O fato de possuir e dominar Soraya garante a ele a posição de centro e a partir do momento em que ela começa a reagir, ele começa a perder essa centralidade. Além disso, a idéia de se relacionar com outra prostituta, causava-lhe certa contrariedade, embora ainda confiasse em sua capacidade de atrair e seduzir mulheres.

Sabe que as prostitutas conversam entre si sobre os homens que as freqüentam, principalmente os mais velhos. Contam histórias, riem, mas se arrepiam também, como alguém se arrepia com uma barata dentro da pia no meio da noite. Logo, elegantemente, maliciosamente, ele será alvo desses arrepios. É um destino a que não pode escapar (COETZEE, 2000, p. 15).

[he has a shrewd idea of how prostitutes speak among themselves about the man who frequent them, the older men in particular. They tell stories, they shudder too, as one shudders at a cockroach in a washbasin in the middle of the night. Soon, daintily, maliciously, he will be shuddered over. It is a fate he cannot escape] (COETZEE, 1999, p. 8).

É notável que David sabe que Soraya não pertence mais à sua esfera de dominação. Ele percebe que começa a perder a centralidade e admite que seu objeto de prazer está cada vez mais longe do seu alcance e seu domínio sobre ela, torna-se cada vez mais difícil, quase impossível.

Contudo, a suposição de David se confirma em uma quinta-feira, após um encontro rotineiro, quando ela faz o comunicado que ele vem tentando ignorar. “Não vou estar aqui semana que vem” (COETZEE, 2000, p. 15) “[I won’t be here next week]” (COETZEE, 1999, p.8) Neste momento, a subjetividade da personagem torna-se visível por meio de sua voz, pois é ela quem comanda a ação e determina o que será feito. É a voz feminina que prevalece e por isso, há uma inversão de papéis e é ela quem passa a ser o centro. Quando o protagonista a questiona sobre o próximo encontro, Soraya é quem toma a decisão final. “Não tenho certeza, melhor telefonar primeiro” (COETZEE, 2000, p. 15) “[I’m not sure. You had better phone first]” (COETZEE, 1999, p.8). Essa situação revela o rompimento de sua condição de subalterna, o fim de sua obediência e servidão, para assumir a posição de sujeito e

conseqüentemente, a centralidade. Essa postura de Soraya é consolidada no momento em que o protagonista se mostra deslocado “Não tenho o número” (COETZEE, 2000, p. 15) “[I don’t have a number]” (COETZEE, 1999, p.8). Esse fato indica que David perde sua posição de centro e passa a representar a periferia, ou seja, passa a cumprir as ordens de Soraya. Neste momento, a descentralização de David se concretiza, pois a personagem estabelece um distanciamento entre ambos, rompendo totalmente seu vínculo com ele, e ao mesmo tempo fazendo-o perceber que a dominação masculina não fora totalmente concretizada sobre seu corpo.

A subjetividade feminina é finalmente estabelecida quando David invade a privacidade da personagem de forma intencional, ligando na casa dela para questioná-la sobre um novo encontro. Neste momento, a subjetividade de Soraya atinge seu ápice, e na condição de sujeito ela o surpreende com sua voz: “Você está me assediando na minha própria casa. Por favor, nunca mais me telefone aqui, nunca... Ela pede. Ela quer exigir. A irritação dela o surpreende, nunca houve nenhum sinal disso antes” (COETZEE, 2000, p.17). “[You are harassing me in my own house. I demand you will never phone me here again, never...Demand. She means command. Her shrillness him, there has been no intimation of it before]” (COETZEE, 1999, p.10).

Esse episódio revela que, apesar da condição de subalterna e sem direito à voz ativa, pois “o sujeito subalterno não tem nenhum espaço a partir do qual possa falar” (SPIVAK,1988, p.271-313), Soraya rompe definitivamente com a condição de objeto através de seu comportamento e atitudes. Segundo Bhabha, “o sujeito subalterno pode falar e sua voz pode ser recuperada através da paródia, da mímica e da cortesia dissimulada” (BHABHA,1984, p.125-133). Observamos que Soraya consegue reverter sua condição de objeto quando mostra reações de descontentamento com a dominação a que está submetida. Trata-se da subjetividade por meio da cortesia dissimulada, que é uma forma de protesto e resistência.

No entanto, a subjetividade dela se concretiza totalmente quando revida discursivamente. Nota-se que o verbo “exigir” indica uma ordem de Soraya e representa uma inversão dos papéis, pois agora ela representa o centro, portanto, exige e determina as atitudes dele em relação a ela. A irritabilidade, a agressividade e a revolta dela surpreendem e causam um desequilíbrio no protagonista fazendo-o perceber que sua dominação e ascendência foi anulada diante da nova postura de Soraya. Segundo Memmi, “a revolta do colonizado é a tentativa de um caminho de libertação e desmistifica sua suposta inferioridade” (MEMMI, 1989, p.111). Dessa forma, ao impor suas condições ao protagonista, que representa o

colonizador, a personagem usa artifícios e estratégias semelhantes as que lhe foram impostas outrora. De acordo com Fanon, “o colonizador indicou o caminho inevitável que teria que ser seguido em prol da emancipação e o argumento escolhido pelo colonizado foi a revolta e a agressividade que atuam como forma de recuperação da sua dignidade humana” (FANON, 1968, p. 65).

### 3.4 MELANIE ISAACS

Após o fim do relacionamento sexual entre David e Soraya, seguido da série de frustrações que o protagonista vivencia, tem-se novamente o relacionamento entre um homem branco, professor, que representa os valores patriarcais, e outra jovem negra. Mais uma vez a mulher negra é alvo da exploração masculina, devido a visão estereotipada que foi difundida ao longo da história. Sabe-se que o estereótipo pode ser definido como tendência à padronização, com eliminação das qualidades individuais e das diferenças, com a ausência total do espírito crítico (SANT’ANA, 1999, p.57). Neste sentido, justamente por ser vista como inferior e submissa “desde a colonização a mulher negra tornou-se objeto de realização dos desejos sádicos e caprichos sensuais dos homens brancos, sendo muitas vezes violadas pelos europeus e exploradas sexualmente” (FREIRE, 1992, p. 108-109). Esse fato deu origem à visão distorcida de que as negras eram extremamente sexuadas, fato que as tornaram símbolo de objetificação. Todavia, na verdade, o negro era forçado a se submeter às vontades dos brancos, assim como as mulheres negras eram obrigadas a servirem seus patrões. Essa situação esclarece que “não era o negro, o libertino, e sim um escravo a serviço do interesse e da ociosidade voluptuosa dos senhores, não sendo a raça considerada inferior a fonte da corrupção, e sim, o que havia era o abuso de uma raça por outra, no caso, da raça branca sobre a raça negra” (FREIRE, 1992, p.108-109).

Neste sentido, a personagem Melanie Isaacs, na condição de jovem e negra, torna-se vítima dessa visão, cuja origem é fruto da ideologia européia que tinha como objetivo dominar os povos considerados inferiores à raça branca (PEREIRA, 1978, p. 15).

Nota-se que “sem os interlúdios das quintas-feiras” (COETZEE, 2000, p.18) “[without the Thursday interludes]” (COETZEE, 1999, p.11), o protagonista sente dificuldade em ministrar seu tempo ocioso, não que seus compromissos profissionais e as atividades rotineiras não sejam suficientes para preencher sua vida vazia e medíocre. A verdade é que

sem a presença feminina, “a semana fica tão sem forma quanto um deserto”(COETZEE, 2000, p.18) [the week is a featureless as a desert]” (COETZEE, 1999, p.11). Na verdade, não sente falta da companhia de uma mulher, mas da sensação de poder que isso pode lhe causar. Afinal, sabe que a dominação feminina é a única forma de manter sua centralidade. Observe-se que David, como homem branco, representa a opressão e a invasão européia que impôs sua cultura de submissão para facilitar a manipulação daqueles destinados a obedecer (Pereira, 1978, p. 19). Essa afirmação esclarece o comportamento do protagonista que está sempre à procura de alguém que considera inferior para impor sua dominação.

Por isso, quando

[...] está voltando para casa, numa sexta-feira de noite, pelo caminho mais longo que atravessa os jardins da faculdade, nota uma de suas alunas no caminho à sua frente. O nome dela é Melanie Isaacs, estudante do curso sobre os poetas românticos. Não a melhor aluna, mas não a pior também: inteligente até, mas não empenhada (COETZEE, 2000, p.18).

[...he is returning home one Friday evening, taking the long route through the old college gardens, when he notices one of his students on the path ahead of him. Her name is Melanie Isaacs, from his Romantic course. Not the best student but not the worst either: clever enough, but unengaged] (COETZEE, 1999, p.11).

Aparentemente, Melanie é uma aluna como todas as outras; no entanto, sua espontaneidade é notável, devido à inclinação que tem para o teatro. Além disso, sua beleza física, e a aparente ingenuidade chama a atenção do professor, pois Melanie “é pequena e magra, de cabelo curto e preto, maçãs do rosto largas, quase chinesas, olhos grandes e escuros. Sua roupa é sempre espalhafatosa” (COETZEE, 2000, p.18) “[is small and thin, with close-cropped black hair, wide, almost Chinese cheekbones, large, dark eyes. Her outfits are always striking]” (COETZEE, 1999, p.11).

Essa rápida análise que faz da estudante e o fato de ainda ser uma jovem, mas com aparência de mulher, despertam-lhe certo interesse e faz com que ele “fique tocado por ela” (COETZEE, 2000, p.19) [he is mildly smitten with her] (COETZEE, 1999, p.11). Observa-se ainda, que Melanie além de jovem e atraente, é dona de uma beleza exótica, característica que o atrai, principalmente por considerá-las vulneráveis à sedução e alvo de fácil manipulação. É importante ressaltar que o fato de ela ser negra, cuja origem ele considera inferior e subalterna, reitera seu desejo de torná-la objeto de dominação. Pois, as características da estudante, a sensualidade e o comportamento parcialmente exemplar constituem o perfil apropriado para exploração de David. Embora ele tenha consciência de

que ela é sua aluna, não atribui importância às consequências de seu comportamento leviano e ainda usufrui de seu poder enquanto professor para seduzi-la e dominá-la.

### 3.4.1 Sedução Predatória

Apesar de freqüentar as aulas de poesia do curso de Literatura do Romantismo Inglês, Melanie Isaacs tem o objetivo de se formar em Direção Teatral e Cenografia, motivo pelo qual deixa a família em George, interior da África do Sul, para morar e estudar na Cidade do Cabo. A beleza exótica e a aparente ingenuidade de Melanie faz com que os olhos do professor David Lurie, homem branco, de comportamento sedutor e manipulador, passe a observá-la e seduzi-la, uma vez que essa postura do professor “não é novidade: não há semestre em que ele não se apaixone por uma de suas crias” (COETZEE, 2000, p.19) “[It is no great matter: barely a term passes when he does not fall for one or other of his charges]” (COETZEE, 1999, p.12). Essa atitude revela seu comportamento astuto, inescrupuloso e ascendente às mulheres. Para seduzir Melanie no primeiro encontro, constrói um ambiente sedutor, “[...] abre uma garrafa de vinho, põe música: o quinteto de clarineta de Mozart... vinho, música: um ritual que homens e mulheres celebram uns com os outros” (COETZEE, 2000, p.19). “[...] he opens a bottle of wine, he puts on music: the Mozart clarinet quintet...wine, music: a ritual that men and women play out with each other]” (COETZEE, 1999, p.12).

No entanto, esse desejo é ameaçado por um vislumbre ético, afinal, “ela não é só trinta anos mais nova que ele: é aluna, sua aluna, está sob sua tutela” (COETZEE, 2000, p. 20). “[she is not just thirty years his junior: she is a student, his student, under his tutelage]” (COETZEE, 1999, p.12). Essa situação faz David refletir momentaneamente sobre sua postura enquanto professor, porém não desiste de conquistá-la, pois “ela sabe que ele está de olho nela... As mulheres sentem essas coisas, o peso de um olhar de desejo” (COETZEE, 2000, p.19). “[she knows he has an eye on her...Women are sensitive to it, to the weight of the desiring gaze]” (COETZEE, 1999, p.12). Por isso, Melanie torna-se alvo do fitar masculino, que constitui uma estratégia de dominação. De acordo com Bonnici, “através do olhar, da vigilância e da observação que são sinônimos do poder, o colonizador define a identidade do sujeito colonial, objetifica o sujeito no sistema identificador das relações do poder e salienta a subalternidade dele” (BONNICI, 2005, p. 41). Essa situação desperta ainda mais o desejo de

David em possuí-la e por isso, ele usa sua experiência e seu conhecimento enquanto professor para impressioná-la, já que a considera uma aluna de comportamento parcialmente exemplar, pois “é inteligente até, mas não empenhada” (COETZEE, 2000, p.18). “[clever enough, but unengaged]” (COETZEE, 1999, p.11), características estas, que fazem David acreditar na superioridade dele e na inferioridade e ingenuidade dela.

É visível também que o protagonista usa o poder que o saber confere a um professor para impressioná-la com citações poéticas. No entanto, Melanie não demonstra grande afinidade com a poesia “não gosto tanto de Wordsworth” (COETZEE, 2000, p. 20). “[I’m not crazy about Wordsworth]” (COETZEE, 1999, p.13). Neste momento, ele a repele “não devia dizer uma coisa dessas para mim. Wordsworth é um dos meus mestres” (COETZEE, 2000, p.20). “[you shouldn’t be saying that to me. Wordsworth has been one of my masters]” (COETZEE, 1999, p. 13). A franqueza da estudante denota indiferença em relação ao conhecimento do professor e por isso, ele se mostra intolerante às opiniões dela, revelando-se extremamente dominador, já que não admite ser contestado e tratado com indiferença, quando na realidade ele tem esse tipo de postura. Por julgar-se superior enquanto professor, pensa que suas preferências poéticas e seu conhecimento devem também ser apreciados por seus alunos, a quem considera inferiores e incapazes de qualquer julgamento de valor. Essa atitude de David pode ser comparada a de um colonizador, que impõe sua cultura ao colonizado, que é visto como primitivo, deplorável e totalmente desprovido de habilidades intelectuais (DUNCAN, 1988, p.23). Entretanto, o desejo do protagonista prestes a se realizar torna-se parcialmente impossível diante de seu autoritarismo, que justamente por causa de sua arrogância e rispidez provoca o distanciamento da aluna. Porém, ele atribui seu fracasso sedutor à insensibilidade poética de Melanie, já que ela “não é dada a paixões literárias” (COETZEE, 1999, p.21). “[not a creature of passion]” (COETZEE, 1999, p. 13).

Esse episódio faz David perceber que Melanie apesar da suposta fragilidade e inferioridade, é espontânea e pertence a um contexto que ele não está habituado. Logo, suas estratégias para seduzi-la deverão ser outras, diferentes daquelas que tinha com Soraya. Pois, a relação dele com a prostituta negra era semelhante à de patrão e empregada. Ele ordenava e ela obedecia. Afinal, ele a pagava para atender aos desejos e caprichos dele e por isso, não precisava se empenhar para possuí-la. Para o protagonista, Soraya era um objeto comprado, por isso, poderia usá-la como quisesse. No entanto, percebe que com Melanie a situação é diferente, apesar de ele ser o professor, posição que denota poder e autoridade, sabe que precisa dispor de outras estratégias para dominá-la. Diante disso, adota um falso desvio de comportamento com o objetivo de conquistá-la, mostrando-se interessado pelas coisas que ela

gosta, convida-a para sair e assiste ao ensaio da peça teatral em que ela atua, na qual ele é o único espectador. O protagonista adota uma postura cujas características se assemelham a uma tática predatória, onde ela é a ‘presa’, e ele ‘o predador’.

Por isso, “num domingo de manhã, ele vai dirigindo até o campus vazio e entra no escritório do departamento. Do armário de arquivos tira a ficha de Melanie Isaacs e copia seus dados pessoais” (COETZEE, 2000, p.25) [On Sunday morning he drives to the empty campus and lets himself into the department office. From the filing cabinet he extracts Melanie Isaacs’s enrolment card and copies down her personal details] (COETZEE, 1999, p.18). Essa atitude mostra que o professor quer certificar-se da origem da aluna, afinal, ela se tornou seu objeto de desejo, mas ele sabe que ela é só uma criança e por isso, não quer comprometer-se. Afinal, para ele Melanie não passa de uma aventura machista, já que ela é só mais uma das muitas mulheres que seduziu e dominou. Entretanto, como sente-se atraído pela jovialidade e sensualidade da estudante, se aproveita do fato de ela ser negra e viver longe dos pais, acreditando na suposta ingenuidade dela. Esse comportamento inescrupuloso e egoísta revela a capacidade de David em arquitetar as mais diversas situações premeditadas para seduzi-la, ganhando a confiança dela como uma forma de facilitar sua dominação. Por isso, o protagonista elogia e exalta a beleza da estudante, pois como é manipulador e sedutor, ele sabe que é excitante ser cortejada. Afinal, essa é a forma que encontra de conquistá-la, para finalmente dizer: “fique aqui. Passe a noite comigo” (COETZEE, 2000, p. 23) “[Stay. Spend the night with me]” (COETZEE, 1999, p.16). Esse comportamento individualista e egocêntrico se reitera quando o protagonista continua seu processo de sedução tentando fazê-la acreditar que “a beleza de uma mulher não é só dela. É parte do dote que ela traz ao mundo. Ela tem o dever de repartir com os outros” (COETZEE, 2000, p.23) “[a woman’s beauty does not belong to her alone. It is part of the bounty she brings into the world. She has a duty to share it]” (COETZEE, 1999, p. 16). Esse discurso mostra que o protagonista quer convencer a estudante da autenticidade do comportamento dele e da naturalidade da aceitação dela. Nota-se que o ser feminino é exposto à exploração e mais uma vez vista como submissa, subalterna e inferior ao homem.

No entanto, a personagem parece não corresponder aos desejos do professor e quando “ele abraça-a, ela escapa do abraço e vai embora” (COETZEE, 2000, p.24). “[he enfolds her, she slips his embrace and is gone]” (COETZEE, 1999, p.17). Essa atitude dele se assemelha a de um predador que está prestes a capturar sua presa. Todavia, o verbo “escapar” indica que sua presa acabara de fugir. Mesmo assim, ele não desiste, ao contrário, tenta tranquilizá-la e fazê-la acreditar na banalidade da situação, e ao mesmo tempo impedi-la de

qualquer reação contrária à vontade dele. Para atingir seus objetivos, o professor demonstra uma falsa atitude de proteção que pode ser observada por meio de sua afirmação: “deixa que eu cuido de tudo. Não vou deixar ir longe demais” (COETZEE, 2000, p.26). “[I’ll take care. I won’t let it go too far]” (COETZEE, 1999, p. 19), quando na realidade quer conduzi-la e dominá-la, pois momentos depois “no chão da sala, ao som da chuva tamborilando nas janelas, faz amor com ela. Embora ela fique passiva do início ao fim, acha o ato agradável” (COETZEE, 2000, p.26) “[On the living-room floor, to the sound of rain pattering against the windows, he makes love to her. Though she is passive throughout, he finds the act pleasurable]” (COETZEE, 1999, p.19). Observa-se que o verbo ‘tamborilar’ representa o contraste entre a realização de seu desejo e a sua consciência que o leva a pensar “o que é que estou fazendo?” (COETZEE, 2000, p.27) “[what am I doing?]” (COETZEE, 1999, p.19). Pois, apesar de “o corpo dela ser claro, simples, perfeito à sua maneira, ele sabe que ela não passa de uma criança” (COETZEE, 2000, p.26). “[her body is clear, simple, in its way perfect, he knows she is no more than a child]” (COETZEE, 1999, p.19). No entanto, insiste em seduzi-la e na pretensão de agradá-la e manter seu domínio sobre ela, manda-lhe flores.

A inexperiência e a imaturidade dela o atraem a ponto de fazê-lo perder o controle e surpreendê-la quando vai sem avisar à casa dela e “pega-a nos braços, nada o detém” (COETZEE, 2000, p.32). “[he takes her in his arms, nothing will stop him]” (COETZEE, 1999, p.25), O comportamento dele se assemelha a de um predador que surpreende sua presa. Diante dessa atitude, a personagem fica sem reação, “fica surpresa demais para resistir ao intruso que impõe sua presença. Tudo o que faz é desviar. Fica mole como uma marionete” (COETZEE, 2000, p.32). “[she is too surprised to resist the intruder who thrusts himself upon her. All she does is avert herself. Her limbs crumple like a marionette’s]” (COETZEE, 1999, p.24), como se estivesse morrendo naquele momento, para não sentir o que estava acontecendo, para não participar do ato, visto que é “[...] profundamente indesejado. Como se ela tivesse resolvido ficar mole, morrer por dentro enquanto aquilo durava, como um coelho quando a boca da raposa se fecha em seu pescoço” (COETZEE, 2000, p.33). “[...undesired to the core. As though she had decided to go slack, die within herself for the duration, like a rabbit when the jaws of the fox close on its neck] (COETZEE, 1999, p.25).

O comportamento da estudante lembra a morte e indica a impossibilidade da dominação de David ser concretizada porque ao ser manipulada, ela não reage e nem corresponde aos desejos dele. Esse comportamento mostra que ela se desvencilha das amarras que a controlam, e por isso, tem-se o início de uma reação através da ação negativa, ou seja, na passividade há indícios de protesto. Mesmo assim, ele continua invadido pelo desejo de



possuí-la, mesmo sabendo que é um erro e que ela deve estar tentando “se limpar dele” (COETZEE, 2000, p.33) [to cleanse herself of him] (COETZEE, 1999, p.25) como alguém que tenta se limpar de alguma coisa que foi imposta sem autorização. Essa situação pode ser comparada ao “colonizado que busca vencer a dominação e ao mesmo tempo superar os efeitos da cultura imposta sem permissão” (SANT’ANA, 1999, p.12).

Diante dessa falta de controle sobre Melanie, o protagonista parece amenizar o impacto de sua sedução invasiva, com o objetivo de manipular as ações dela e impedi-la de ter qualquer reação que não seja da vontade dele. Por isso, adota uma falsa postura de proteção “me conte o que é que foi” (COETZEE, 2000, p. 34) “[tell me what is wrong]” (COETZEE, 1999, p. 26) e quase diz “conte pro papai” (COETZEE, 2000, p. 34) [tell Daddy what is wrong] (COETZEE, 1999, p.26), esse fato revela a fragilidade, a inexperiência e a jovialidade precoce da aluna, que poderia ser filha do protagonista e que neste momento está diante de um adulto manipulador e egoísta que insiste em possuí-la, mesmo sem a intenção de qualquer compromisso com ela. Pois, “a última coisa no mundo de que precisa é que Melanie Isaacs venha morar com ele” (COETZEE, 2000, p.35) [the last thing in the world he needs is for Melanie Isaacs to take up residence with him] (COETZEE, 1999, p.27). Mesmo assim, novamente ele mantém relações sexuais com ela “na cama do quarto da filha” (COETZEE, 2000, p.37) “[on the bed in his daughter’s room]” (COETZEE, 1999, p.29) e sente-se invadido por “uma onda de alegria e desejo” (COETZEE, 2000, p.37) “[a surge of joy and desire]” (COETZEE, 1999, p.29), apesar de que o próprio ambiente o faz lembrar que ela ainda é uma criança.

Observa-se que essa falta de controle é também disciplinar, já que Melanie começa a não cumprir com seus compromissos enquanto estudante, faltando às aulas e às provas. Então, receoso com a ausência da aluna e dos possíveis problemas que isso poderia causar, mas também com a intenção de manter o silêncio dela, David “marca presença para ela e dá-lhe uma nota sete, como ‘provisório’”. Entretanto, quando descobre que ela tem um namorado e que o mesmo tem conhecimento do assédio, o protagonista passa a tratá-la com mais severidade e rudez, principalmente depois que tem seu carro vandalizado. Esse comportamento rude é visível diante da exigência que ele faz a estudante “vai ter de assistir às aulas com mais regularidade. E vai ter de fazer a prova que perdeu” (COETZEE, 2000, p.43). “[you are going to have to attend class more regularly. And you are going to have to make up the test you missed]” (COETZEE, 1999, p.34). Todavia, ela o enfrenta “não posso fazer a prova. Não li nada” (COETZEE, 2000, p. 43) “[I can’t take the test, I haven’t done the reading]” (COETZEE, 1999, p.34). Além disso, “ela levanta o queixo, encara-o desafiante”

(COETZEE, 2000, p. 43) “[she raises her chin, meets his eye defiantly]” (COETZEE, 1999, p.35). Essa reação discursiva indica o protesto de Melanie que se manifesta através de uma ação positiva. Pois, a desobediência dela desestrutura e afronta a imposição de David, impossibilitando a dominação do ser feminino. É importante salientar que essa desobediência representa uma ameaça ao patriarcalismo que é representado por meio da consciência ética do professor ao criticar o comportamento e as faltas de Melanie durante as aulas, mesmo consciente das atitudes dele, pois sabe que “se ela está se comportando mal, ele se comportou pior” (COETZEE, 2000, p.36) “[if she is behaving badly, he has behaved worse]” (COETZEE, 1999, p.28).

No entanto, essa falta de controle fica ainda mais evidente quando o protagonista se certifica que não conhece exatamente quem é Melanie, no momento em que o pai dela, sem ter conhecimento do assédio do professor, pede a ele que interfira na decisão da filha diante do cancelamento da matrícula, afirmando que Melanie sempre “leva as coisas tão a sério, professor, é o jeito dela, sempre muito responsável” (COETZEE, 2000, p.46) “[she always takes things so to heart, Professor, that’s her nature, she gets very involved]” (COETZEE, 1999, p.37). Essa revelação desconstrói totalmente a visão estereotipada que o professor tem da estudante negra.

“Então Melanie - Meláni, com suas quinquilharias da Oriental Plaza e sua cegueira para Wordsworth leva as coisas a sério. Ele não teria percebido isso. O que mais será que não sabe sobre ela?”(COETZEE, 2000, p.46).

“[So Melanie-meláni, with her baubles from the Oriental Plaza and her blind spot for Wordsworth, takes things to heart. He would not have guessed it. What else has he not guessed about her?]” (COETZEE, 1999, p.37).

Observa-se, que o protagonista subestima a capacidade da aluna, ironiza o nome dela, discrimina e inferioriza sua origem, e sua condição de negra, uma vez que ‘meláni’ em grego, quer dizer negra. Além disso, ridiculariza e zomba do jeito de ela se vestir. Essa postura de David representa e ao mesmo tempo esclarece a imposição da cultura européia em nações, cuja cultura era considerada inferior. Além disso, revela o caráter inescrupuloso e racista do professor, que embora saiba que “não vai se safar dessa e vai mesmo ter de pagar o preço”(COETZEE, 2000, p.46) “[you will not get away with it and the chickens come home to roost]” (COETZEE, 1999, p.30) de sua aventura machista, pois “uma menina dessas não vem sem preço” (COETZEE, 2000, p.38) “[a girl like that would not come unencumbered]” (COETZEE, 1999, p.30), e mesmo assim insiste em inferiorizá-la e manter-se esquivo diante de suas atitudes e responsabilidades.

### 3.4.2 A Passividade de Melanie

Durante toda a narrativa de sedução do professor David Lurie pela estudante negra, Melanie Isaacs, é eminente a falta de ética e escrúpulo do professor. Entretanto, é também surpreendente a passividade de Melanie, que praticamente não apresenta reações significativas suficientes para romper com a situação sedutora e manipuladora em que está inserida. Nota-se, que a esfera social a qual pertence, o fato de ser estudante e negra, a inexperiência, e a jovialidade são características agregadas à passividade de Melanie. Essas características também facilitam sua exploração e dominação pelo professor, que detém o conhecimento e o poder, é branco e ascendente. Logo, Melanie torna-se uma representação da colônia que é explorada e dominada pelo professor que representa a “metrópole, que coloniza, impõe sua cultura e poder com a justificativa de civilizar uma raça considerada inferior e que não dispõe de aptidões intelectuais” (MUNANGA, 1986, p. 9).

São inúmeras as situações em que Melanie não reage à sedução do professor. Sua passividade inicia-se quando ele maliciosamente e já com a intenção de seduzi-la leva a aluna para a casa dele e pergunta: “Quer tomar alguma coisa?” (COETZEE, 2000, p.19). “[Can I invite you for a drink?]” (COETZEE, 1999, p.12). Observa-se que a personagem hesita por alguns instantes, mas como está na casa dele, acaba aceitando, mesmo que em seguida usa o pretexto de que precisa “estar em casa às sete e meia” (COETZEE, 2000, p.19) “[I have to be back by seven thirty]” (COETZEE, 1999, p.12). Embora use um pretexto, ela não recusa o convite talvez pelo receio de negar algo ao professor, já que ele representa uma autoridade, ou até mesmo pelo receio de desagradá-lo. A passividade de Melanie ainda é visível, quando ela não recusa jantar com David. Mais uma vez ela mostra-se totalmente passiva, obedece a ordem dele e ainda assiste parte de um filme musical, anda pela sala, ouve “as sonatas de Scarlatti cat-music” (COETZEE, 2000, p.22). “[Scarlatti sonatas, cat-music]” (COETZEE, 1999, p.15) e finalmente toma café com ele. Esse comportamento dela facilita a concretização do convite feito pelo protagonista ao dizer “fique aqui, passe a noite comigo” (COETZEE, 2000, p. 23) “[Stay. Spend the night with me]” (COETZEE, 1999, p.16). Observa-se que em nenhuma situação Melanie contraria o professor. Ao contrário, mantém-se passiva e sem nenhum protesto contra o assédio a que está sendo submetida. Portanto, essa ausência de voz da estudante permite que o professor dê continuidade a seu plano de sedução. É importante

salientar também, que as estratégias usadas pelo professor, bem como sua autoridade, neutralizam a capacidade de qualquer decisão da aluna. Pois, além de ser o professor, ele é experiente e sabe envolvê-la em seu jogo de sedução.

Observa-se ainda, que logo após o ato sexual, indesejado por Melanie, “no chão da sala” (COETZEE, 2000, p.26) “[on the living-room floor]” (COETZEE, 1999, p.19), apesar dela mostrar certo descontentamento, pois “vira o rosto, liberta-se, recolhe suas coisas, sai da sala” (COETZEE, 2000, p.27), averting her face, she frees herself, gathers her things, leaves the room] (COETZEE, 1999, p.19) ela não protesta verbalmente e nem impede a consolidação do ato. No entanto, o verbo ‘libertar-se’ indica que ela estava sob o domínio dele, logo, impossibilitada de realizar qualquer vontade própria. Essa situação pode ser comparada a uma colônia que é invadida pela metrópole e perde sua autonomia diante da dominação imposta com o pretexto de civilizar os povos vistos como primitivos (SANT’ANA, 1999, p. 3). É surpreendente também, quando em uma das aulas, David analisa *O Prelúdio*, do poeta Wordsworth, e explica o significado da palavra ‘usurpar’, que “quer dizer tomar à força, obter sem direito. Quer dizer também assumir o lugar de alguma coisa por meio de artifício ou fraude” (COETZEE, 2000, p.28) [means to intrude or encroach upon. To take over entirely, is the perfective of usurp upon, usurping the act usurping upon] (COETZEE, 1999, p.21). Diante da explicação, Melanie identifica sua situação ao significado da palavra e também percebe que o professor sabe e tem consciência do que está causando à ela. Porém, ela não reage e nem toma qualquer atitude para romper definitivamente com o assédio dele. Tem-se a impressão que Melanie sente-se intimidada em desagradá-lo, e por isso, se submete às vontades de David. Conforme argumenta Zuwick, “essa passividade demonstrada por muitas mulheres após serem violadas nasce do pânico frente ao opressor” (ZUWICK, 2001, p. 86). Logo, o comportamento de David ao usar seu poder e autoridade de professor para seduzir e dominar Melanie pode ser novamente comparado a “uma metrópole que explora, domina e extrai as riquezas da colônia sem nenhuma consciência do mal causado ao colonizado” (SANT’ANA, 1999, p.40).

Todavia, entende-se que essa falta de reação revela a aceitação de sua objetificação, justamente pelo fato de ser negra, estudante, colonizada e submissa diante do professor, dono da cultura e do saber, branco, colonizador e superior a ela, sendo este, o principal motivo de sua dificuldade em reagir ou tomar conhecimento de evidências que refutam sua convicção (BEATO, 1998, p.1). Essa dificuldade, cujo resultado é a submissão da estudante diante da autoridade do professor tem suas origens na estrutura social da qual Melanie faz parte, o que permite que a dominação do professor continue perpetuando sobre ela. Contudo, é inevitável

não reconhecer que dentro dessa passividade há reação e pode ser observada quando ela demonstra que o ato sexual foi indesejado e por isso, ela quer livrar-se dele.

Entretanto, a passividade de Melanie é eminente porque além da ausência de voz, ela também não faz nenhuma interpelação ao comportamento sedutor e ao assédio do professor, cujo objetivo era apenas “um casinho rápido” (COETZEE, 2000, p.35) [a quick little affair] (COETZEE, 1999, p.27), sem complicações ou compromissos. Observa-se, que a estudante quer evitar que os outros saibam que é assediada, atitude que permite que o professor continue sendo a “fonte de seu sofrimento” (COETZEE, 2000, p. 46) [source of your woe] (COETZEE, 1999, p.37), além de repreendê-la quando ela começa faltar às aulas dele exigindo que ela mantenha os compromissos, como se nada tivesse acontecido. Nota-se que o professor age com naturalidade e normalidade diante do fato, sem se importar com o mal causado à estudante, uma vez que para ele, Melanie foi somente mais uma das muitas mulheres que seduziu. Essa postura do professor lembra a ação do colonizador que impõe seu poder sem menção da dor que poderá causar ao colonizado.

### **3.4.3 A cumplicidade de Melanie**

O episódio envolvendo o professor David Lurie e a estudante negra, Melanie Isaacs, novamente traz à tona questionamentos e reflexões sobre a condição da mulher negra. Sabe-se que além de ser vista como inferior e submissa, a mulher negra também foi explorada e discriminada por causa de sua cor. Neste sentido, a condição de estudante, o fato de ser jovem e negra, constituem a principal causa da exploração de Melanie pelo professor, que é branco, representa a autoridade, a cultura e detém o saber. Essa condição esclarece a dificuldade da estudante em ocupar uma posição de sujeito diante da opressão a que é submetida. Entretanto, essa falta de protesto e a ausência de voz contra o assédio do professor pode ser vista como uma aceitação das imposições.

Essa situação pode ser esclarecida se analisada a condição de subjugada de Melanie como estudante, jovem e negra, que sentindo-se inferiorizada em relação ao professor que é visto como superior, branco e dono da razão, não vê meios de impedir a opressão e por isso, passa a aceitá-las, tornando-se cúmplice da própria exploração. No entender de Beauvoir,

tratando-se da mulher, os meios são mais favoráveis para que o processo da cumplicidade se realize, pois sua fraqueza é estimulada. No entanto, a má fé dos outros em anular-lhe a liberdade não é suficiente para a plena realização dessa empreitada; a mulher mesma aceita a opressão que lhe é imputada, tornando-se cúmplice da própria escravização (BEAUVOIR, 1980, p. 16).

Gregori argumenta que “quando a mulher absorve a idéia da passividade, coopera na sua produção de não-sujeito e ajuda a criar uma suposta proteção que se realiza desde que se ponha como vítima” (GREGORI, 1992, p. 184). Chauí afirma que “quando a mulher assume a condição de vítima passiva da violência, além de tornar-se cúmplice do opressor, contribui para a reprodução de sua dependência e deixa de ser constituinte de seu próprio destino” (CHAUÍ, 1985, p.31). Essa cumplicidade de Melanie começa a ser notada quando o professor, já intencionado em seduzi-la, a cumprimenta e “ela sorri de volta, inclina a cabeça, o sorriso mais malicioso que receoso” (COETZEE, 2000, p.18) “[she smiles back, bobbing her head, her smile sly rather than shy]” (COETZEE, 1999, p.11). Embora de forma não intencional essa atitude dela corresponde à intenção do professor, que entende como uma abertura e por isso, a convida para ir até à casa dele. Novamente, sem recusar o convite, “ela baixa os olhos, dando o mesmo sorrisinho coquete que já deu antes” (COETZEE, 2000, p. 19) “[she lowers her eyes, offering the same evasive and perhaps even coquettish little smile as before]” (COETZEE, 1999, p.12). Esse comportamento dela permite a continuidade da postura manipuladora do professor, que ao perceber que ela se deixa seduzir, a convida para jantar. Apesar de que “ela parece em dúvida” (COETZEE, 2000, p. 21) “[she looks dubious]” (COETZEE, 1999, p.13), acaba aceitando ao convite e ainda mostra certo interesse pela vida pessoal dele, quando pergunta: “você é casado?”(COETZEE, 2000, p. 23) “[are you married?]” (COETZEE, 1999, p.16). Além disso, nota-se que Melanie começa a se familiarizar ao ambiente, pois quando vê o piano na sala, diz: “toca alguma coisa para mim?” (COETZEE, 1999, p. 22) “[will you play something for me?]” (COETZEE, 1999, p. 15). Pode-se dizer que a maneira como Melanie se comporta permite uma abertura ao professor, que já intencionado em dominá-la, comece envolvê-la em seu jogo de sedução. Além disso, quando o professor concretiza o assédio pedindo a ela que passe a noite com ele, “ela não se esquiva, mas também não cede” (COETZEE, 2000, p. 23) “[she does not withdraw, but does not yield either]” (COETZEE, 1999, p. 16).

A indecisão da estudante e a falta de protesto diante da postura do professor é um indício de que ela continuará sendo assediada e manipulada. A consequência dessa aceitação é a anulação da vontade de Melanie em detrimento da realização do desejo do professor, que prevalece com o consentimento dela. Ou seja, a falta de reação para subverter a opressão faz a

personagem compactuar com sua própria objetificação e por isso, torna-se objeto do professor e de si mesma. Segundo Beauvoir, “a mulher assimila o fato de que ela é objeto e, através da “não autenticidade” colabora na fabricação dos esteriótipos que embasam a sua inferioridade” (BEAUVOIR, 1980, p.15). Diante disso, quando David percebe a fragilidade e a incapacidade dela em reagir e ter voz ativa, cada vez mais a manipula para torná-la objeto de realização dos seus desejos. Neste contexto, Melanie ciente de sua suposta inferioridade, não consegue ter reações a seu favor e passa a ser conduzida pelo opressor. Essa situação é visível diante do convite que o protagonista faz a estudante: “pensei que você podia gostar de almoçar comigo” (COETZEE, 2000, p.26) “[I thought you might like to go out to lunch]” (COETZEE, 1999, p. 18). Novamente ela não apresenta reação, embora “ela ainda tem tempo de inventar uma mentira, de escapar. Mas fica confusa demais, e o momento passa” (COETZEE, 2000, p.26) “[there is still time for her to tell a lie, wriggle out. But she is too confused, and the moment passes]” (COETZEE, 1999, p.18) e mais uma vez ela se submete ao desejo dele.

Essa ausência de voz ativa é também notável quando ele se oferece para levá-la embora num dia chuvoso, “deixo você em casa” (COETZEE, 2000, p. 27). “[I’ll give you a ride home] (COETZEE, 1999, p. 20) e ela não recusa o convite, permitindo mais uma situação de assédio. Intrigante são as razões dessa passividade de Melanie e o que a torna cúmplice do opressor. Também é inevitável não observar que ela não dispõe de mecanismos suficientes enquanto agente social para subverter as imposições de David, razão pelo qual ela se submete à essa objetificação. Além disso, a maneira como os valores patriarcais foram imputados no consciente da mulher negra e a fixaram como submissa e inferior, dificulta o rompimento dos laços de dependência que a mantém oprimida. Ademais, a situação de um quase estupro, faz com que Melanie incorpore e aproprie-se de sua submissão. Em outros termos, ela aceita as imposições por sentir-se incapaz de empreender estratégias necessárias à ruptura de sua dominação e subverter seu opressor. Por isso, Melanie se distancia de qualquer situação que possa lhe causar empoderamento, e conseqüentemente, torna-se cúmplice do seu opressor.

Diante dessa atitude da estudante, presume-se que ela não recusa a cumplicidade com o homem e nem renuncia às vantagens que a raça superior pode lhe conferir (BEAUVOIR, 1980, p.15). Todavia, esse comportamento dela possibilita a transcendência de David enquanto homem e a imanência dela como mulher. Pois, além da ausência de voz, a aceitação das imposições e o conformismo, ela estimula, não intencionalmente, a sedução em David. Ou seja, ela permite que ele a seduza quando “deixa que ele a leve para a cama e tire sua roupa: até o ajuda” (COETZEE, 2000, p.32-33) “[she lets him lay her out on the bed and undress her:

she even helps him]” (COETZEE, 1999, p.25). Neste momento, além de aceitar a opressão a que é exposta, ela se torna cúmplice da própria dominação, pois prefere suportar a exploração à reagir contra o opressor. Diante dessa falta de resistência à ascendência masculina, ela passa a vivenciar a objetificação que ela mesma repudia.

#### 3.4.4 A Mediação Através da Voz Masculina

A ausência de voz, a falta de protesto e a aceitação da opressão a que é submetida, permite que a estudante Melanie Isaacs, não intencionalmente, compactue com seu próprio destino. O contexto em que ela está inserida e suas condições em relação a David, justificam sua dificuldade em posicionar-se como sujeito e combater a opressão. No entanto, essa situação passa a apresentar mudanças quando o protesto de Melanie é manifestado através da voz de um homem negro. Todavia, esse protesto mediado e não direto da personagem, revela também a dificuldade de a mulher ter voz ativa numa sociedade que a inferioriza e a impede de ser ouvida (SPIVAK, 1995). É interessante observar que essa mediação enaltece a superioridade e a autonomia masculina e subestima a capacidade da mulher até mesmo de defender-se, além de mostrar que a voz masculina tem autoridade e é ouvida, por isso prevalece.

Neste sentido, o protesto mediado em defesa da personagem Melanie tem início quando David é surpreendido em seu local de trabalho por um jovem que “[...] sem ser convidado, senta-se, dá uma olhada na sala, sacode a cabeça para as estantes de livros. É alto, tem um cavanhaque fininho e um brinco na orelha; está de jaqueta preta de couro e de calças pretas de couro. Parece mais velho que os alunos; parece um problema” (COETZEE, 2000, p.38).

“[...] without invitation he sits down, casts a book around the room, nods appreciatively at the bookcases. He is tall and wiry, he has a thin goatee and an ear-ring; he wears a black leather jacket and black leather trousers. He looks older than most students; he looks like trouble]” (COETZEE, 1999, p. 30).

A presença do desconhecido abala a postura do protagonista fazendo-o perceber que “vai mesmo ter de pagar o preço” (COETZEE, 2000, p. 38) [the chickens come home to roost] (COETZEE, 1999, p.30) de suas atitudes inescrupulosas em relação à Melanie. Essa situação remete à lembrança do contexto *pós-apartheid* na África do Sul, em que “os



descendentes de europeus existentes no país e responsáveis pela exploração dos negros, passaram a vivenciar a revolta da população negra extremamente prejudicada com a política de segregação racial, institucionalizada e praticada pela população branca” (DUBOW, 1995, p.42).

Nesse contexto, o protagonista passa a vivenciar os efeitos da dominação e do assédio feito à estudante. Essas consequências têm início quando o rapaz, identificado como o namorado de Melanie, agride verbalmente o professor: “acha que é esperto. Acha que ainda vai se achar tão esperto quando sua mulher ficar sabendo o que você anda aprontando?” (COETZEE, 2000, p. 38) “[You think you’re smart? You think you will still look so smart when your wife hears what you are up to?]” (COETZEE, 1999, p.30). A atitude do rapaz faz o protagonista perceber que sua autoridade começa a ser ameaçada. Entretanto, David mostra-se superior e indiferente diante de reivindicações do rapaz. Essa indiferença é notada diante da reação do protagonista: “já chega, o que você quer?” (COETZEE, 2000, p. 39) [that’s enough. What do you want?] (COETZEE, 1999, p.30). A exigência do estranho consiste em fazer o professor reconhecer o mal causado à estudante e por isso, contesta a atitude do professor: “e não pense que pode ir entrando e saindo assim na vida das pessoas” (COETZEE, 2000, p.39) [and don’t think you can just walk into people’s lives and walk out again when it suits you] (COETZEE, 1999, p.30). Observa-se que o protagonista se mantém esquivo e inabalável, pois não aceita ser contestado. Esse fato provoca uma situação de revide, e o rapaz ironicamente, zomba dele, desfigurando sua autoridade e prepotência. Essa situação é observada quando o rapaz imita o discurso do professor: “É melhor você sair agora!” (COETZEE, 2000, p. 39) “[It’s time for you to live]” (COETZEE, 1999, p. 30). No entanto, o professor vivencia esse revide quando tem seu carro vandalizado, “os pneus esvaziados, jornal colado no pára-brisa, arranhões na pintura; a conta chega a seiscentos rands” (COETZEE, 2000, p. 39) “[the tyres are deflated, glue is injected into the doorlocks, newspaper is pasted over the windscreen, the paintwork is scratched; the bill comes to six hundred rands]” (COETZEE, 1999, p. 31). Esse episódio causa um desequilíbrio na postura arrogante do protagonista, fazendo-o perceber que Melanie “está envolvida com um valentão” (COETZEE, 2000, p. 39) “[she is mixed up with a bravo]” (COETZEE, 1999, p. 31) que certamente lhe trará problemas.

Essa revolta do rapaz e a exigência pela reparação pelo erro cometido, torna-se mais evidente quando David tem sua autoridade ameaçada em sala de aula, diante de seus alunos. Então em uma de suas aulas, “reclinado na carteira, mãos no bolso, com um afrontoso ar de à vontade, o rapaz de preto, o namorado” (COETZEE, 2000, p.39) “[leaning back in his seat, hands in pockets, with an air of cocky ease, is the boy in black, the boyfriend]” (COETZEE,

1999, p.31). A presença do estranho causa expectativa, pois os alunos ficam observando a reação do professor e “esperando para ver o que vai fazer com o intruso” (COETZEE, 2000, p.39) “[waiting to see what he will do about the intruder]” (COETZEE, 1999, p.31). Essa situação faz o protagonista perceber que “o que aconteceu com seu carro evidentemente não bastou. Evidentemente há outras parcelas em aberto. O que pode fazer? Tem de trincar os dentes e pagar” (COETZEE, 2000, p.40) “[what happened to his car was evidently not enough. Evidently there are more instalments to come. What can he do? He must grit his teeth and pay]” (COETZEE, 1999, p.31). Mesmo assim, resolve dar continuidade à aula, embora a presença do estranho seja uma ameaça à sua autoridade. Também lamenta que o assunto abordado seja “Escândalo”(COETZEE, 2000, p.40) “[Scandal]” (COETZEE, 1999, p.31), que não é um tema apropriado para a ocasião, embora trata-se do escândalo que atingiu a vida do poeta Lord Byron, com quem David se identifica. No entanto, “ele não está em condições de improvisar nada” (COETZEE, 2000, p.40). “[he is in no state to improvise]” (COETZEE, 1999, p.31). Além disso, percebe que seus alunos estão apáticos e “enquanto o estranho estiver ali para julgar e caçoar” (COETZEE, 2000, p.41) “[as long as a stranger is there to listen and judge and mock]” (COETZEE, 1999, p.32) eles não participarão da aula. Mesmo assim, não deixa de inferiorizá-los, já que “há muito tempo deixou de se surpreender com o grau de ignorância dos alunos” (COETZEE, 2000, p. 40) “[he has long ceased to be surprised at the range of ignorance of his students] (COETZEE, 1999, p.32), subestimando-lhes o conhecimento e a capacidade.

É surpreendente o caráter egoísta e manipulador de David, quando apropria e usa o tema abordado durante a aula para se defender. Ngugi, em sua obra *Descolonising the Mind* (1986), argumenta que a literatura foi um instrumento para colonizar e “educar” os nativos, portanto, uma forma de manifestar a dominação do império. Observa-se que David usa estratégias e argumentos durante a análise do poema *Lara*, de Lord Byron, que amenizam e justificam seu comportamento com Melanie, manipulando também o namorado defensor, fato que dá origem a uma contestação entre um homem negro e um branco, visto que a voz de Melanie é mediada através de um homem negro. Diante disso, David interpreta as atitudes de “Lúcifer, o anjo das sombras” (COETZEE, 2000, p. 41) “[Lucifer, the dark angel]” (COETZEE, 1999, p. 32) de forma condizente às suas próprias ações. Por isso, o protagonista se esforça para manter a atenção do rapaz no poema, pois sua intenção é manipulá-lo e ao mesmo tempo, se eximir de sua culpa. Então, se concentra na análise do poema “Lúcifer, o anjo das sombras não precisa respirar. De repente, ele se vê expulso para este nosso estranho

‘mundo respirante’. ‘Errante’: um ser que escolhe seu próprio caminho, que vive perigosamente, chegando mesmo a criar o perigo para si próprio” (COETZEE, 2000, p.40).

“[Lucifer, the dark angel, does not need to breathe. All of a sudden he finds himself cast out into this strange “breathing world” of ours. ‘Erring’: a being who chooses his own path, who lives dangerously, even creating danger for himself]” (COETZEE, 1999, p.32).

Observa-se que o protagonista se põe na condição do anjo das sombras, e atribui a expulsão como responsável pelas atitudes impulsivas e impensadas do anjo. Logo, quando percebe que “o rapaz não olhou nenhuma vez para o texto” (COETZEE, 2000, p.41) “[the boy has not looked down once at the text]” (COETZEE, 1999, p.32) procura chamar a atenção do estranho, e envolvê-lo na discussão: “Que tipo de criatura é esse Lúcifer?” (COETZEE, 2000, p.41) “[what kind of creature is this Lucifer]” (COETZEE, 1999, p.33), pois até os alunos percebem que, “[...] a pergunta foi dirigida ao rapaz apenas, e como alguém que dorme e é chamado à vida, o rapaz responde: ‘Ele faz o que sente vontade. Não importa se é bom ou mal. Faz e pronto’” (COETZEE, 2000, p.41).

“[...it is to the boy alone that the question has addressed itself; and, like a sleeper summoned to life, the boy responds: ‘he does what he feels like. He doesn’t care if it’s good or bad. He just does it]” (COETZEE, 1999, p.33).

O protagonista interpreta o poema com o objetivo de mostrar que “ele faz o que tem vontade” (COETZEE, 2000, p.42) “[he does what he feels like]” (COETZEE, 1999, p.33), mas que “ele não age por princípio, mas por impulso” (COETZEE, 2000, p.42) “[he doesn’t act on principle but on impulse]” (COETZEE, 1999, p.33), defendendo que “a fonte de seus impulsos é obscura”(COETZEE, 2000, p. 42) [and the source of his impulse is dark to him] (COETZEE, 1999, p.33), logo, não tem controle e nem domínio de suas ações, portanto, torna-se vítima de si mesmo. Logo, “sua loucura não é da cabeça, é do coração” (COETZEE, 2000, p.42) “[his madness was not of the head, but heart]” (COETZEE, 1999, p.33). A atitude manipuladora de David age tão intensamente sobre o rapaz, que este quer realmente “mostrar que entende de algo mais que motos e roupas modernas” (COETZEE, 2000, p.42) “[he wants to show that he knows about more than just motorcycles and flashy clothes]” (COETZEE, 1999, p.33), quando na realidade está sendo manipulado pelo professor. David ainda salienta que “o poeta não nos pede para condenar esse coração louco, esse ser que tem alguma coisa errada com sua própria constituição” (COETZEE, 2000, p. 42) “[note that we are not asked to condemn this being with the mad heart, this being whom there is something constitutionally wrong]” (COETZEE, 1999, p.33). Em outras palavras o protagonista indiretamente informa o rapaz que não o ameaça mais, mas sim, que o compreenda e aceite. Afinal, segundo o poeta,

“o que nos é proposto é mostrar compreensão e tolerância. Ele será condenado à solidão” (COETZEE, 2000, p.42) “[we are invited to understand and sympathize. He will be condemned to solitude]” (COETZEE, 1999, p.35). Os argumentos do professor tentam desarmar o estranho, mostrando-lhe que não há mais nada a cobrar. Essa atitude revela a falta de escrúpulo e a covardia do protagonista, que é incapaz de enfrentar as conseqüências de seus impulsos levianos e seu comportamento imoral.

É importante ressaltar que esse afrontamento dentro da esfera masculina entre um homem branco e um homem negro pode ser comparado ao delineamento político na África do Sul, onde o homem negro agora representa a autoridade que outrora esteve nas mãos dos brancos. Todavia, é importante destacar que a mulher negra continua cúmplice de sua objetificação, mas agora do homem negro, que no novo contexto ocupa a posição de centro, sendo que a mulher negra ainda ocupa a posição de periferia. Contudo, ainda sem deixar de ser submissa ao homem branco, Melanie é explorada por David quando este, sem ter coragem de enfrentar o rapaz e pedir que não perturbe mais sua aula, delega essa função à Melanie, que mais uma vez se presta aos serviços dele. Essa situação expõe a visão estereotipada que paira sobre a mulher, vista como submissa, um ser sem voz e subserviente ao homem.

### **3.4.5 Auto-Culpabilidade de David**

Durante toda a narrativa de assédio e sedução à estudante negra, Melanie Isaacs, é notável a incapacidade de David em dominar seus impulsos. Em função disso, observa-se a existência de um conflito entre sua consciência e o seu comportamento imoral. É evidente, que o professor tem consciência da gravidade dos seus atos e de seu envolvimento com a estudante pois, “aconteça o que acontecer entre eles, vão se encontrar de novo, como professor e aluna” (COETZEE, 2000, p. 20) “[no matter what passes between them now, they will have to meet again as teacher and pupil]” (COETZEE, 1999, p.12). Entretanto, é incapaz de controlar seus impulsos, razão pelo qual acredita que “talvez já não seja dono de si mesmo” (COETZEE, 2000, p.25) “[perhaps he does not own himself either]” (COETZEE, 1999, p.18). Essa conduta, faz David criar situações perigosas para si próprio, atribuindo a causa de seu comportamento inescrupuloso a um destino do qual não pode fugir. Parece que David reconhece sua fraqueza diante de sua impulsividade e esta é a razão pelo qual se culpa por suas ações impensadas.

Dessa forma, são recorrentes as situações em que o protagonista é surpreendido por sua consciência ética diante de sua cegueira da razão. Essa cegueira, que é o elemento principal na tragédia grega, é o resultado do descomedimento, da desmesura, que é a *hubris*, e representa uma violência que ultrapassa a medida humana, o *metron*. Portanto, a *hubris*, cujo significado metafórico é o orgulho e a impetuosidade, provoca o ciúme divino e contra o herói é lançado a *Ate*, que é a cegueira da razão e tudo o que o herói possuído fizer, reverterá contra si próprio pois, estará subjugado a *moira*, que é o destino cego (BRANDÃO, 1984, p. 16-17). Nota-se, que no primeiro encontro com Melanie, David age impulsivamente e mostra-se capaz de qualquer coisa para dominá-la e conseqüentemente realizar seu desejo. Porém, após envolvê-la em seu jogo de sedução, David é lembrado por sua consciência de que ela é só “uma criança” (COETZEE, 2000, p. 27) “[a child]” (COETZEE, 1999, p.20). No entanto, essa sensação causada por sua auto-culpabilidade não consegue impedir que o protagonista cumpra seu destino. Por isso, novamente ele age impulsivamente quando investiga os dados pessoais de Melanie e se cerca de informações sobre ela, com o objetivo de facilitar sua conquista. Diante dessa atitude, David é sucumbido e levado a pensar que “ele devia parar por aí. Mas não pára” (COETZEE, 2000, p. 25) “[that is where he ought to end it. But he does not]” (COETZEE, 1999, p.18). Ao contrário, é novamente tomado pela cegueira da razão e, numa atitude inconseqüente, se envolve sexualmente com a estudante que poderia ser filha dele. No entanto, após o incidente “é tomado por tal desânimo, tal embotamento, que fica encurvado sobre a direção do carro, incapaz de se mexer. Um erro, um grande erro” (COETZEE, 2000, p. 33) “[he is overtaken with such dejection, such dullness, that he sits slumped at the wheel unable to move. A mistake, a huge mistake]” (COETZEE, 1999, p.25) pois, é seu consciente atormentando-o diante de sua fraqueza.

Essa dificuldade em enxergar a realidade e essa falta de equilíbrio entre a razão e a emoção torna-o totalmente desprovido do bom senso e capaz de atitudes imorais. Diante disso, é notável o conflito existencial do protagonista que esconde seu comportamento leviano, regido pela sua impulsividade, atrás da imagem do professor, cuja posição denota respeito e autoridade. Essa situação pode ser metaforicamente comparada à análise que David faz sobre “a majestosa montanha branca, o Mont Blanc” (COETZEE, 2000, p.28) “[the majestic white mountain, Mont Blanc]” (COETZEE, 1999, p.21), que é a mais alta montanha na Europa, no livro 6 do *Prelúdio*, do poeta Wordsworth. Para o poeta, a montanha torna-se uma decepção quando tem seu pico desanuviado, cuja visibilidade revela uma imagem real. Pois, “desanuviado o pico do Mont Blanc, e lamentamos ter os olhos tomados por uma imagem sem alma” (COETZEE, 2000, p. 28) “[unveiled the summit of Mont Blanc, and

frived to have a soulless image on the eye]” (COETZEE, 1999, p.21), cuja transparência invade a idéia viva. Neste sentido, quando a montanha tem seu pico envolto em nuvens, há um deslumbramento, uma expectativa, que instiga a imaginação. Ao contrário, sem o pico envolto em nuvens, a imagem é a verdadeira e não permite criações. Por isso, o pico por trás das nuvens pode ser comparado ao verdadeiro comportamento de David, sua verdadeira personalidade por trás da postura de professor, que aparentemente denota respeito, quando na verdade, é autoritário, imoral e inescrupuloso. É importante ressaltar ainda, que a visão do Mont Blanc, com o pico envolto em nuvens, também pode ser comparada ao seu relacionamento com Melanie, pois ele sempre a vê de um aspecto que o faz criar ilusões e expectativas sobre ela, quando na verdade, a imagem real, é de uma estudante jovem e que poderia ser a filha dele. Ou seja, essa visão que esconde a imagem real, representa também sua cegueira da razão, e quando o pico está desanuviado, a imagem é transparente e representa a verdadeira condição de Melanie, condição esta que o consciente de David está sempre a atormentá-lo pelos seus atos, resultando em sua auto-culpabilidade.

Neste sentido, a auto-culpabilidade de David consiste também em fazê-lo buscar o equilíbrio, ou seja, “nem a idéia pura, envolta em nuvens, nem a imagem visual gravada a fogo na retina, dominante” (COETZEE, 2000, p.30) “[not the pure idea, wreathed in clouds, nor the visual image burned on the retina, overwhelming]” (COETZEE, 1999, p.22). Em outros termos é a busca de conciliação entre a razão e a emoção, logo, o controle de sua impulsividade e do orgulho, que é a *hubris*, cujo deslize causa a cegueira da razão, fazendo com que ele seja esmagado pelo destino.

### 3.5 A COMISSÃO DEPARTAMENTAL

Após o episódio de assédio sexual, David Lurie é surpreendido pela reação da estudante negra, Melanie Isaacs, e passa a vivenciar as conseqüências de seu comportamento leviano e imprudente.

Na manhã seguinte, com surpreendente agilidade chega um memorando da secretaria do vice-reitor notificando que foi registrada uma queixa contra ele, segundo o artigo 3.1 do código de conduta da Universidade. A notificação traz anexa uma cópia do código. O artigo 3 trata da vitimização ou assédio com base em raça, grupo étnico, religião, gênero, preferência sexual ou deficiência física. O artigo 3.1 trata da vitimização ou assédio de estudantes por professores. Um segundo documento descreve a constituição e competências das comissões de investigação (COETZEE, 2000, p. 48).

[next morning, with surprising dispatch, a memorandum arrives from the office of the Vice-Rector notifying him that a complaint has been lodged against him under article 3.1 of the University's Code of Conduct. The notification is accompanied by a copy of the code. Article 3 deals with victimization or harassment on grounds of race, ethnic group, religion, gender, sexual preference, or physical disability. Article 3.1 addresses victimization or harassment of students by teachers. A second document describes the constitution and competences of committees of inquiry] (COETZEE, 1999, p. 39).

A notificação causa espanto e surpresa no protagonista deixando-o com o “coração desagradavelmente disparado e tentando imaginar o que aconteceu” (COETZEE, 2000, p.48) [his heart hammering unpleasantly trying to imagine what has happened] (COETZEE, 1999, p. 39). Parece que o protagonista tem consciência de seus atos, entretando, o ar de superioridade e a capacidade de subestimar as pessoas que estão à sua volta, leva-o a pensar que Melanie “[...] não teria dado esse passo sozinha. É inocente demais para isso, ignorante demais do próprio poder. Ele, o homenzinho no terno mal ajustado deve estar por trás de tudo, ele e a prima Pauline, a sem-graça, a bruxa” (COETZEE, 2000, p. 48). “[...Melanie would not have taken such a step by herself. She is too innocent for that, too ignorant of her power. The little man in the ill-fitting suit, must be behind it, he and cousin Pauline, the plain one, the duenna]” (COETZEE, 1999, p. 39).

Nota-se que a visão de David em relação à suposta ignorância e inferioridade de Melanie, tornava-o convencido de que a estudante jamais seria capaz de qualquer iniciativa ou atitude que viesse denegrir a imagem dele. Obviamente, a decisão de denunciá-lo partira do pai e da prima. No entanto, ele se certifica da acusação quando é submetido às decisões de uma comissão departamental, formada por Aram Hakim, Elaine Winter, chefe de seu departamento e Farodia Rassool, presidente da comissão de discriminação da Universidade. Esses membros têm a função de definir os critérios de investigação e também de organizar uma comissão disciplinar de inquérito para averiguar os fatos e “determinar se há base para que se tomem medidas disciplinares” (COETZEE, 2000, p. 50) “[to determine whether there are grounds for disciplinary measures]” (COETZEE, 1999, p.41). O fato de David ser julgado por pessoas as quais considera subalternas, principalmente por mulheres, vistas por ele como incapazes de emitir opiniões e ter voz ativa, desagrada-o totalmente. Pois, na condição de homem branco, ele sempre julgou e avaliou as pessoas, porém nunca foi julgado e contestado por suas atitudes imorais. Esse descontentamento é ainda mais eminente quando é interpelado por Farodia Rassool: “[...] é sempre complicado esse negócio de assédio. Complicado e infeliz. O que eu sugiro é que você se familiarize com os procedimentos e

talvez contrate um representante legal” (COETZEE, 2000, p. 51). “[...] It’s always complicated, this harassment business. Complicated as well as unfortunate. My suggestion is, acquaint yourself with the procedures and perhaps get legal advice]” (COETZEE, 1999, p. 41).

A voz feminina alerta-o que a nova realidade na África do Sul exige uma mudança de postura, a qual David demonstra dificuldade em assimilar. A sugestão de Farodia é que ele contrate um representante legal, fato que o deixa irritadíssimo, pois ele entende como incapacidade de auto-defender-se.

É notável que David se choca com as mudanças na África do Sul *pós-apartheid*, é repudiado pela sociedade e passa a vivenciar a desaprovação e o desacaso dos colegas e das pessoas a sua volta. Quando ele

[...] entra na sala comunitária, cai o silêncio sobre a conversa. Uma colega mais jovem, com quem manteve até agora relações cordiais, larga a xícara de chá e vai embora. Só dois alunos aparecem para a primeira aula sobre Baudelaire. O moço da intriga, pensa ele, gira dia e noite, moendo as reputações. A comunidade é correta, reunindo-se nos cantos, pelo telefone, por trás das portas fechadas (COETZEE, 2000, p. 52).

[...] when he enters the common-room, does a hush fall on the chatter. A younger colleague, with whom he has hitherto had perfectly cordial relations, put down her teacup and depart. Only two students turn up for the first Baudelaire class, the gossip-mill, he thinks, turning day and night, grinding reputations. The community of the righteous, holding their sessions in corners, over the telephone, behind closed doors] (COETZEE, 1999, p. 42).

Essas reações inesperadas surpreendem o protagonista, além de ele pressentir o prazer que as pessoas têm em vê-lo submetido à humilhação e pagando pelos erros cometidos. Mas, nem mesmo o fato de vivenciar essa situação justamente no momento em que “no campus, acontece a semana de Alerta Contra o Estupro e ele encontra um panfleto embaixo da porta, escrito a lápis: ‘você já era, Casanova’ (COETZEE, 2000, p. 53) “[on campus it is Rape Awareness Week. A pamphlet is slipped under his door, scrawled in pencil: ‘your days are over, Casanova’]” (COETZEE, 1999, p. 43), expressão que refere-se ao lendário conquistador Giovanni Giacomo Casanova, que dominou a arte da sedução e que nesse contexto é usada para ironizar e zombar das atitudes do protagonista o faz refletir e reconhecer seu erro. Ao contrário, “faz questão de andar com a cabeça erguida (COETZEE, 2000, p. 52). “[he makes a point of walking with head held high]” (COETZEE, 1999, p. 42) e repudia a idéia de treinamento de sensibilização ou aconselhamento para se curar dos desejos inadequados. Essa postura revela sua resistência ao ser descentralizado e mostra que o homem



branco não aceita a inversão dos papéis, porque se julga onipotente e impune. Além disso, ele descarta as intervenções feitas pelo seu advogado e rejeita principalmente a idéia de ser representado por uma mulher durante a audiência de inquérito, sendo esta uma estratégia usada para facilitar as negociações a favor dele. Esse fato revela mais um “atributo imputado ao sujeito feminino, que é a incumbência histórica de apaziguar situações conturbadas, justamente por recair sobre a mulher a visão estereotipada de possuir características mais vulneráveis à piedade, ter menos pudor e ambição, além de ser totalmente frágil e submissa” (ALAMBERT, 1986, p. 25-47).

### 3.5.1 A Composição da Comissão Disciplinar de Inquérito

Com o objetivo de averiguar o comportamento do professor David Lurie, é organizada uma comissão disciplinar de inquérito, constituída por três homens e três mulheres, designados a analisar os fatos ocorridos e atribuir recomendações mediante a declaração dos envolvidos no processo. É inevitável a observação que David é submetido à avaliações também feitas por mulheres, as quais ele sempre considerou subalternas, indignas e incapazes de qualquer julgamento de valor. Pois, na composição da comissão, o número de mulheres equivale ao número de homens, fato que comprova a existência de uma nova modalidade social e política na África do Sul, que promove a igualdade de oportunidades entre os gêneros, portanto, reconhece os direitos da mulher negra sul-africana. Sabe-se que com o término da política de *apartheid*, diversos programas e instituições foram criados com o objetivo de resgatar os direitos e a identidade da mulher negra, bem como assegurar a proteção contra práticas e atitudes discriminatórias. (GUIMARÃES, 1999, p. 25-32).

Diante disso, fazem parte da comissão de inquérito que terá como objetivo analisar as atitudes dos envolvidos no episódio de assédio sexual e posteriormente fazer uma recomendação, Manas Mathabane, de ascendência indiana e professor de Estudos religiosos, Aram Hakim, que é de origem árabe, e Desmond Swarts, de origem holandesa. As mulheres integrantes da comissão são Farodia Rassool, do departamento de Estudos Sociais e presidente da Comissão Universitária Contra a Discriminação, que é um órgão que compete promover a conscientização sobre os efeitos das práticas discriminatórias, bem como averiguar casos de discriminação na Universidade, a secretária escolar, uma professora da Escola de Administração e também uma estudante chamada Van Wyk, que é representante estudantil da Coalizão Contra a Discriminação, que é formada por estudantes que protestam

diante das várias formas de discriminação, notadamente a racial, e participa da comissão na condição de observadora. É importante observar, que os membros da comissão representam minorias que vivem na África do Sul, como descendentes de árabes e indianos, que sempre foram discriminados pelas leis de *apartheid* e que agora formam a autoridade nessa comissão de inquérito (ATTWELL, 2002, p. 331-341). Sabe-se que durante regime de segregação racial as pessoas de cor foram excluídas e privadas de qualquer participação política, sendo totalmente relegados à exclusão social. Entretanto, representantes dessas minorias têm agora a incumbência de decidir o destino de um homem branco, de ascendência européia, outrora dominador e detentor do poder.

A comissão, presidida pelo professor de estudos Religiosos, Manas Mathabane, não tem poderes para condenar judicialmente ninguém. Entretanto, tem a função de “ouvir ambos os lados e fazer uma recomendação” (COETZEE, 2000, p. 59) “[to hear both sides of the case and make a recommendation]” (COETZEE, 1999, p. 48), ou seja, analisar a conduta do professor David, que agiu de forma inescrupulosa e imoral ao assediar uma estudante, usando seu poder enquanto professor para seduzi-la, além de abonar faltas e falsificar notas escolares, bem como sugerir uma mudança de postura que conseqüentemente, implica em mudança de mentalidade. No entanto, diante das acusações, David confirma a veracidade dos fatos e confirma as acusações, mas mantém-se esquivo durante a audiência e em até certo ponto, banaliza a situação quando diz: “[...] não tenho medo da comissão. Tenho certeza que os membros dessa comissão tem mais o que fazer do que perder tempo com uma história que não vai ser contestada” (COETZEE, 2000, p. 59). “[...] I have no fear of the committee. I am sure the members of this committee have better things to do with their time than rehash a story over which there will be no dispute] (COETZEE, 1999, p. 48).

Essa afirmação comprova o orgulho e a altivez do professor que não dá credibilidade para a comissão de inquérito e por isso, recusa se desculpar pelo abuso de poder. Pois, o professor nem sequer mostra interesse em ler a declaração da acusação feita pela estudante, afirmando “não preciso ler a declaração da senhorita Isaacs. Aceito tudo o que diz. Na vida existem coisas mais importantes que a prudência” (COETZEE, 2000, p. 60) [I do not wish to read Ms Isaacs’s statement. I accept it. There are more important things in life than being prudent] (COETZEE, 1999, p. 49).

David se declara culpado das duas acusações, pois admite ter assediado e seduzido a estudante negra, Melanie Isaacs, como também ter abonado as faltas e atribuído nota sete, em prova parcial que a estudante não compareceu. Porém, não demonstra nenhum tipo de arrependimento pelo que fez e não aceita nenhum tipo de recomendação. Essa atitude do

protagonista revela a arrogância do europeu que se considera superior ao colonizado, logo, sente-se no direito de dominá-lo. Essa postura de superioridade é percebida por meio da irritabilidade e descontentamento do protagonista quando é interrogado pela jovem da Escola de Administração, se ele está preparado para receber aconselhamento. Neste momento, ele reage rispidamente: “[...] não procurei nenhum aconselhamento, nem pretendo procurar. Sou um homem adulto. Não sou receptivo a conselhos. Não confio em aconselhamento. Já dei minha declaração. Existe alguma razão para que este debate continue?” (COETZEE, 2000, p. 60). “[...] I have not sought counselling nor do I intend to seek it. I am a grown man. I am not receptive to being counselled. I am beyond the reach of counselling. I have made my plea. Is there any reason why this debate should go on?” (COETZEE, 1999, p. 49).

Esse fato revela que o branco não aceita ser julgado por negros e por isso, se recusa admitir o abuso de poder e aceitar qualquer tipo de aconselhamento sugerido pela comissão. Essa reação do protagonista causa indignação nos membros, principalmente em Farodia Rassool, que não aceita a superficialidade de David e sua indiferença em relação às funções da comissão. Por isso, ela sugere a pena mais severa, ou seja, “que o professor Lurie seja despedido imediatamente e perca todos os seus benefícios e privilégios” (COETZEE, 2000, p. 62) “[that professor Lurie be demissed with immediate effect and forfeit all benefits and privileges]” (COETZEE, 1999, p. 51). Essa reação da mulher através do discurso de Rassool indica que o sujeito feminino aos poucos recupera sua voz e agora exige vingança pela objetificação à que foi submetida desde o início da colonização.

### **3.5.2 Rosalind: a Consciência acima do Texto**

O encontro entre David Lurie e a ex-mulher Rosalind, no momento em que ele vivencia um processo administrativo, atinge uma dimensão muito maior no sentido de elucidar as conseqüências das atitudes impensadas do protagonista. O discurso de Rosalind representa a consciência, ou seja, está acima dos fatos ocorridos no decorrer da narrativa. Por isso, tem a finalidade de apontar a infantilidade do protagonista, quando sem pensar e sem perceber que “está velho demais para se meter com os filhos dos outros” (COETZEE, 2000, p. 55) “[you are too old to be meddling with other people’s children]” (COETZEE, 1999, p. 45), seduziu e assediou “uma mocinha que jogou o seu nome na lama” (COETZEE, 2000, p. 55) “[a young woman who is dragging your name through the mud]” (COETZEE, 1999, p. 45).

Observa-se que o papel de Rosalind é trazer à tona as atitudes imorais de David, e ao mesmo tempo, repreendê-lo pela má conduta, chamando-lhe a atenção para as conseqüências de suas ações.

Além disso, a ex-mulher assume o papel de precaver o protagonista sobre as reações da sociedade diante de seu comportamento inescrupuloso, alertando-o que “[...] não espere apoio de ninguém. Nem apoio, nem consideração, não nos dias de hoje. Vai estar todo mundo contra você. E porque seria diferente? Realmente, como é que você pôde?” (COETZEE, 2000, p. 54). “[...] don’t expect sympathy from anyone. No sympathy, no mercy, not in this day and age. Everyone’s hand will be against you, and why not? Really, how could you?!” (COETZEE, 1999, p. 44).

Através dessa argumentatividade de Rosalind, presume-se que o abuso cometido contra a estudante provoca a revolta de toda a sociedade, já que na nova realidade da África do Sul busca-se resgatar a dignidade e os valores dos negros. Diante das intervenções da ex-mulher, o protagonista admite ter se enganado em relação à suposta ingenuidade de Melanie, pois “[...] por trás do pano havia uma disputa da qual não estava sabendo. Um namorado ciumento. Pais indignados. Ela deve ter desmoronado. Fui pego de surpresa” (COETZEE, 2000, p. 55). “[...] there was a battle of some kind going on behind the scenes that I wasn’t privy to. There was a jealous boyfriend. There was indignant parents. She must have crumpled in the end. I was taken completely by surprise!” (COETZEE, 1999, p. 45).

Essa afirmação confirma a intenção do professor em seduzir a estudante, convicto que jamais seria surpreendido com essa reação de Melanie ao denunciá-lo às autoridades universitárias, arruinando a vida dele. Entretanto, essa reação da estudante revela que o negro não aceita mais ser explorado e objetificado pelo branco. Diante da declaração do protagonista, Rosalind retoma o processo de repreensão em tom de humilhação afirmando que, “[...] a história toda é infame do começo ao fim. Infame e vulgar. E não tenho o menor problema em dizer isso. O que dizem é que ela tomou comprimidos para dormir” (COETZEE, 2000, p. 54-55). “[...] the whole thing is disgraceful from beginning to end. Disgraceful and vulgar too. And I’m not sorry for saying so. The story is, she took sleeping-pills!” (COETZEE, 1999, p. 45).

Diante dessa revelação, ele se defende da acusação, “não sei nada de comprimidos para dormir. Me parece invenção” (COETZEE, 2000, p. 54) “[I know nothing about sleeping-pills. It sounds like a fabrication to me]” (COETZEE, 1999, p. 45), mas em seguida concorda com Rosalind, pois “pode ser que tenha razão. Talvez esteja certo evitar que os jovens vejam

os mais velhos nos espasmos da paixão” (COETZEE, 2000, p. 54) “[yet perhaps she has a point. Perhaps it is the right of the young to be protected from the sight of their elders in the throes of passion]” (COETZEE, 1999, p. 44), reconhecendo sua auto-depreciação e a descridibilidade de sua imagem ao se envolver com uma estudante que o tornou alvo de ironias e gozações.

É importante observar que durante o diálogo entre David e Rosalind, os pensamentos e sentimentos do protagonista vão fluindo, revelando suas expectativas e frustrações em relação à situação em que está envolvido. Neste sentido, pode-se dizer que a condição de Rosalind se assemelha ao *coro grego*, termo que provém do grego *choros*, e que na tragédia grega era uma espécie de filtro dos sentimentos e emoções do personagem, além de fornecer conselhos e exprimir opiniões. O *coro grego* era composto pelos narradores da história e que por meio de canções, danças e representações, relatavam as histórias do personagem. Por isso, tinha a função de ser o intermediário entre o ator e a platéia, além de fornecer também a conclusão da peça. Ao coro competia também criticar os valores da ordem social e moral e, por outro lado, tinha ainda o papel de espectador ideal ou voz de opinião pública. Diante disso, além de Rosalind mostrar a banalidade em que David se envolveu, ela desperta a atenção do protagonista para as suas responsabilidades e as conseqüências de seu comportamento imprudente, pois “que final de carreira inglório, não acha? Não vou perguntar se valeu a pena o que essa menina deu para você. E o que vai fazer da sua vida?” (COETZEE, 2000, p. 54) “[an inglorious end to your career, don’t you think? I won’t ask if what you got from this girl was worth the price. What are you going to do with your time?]” (COETZEE, 1999, p. 44), levando-o a perceber o grande erro cometido e o desmascaramento a que foi submetido em função da realização de um desejo impulsivo e banal.

### 3.5.3 *Male Bonding*: o Corporativismo Masculino

Durante a audiência sobre a acusação de assédio sexual contra o professor David Lurie, é visível o corporativismo entre os homens. Essa ação, caracterizada como *male bonding*, trata-se de um termo designado para descrever a cooperação, a união e a amizade mútua entre os homens. A expressão *male bonding* também representa a forma amigável e recíproca que os homens têm uns com os outros, através da camaradagem compartilhada em determinadas situações ou atividades (TIGER, 2004). Esse tipo de união entre os homens tem

a finalidade de preservar e manter as estruturas patriarcais que garantem o domínio e a perpetuação do ser masculino. Essa ligação entre os homens que fazem parte da comissão de inquérito é notável quando eles tentam defender David da pena máxima, que é a exoneração imediata, sem aposentadoria e benefícios, bem como, protegê-lo do cerceamento cerrado das professoras que exigem inexoravelmente uma confissão pública e sincera do réu. Portanto, o propósito dessa união entre homens é garantir a hegemonia e a dominação masculina. Essa cooperação inicia-se quando Aram Hakim declara sua solidariedade, antes mesmo da audiência iniciar, dizendo: “pessoalmente, David, quero que você saiba que tem todo o meu apoio” (COETZEE, 2000, p. 51) “[speaking personally, David, I want to tell you you have all my sympathy. Really]” (COETZEE, 1999, p. 42).

Esse espírito de solidariedade se reitera durante a audiência, quando o presidente da comissão de inquérito deixa claro que a comissão ali reunida, “não têm poderes e não podemos impor nenhuma pena” (COETZEE, 2000, p. 62) “[has no powers and it is not up to us to impose penalties]” (COETZEE, 1999, p. 51), confortando de certa forma o protagonista, além de amenizar o impacto e a seriedade do inquérito. Entretanto, a interferência feminina demonstra aversão ao comportamento evasivo de David que se recusa em admitir o erro cometido, exigindo do mesmo uma retratação. Neste momento, a cooperação masculina é evidente quando Desmond Swarts tenta alertar o protagonista sobre as exigências das professoras, e intervém dizendo: “David, você tem certeza que está lidando da melhor maneira com essa situação?” (COETZEE, 2000, p. 62) “[David, are you sure you are handling the situation in the best way?]” (COETZEE, 1999, p. 51). Como também, se pronuncia a favor do réu: “Senhor presidente, como eu já disse, quando o professor Lurie estava fora da sala, acredito que como membros da comunidade universitária, não devemos proceder contra um colega de modo formalista e frio” (COETZEE, 2000, p. 62), “[Mr Chair, as I said while Professor Lurie was out of the room, I do believe that as members of a university community we ought not to proceed against a colleague on a coldly formalistic way]” (COETZEE, 1999, p. 51), ponderando a gravidade da situação e já em seguida aconselhando-o a mudar sua tática, sugerindo a ele “um adiamento para ter algum tempo para pensar e talvez consultar alguém” (COETZEE, 2000, p. 62). “[a postponement to give yourself time to reflect and perhaps consult?]” (COETZEE, 1999, p. 51) que possa ajudá-lo a resolver a situação, sem causar nenhum prejuízo ou perda ao professor. O objetivo dessa cooperação, caracterizada como *male bonding*, é impedir a destituição e a supremacia do poder patriarcal, não permitindo que David perca seus direitos e seja desmascarado por causa de uma mulher negra.

O amparo e a solidariedade ao protagonista por meio da estratégia de *male bonding* ainda é notável diante do apoio declarado de Desmond Swarts: “[...] pode ser difícil de acreditar, David, mas nós aqui em volta desta mesa não somos seus inimigos. “Todos nós temos nossos momentos de fraqueza, todos nós; somos apenas seres humanos. Seu caso não é o único. Gostaríamos de achar um jeito de você continuar sua carreira” (COETZEE, 2000, p. 62). “[...] you may find this hard to believe, David, but we around this table are not your enemies. We have our weak moments, all of us, we are only human. Your case is not unique. We would like to find a way for you to continue with your career]” (COETZEE, 1999, p. 52).

Observa-se que esse discurso masculino alivia toda e qualquer sensação de culpa do protagonista, além de depreciar o caráter da investigação. Essa união masculina ganha força, quando Aram Hakim se junta a ele, expressando sua estima ao amigo, “queríamos ajudar você, David, a achar uma saída para esse pesadelo. São seus amigos, querem salvá-lo da própria fraqueza e despertá-lo do pesadelo” (COETZEE, 2000, p. 62) “[we would like to help you, David, to find a way out of what must be a nightmare. They are his friends. They want to save him from his weakness, to wake him from his nightmare]” (COETZEE, 1999, p. 52), quase apontando-o como vítima das circunstâncias e não como o único responsável por estar submetido a essa situação. Essa afirmação mostra que os integrantes homens da comissão se condoem e se sensibilizam com a possibilidade de David perder o emprego, a ponto de relevarem o erro cometido por ele. O presidente da comissão, propõe-lhe uma declaração pronta e que satisfaria a exigência da comissão, principalmente a exigência das professoras. Intrigante que essa declaração, não exige nenhuma confissão ou declaração verbal do protagonista, nem implica necessariamente arrependimento, pois o próprio presidente ressalta que “[...] ninguém está instruindo você a se arrepender. O que acontece na sua alma é invisível para nós. O critério não é a sinceridade. Isso é uma questão com a sua consciência” (COETZEE, 2000, p. 70). “[...] you are not being instructed to repent. What goes on in your soul is dark to us. The criterion is not whether you are sincere. That matter, as I say, for your own conscience]” (Coetzee, 1999, p. 58). Precavendo-o que a maneira mais fácil de lidar com a situação seria assinar uma declaração já pronta, sem a necessidade de exprimir o que verdadeiramente ela contém.

Entretanto, a altivez e a superioridade de David o impedem de ser recíproco a essa camaradagem masculina, não aceitando assinar o documento que é o sinônimo de confissão pelo abuso de poder, mesmo que isso não lhe exigiria uma confissão verbal mediante à sociedade. Essa atitude do protagonista, entendida como uma não aceitação das idéias

propostas e da solidariedade manifestada pelos membros homens da comissão faz com que eles desistam de tentar ajudá-lo e essa decisão é expressa por Manas Mathabane “David, não posso continuar protegendo você de si mesmo. Estou cansado disso, e o resto da comissão também” (COETZEE, 2000, p. 70) [David, I can’t go on protecting you from yourself. I am tired of it, and so is the rest of the committee] (COETZEE, 1999, p. 58), deixando a sorte do protagonista relegada ao próprio destino. Essa não aceitação da ajuda masculina pode ser entendida como um protesto de David que acha desnecessário e não aceita ser julgado pela comissão simplesmente porque abusou sexualmente de uma mulher negra. Esse fato pode também ser relacionado com a recusa e a resistência dos brancos em aceitar as investigações da Comissão Verdade e reconciliação, que com o propósito de desvendar a verdade sobre os conflitos políticos, tentou compreender os acontecimentos do passado recente, buscando a unidade nacional e a reconciliação e não a vingança ou a retaliação. Mesmo assim, essa comissão encontrou muitos obstáculos já que os brancos não aceitavam serem submetidos a julgamentos porque se consideravam impunes e superiores.

### **3.5.4 *Female Bonding*: o Corporativismo Feminino**

Assim como a união dos homens é visível durante a audiência que investiga a acusação de assédio sexual contra o professor David Lurie, o corporativismo feminino também se manifesta intensamente, revelando a ligação feminina caracterizada como *female bonding*. Sabe-se que o termo *female bonding* refere-se à formação de um relacionamento pessoal próximo entre as mulheres e é usado para descrever a solidariedade feminina e as diversas formas de amizade mútua entre as mesmas. Na elaboração de Bonnici, por *female bonding* entende-se “o grau de confiança que as mulheres têm entre si, o apoio que uma dá à outra e o estabelecimento de uma cultura feminina diferente e distinta do mundo masculino e capaz de se exercitar conforme valores e atitudes diferentes” (BONNICI, 2005, p. 72). Ainda na visão de Bonnici, “*female bonding* é a solidariedade interfeminina praticada por mulheres para romper ou aniquilar estratégias patriarcais” (BONNICI, 2007, p. 72) por isso, torna-se um importante componente na estrutura da vida social da mulher. Chodorow afirma que “as mulheres são inclinadas a ter vínculos pessoais mais estreitos umas com as outras, mais do que com os homens, e passar mais tempo em companhia de outras mulheres do que os homens” (CHODOROW, 1978, p. 100). É importante salientar, que a solidariedade e a



cooperação existente entre as mulheres “não se restringe apenas a compartilhar determinadas situações ou atividades, como também consiste em dividir os desejos, as alegrias, as angústias, ou seja, abrange também o emocional” (GREINER, 1993, p. 12).

Essa ligação feminina se revela durante toda a audiência, quando as professoras que fazem parte da comissão exigem que David confesse seu erro. Ao contrário da ligação masculina, que tenta salvar David da pena máxima, as professoras reivindicam uma retratação sincera do réu e, apesar da iniciativa partir da presidente da comissão sobre discriminação da Universidade, Farodia Rassool, esse desejo é manifestado por todas as mulheres que fazem parte da comissão de inquérito. Pois, quando Farodia exige que seja atribuída a pena máxima ao protagonista, a professora jovem da escola de administração concorda com a decisão de Farodia, afirmando que “a menos que o professor Lurie queira acrescentar alguma coisa, acho que devemos tomar uma decisão” (COETZEE, 2000, p. 64) [unless there is something that Professor Lurie wants to add, I think we should proceed to a decision] (COETZEE, 1999, p. 53). Observa-se que essa união feminina busca destituir o poder e a estrutura patriarcal representada por David e também pelos homens da comissão. Essa união feminina pode ser observada ainda na comissão departamental, Quando Farodia Rassool e Elanie Winter, que é chefe do departamento, percebem o comportamento evasivo de David que aceita as duas acusações feitas contra ele, mas não demonstra nenhum tipo de remorso pelos seus atos. Esse comportamento do professor gera revolta nas professoras, e por isso, elas passam a tratá-lo rispidamente, apesar de que Elaine Winter “nunca gostou dele. Considera-o um resto do passado que quanto mais cedo for descartado melhor” (COETZEE, 2000, p. 50) “[never liked him. She regards him as a hangover from the past, the sooner cleared away the better]” (COETZEE, 1999, p. 40). Essa indignação das professoras se dá ao fato de David ter cometido um abuso sexual contra uma mulher negra, que durante toda história foi vista como subalterna e incapaz de ter voz ativa.

Esse sentimento de repúdio às atitudes do professor branco, de ascendência européia, que representa a opressão e a dominação vivenciada durante a vigência do *apartheid*, é pressentida por David, principalmente pelas reações de Farodia Rassool, que dirige-se a ele com a voz trêmula de indignação, levando-o a se questionar “o que será que ela vê, quando olha para ele, que a coloca nesse grau de raiva?” (COETZEE, 2000, p. 64) [what does she see, when she looks at him, that keeps her at such a pitch of anger?] (COETZEE, 1999, p. 53). Presume-se que Farodia vê em David a dominação secular que explorou e objetificou a mulher negra, da mesma forma que invadiu e colonizou a terra nativa, destituindo o negro de toda a sua condição humana. Portanto, sua exigência representa a

reversão pelos anos da dominação branca, como também a exigência de humilhação ao branco, da mesma forma que o negro foi humilhado. Por isso, essa revolta que é compartilhada por todas as mulheres que fazem parte da comissão, fortalece a ligação feminina, cujo objetivo é fazer David manifestar o arrependimento sincero de suas atitudes inescrupulosas praticadas “sem qualquer menção ao sofrimento que provocou, sem qualquer menção à longa história de exploração de que isto tudo faz parte” (COETZEE, 2000, p. 64) “[with no mention of the pain he has caused, no mention of the long history of exploitation of which this is part]” (COETZEE, 1999, p. 53). Deste modo, a reivindicação das professoras é fazer David reconhecer o seu erro, já que sua atitude retoma toda a história de exploração sexual praticada contra a mulher negra e também a exploração política que provocou divisões na sociedade sul-africana, que resultou em graves violações dos direitos humanos dos negros.

Essa solidariedade das professoras à estudante é influenciada pelo senso de identificação partilhada entre as integrantes da comissão por meio de fatores de classe, raça e etnia e por isso resulta na exigência de reparação pelos erros cometidos contra a mulher negra sul-africana, que foi explorada e objetificada sexualmente. Neste sentido, o corporativismo feminino não se restringe a exigir uma reparação pelo mal causado à estudante. Essa reivindicação vai além do episódio de assédio sexual, que na realidade é uma representação da exploração histórica vivenciada na África do sul. Neste aspecto, Melanie torna-se uma representação metonímica da terra africana, já que ela foi dominada e manipulada por David assim como a terra nativa foi invadida e colonizada pelos europeus. Portanto, a exigência das mulheres da comissão, principalmente de Farodia Rassool, é a representatividade do arrependimento histórico do homem branco, responsável pela exploração e dominação dos nativos.

### 3.6 A EXIGÊNCIA DA COMISSÃO

Embora o professor David Lurie saiba que os procedimentos da comissão de inquérito à que está submetido não sejam iguais a de um tribunal, uma vez que não tem-se a finalidade de atribuir quaisquer penalidades, e sim fazer uma recomendação de acordo com a confissão sincera do réu, David mostra-se irredutível em demonstrar qualquer remorso pelos seus atos. Durante o andamento do inquérito o protagonista aceita as duas acusações feitas

contra ele e admite ter assediado sexualmente Melanie Isaacs, bem como de ter abonado faltas e falsificado as notas escolares, porém não reconhece as conseqüências de seu erro.

“Sou culpado de tudo o que me acusam as queixas. Apesar do que eu acabo de declarar, vamos ter de continuar com a audiência? Podem resolver qual vai ser a sentença e vamos retomar nossas vidas?” (COETZEE, 2000, p.59). “[I am guilty. Of all that I am charged with. Despite the plea, I have entered, we must continue with the hearing?]” (COETZEE, 1999, p. 49).

O fato de aceitar superficialmente as acusações sem dar importância às conseqüências de seus atos e nem ao mal causado à estudante, revela o comportamento inescrupuloso do protagonista que não é aceito pela comissão, principalmente por Farodia Rassool:

[...] quero registrar minha objeção a essas respostas do Professor Lurie, que considero bastante evasivas. O professor Lurie diz que aceita as acusações. Mas quando tentamos fazer com que defina o que é que está aceitando de fato, tudo o que recebemos de volta é uma sutil zombaria. Para mim, isso é sinal de que ele só aceita formalmente as acusações (COETZEE, 2000, p. 61).

[...] I want to register my objection to these responses of Professor Lurie's, which I regard as fundamentally evasive. Professor Lurie says he accepts the charges. Yet when we try to pin him down on what it is that he actually accepts, all we get is subtle mockery. To me that suggests that he accepts the charges only in name] (COETZEE, 1999, p. 50).

A exigência de Faródia não se restringe a uma simples declaração de culpa, envolve arrependimento pelo erro cometido e aceitação de uma nova postura. Entretanto, a prepotência do protagonista revela sua rejeição pelas propostas da comissão, e ele reage com hostilidade diante da sugestão de aconselhamento que lhe é proposto pela jovem da Escola de Administração: “não sou receptivo a conselhos. Não confio em aconselhamento” (COETZEE, 2000, p. 61) [I am not receptive to being counselled. I am beyond to reach of counselling] (COETZEE, 1999, p. 49), recusando-se totalmente a mudar sua conduta, pois apesar de se declarar culpado, não revela nenhuma perspectiva de mudança de mentalidade, ou que não vai agir da mesma forma novamente. Diante disso, Farodia Rassool esclarece que: “[...] num caso com os aspectos como este aqui apresenta, a comunidade em geral tem o direito de saber o que o Professor Lurie admite especificamente e, portanto, qual a censura que está sendo feita a ele” (COETZEE, 2000, p. 61). “[...in a case with overtones like this one, the wider community is entitled what it is specifically that Professor Lurie

acknowledges and therefore what it is that he is being censured for]” (COETZEE, 1999, p. 50).

A argumentatividade de Rassool consiste em relacionar o episódio envolvendo Melanie à toda história de perversidade e exploração que o negro foi submetido, notadamente a mulher negra que foi objetificada sexualmente desde a colonização e principalmente durante o *apartheid*. No entanto, David contesta as decisões de Rassool e a veracidade de suas exigências e por isso, não aceita os procedimentos da comissão:

[...] o que eu estou pensando só diz respeito a mim mesmo. Francamente, o que vocês querem de mim não é uma resposta, é uma confissão. Bom, eu não vou confessar nada. Já me declarei, como é de direito. Culpado, conforme as queixas. É o que eu tenho a dizer. É só até aí que estou disposto a chegar (COETZEE, 2000, p.61),

[...] what goes on in my mind is my business. Frankly, what you want from me is not a response but a confession. Well, I make no confession. I put forward a plea, as is my right. Guilty as charged. That is my plea. That is as far as I am prepared to go] (COETZEE, 1999, p. 51).

Observa-se que o protagonista discorda dos procedimentos do inquérito e recusa-se totalmente em mostrar qualquer comoção pelo que fez. Essa atitude faz com que Farodia mostre sua indignação:

[...] a questão vai além do aspecto meramente técnico. O Professor Lurie diz que é culpado, mas eu me pergunto se ele aceita sua culpa ou está simplesmente cumprindo o seu papel na esperança que de que o caso acabe enterrado na burocracia e esquecido. Se ele está simplesmente cumprindo um papel, meu conselho é que a comissão imponha a pena mais severa (COETZEE, 2000, p. 62).

[...] the issue goes beyond mere technicalities. Professor Lurie pleads guilty, but I ask myself, does he accept his guilt or is he simply going through the motions in the hope that case will be buried under paper and forgotten? If he is simply going through the motions, I urge that we impose the severest penalty] (COETZEE, 1999, p. 51).

A presidente da comissão contra a discriminação não aceita a superficialidade do protagonista e ameaça-o com a pena mais severa, a não ser que ele demonstre arrependimento sincero e mostre pesar pelos seus erros. A confissão exigida se assemelha a uma confissão religiosa, pois arrepender-se verdadeiramente significa mudar todo seu interior.

Neste sentido, o que se exige de David é a *metánoia*, cuja origem em grego, *meta* (mudança) e *nóia*, (mente/pensar), é literalmente traduzida como mudança de mentalidade ou transcendência da mente. Termo extremamente ligado à religião, a *metánoia* significa

arrependimento e conversão, ou seja, é uma mudança na mente e no coração. Portanto, uma transformação radical que alcança o ser em sua realidade mais profunda, permitindo-lhe viver uma coerência cada vez maior entre as leis divinas e a vida diária. É a transformação fundamental do pensamento, mudança profunda de atitudes e pressupostos. O processo de *metanóia*, implica numa mudança de processo mental o qual conduzirá a um desengajamento em relação a identificação pura e exclusiva com o mundo material, a um engajamento num processo de amadurecimento individual, causando a mudança de mente e expansão de consciência.

Portanto, a exigência de Rassool é a mudança de mentalidade, a transformação radical do pensamento que implica mudanças profundas de atitudes e pressupostos que faça David admitir seu erro, se arrepender, reparar os males causados e não praticá-los novamente. É uma vida antiga cedendo lugar a uma vida nova. No entanto, o protagonista recusa-se a aceitar todas as implicações dessa mudança, pois atribui a culpa de seu comportamento a um impulso incontrolável. Além disso, ele reage contra os procedimentos da comissão:

[...] compareci perante um tribunal oficialmente constituído, perante um braço da lei. Perante esse tribunal secular me declarei culpado, uma declaração secular. Essa declaração deveria bastar. Arrependimento não tem nada a ver com uma coisa, nem com outra. Arrependimento pertence a outro mundo, a outro universo do discurso (COETZEE, 2000, p. 69).

[...] I appeared before an officially constituted tribunal, before a branch of the law. Before that secular tribunal I pleaded guilty, a secular plea. That plea should suffice. Repentance is neither here nor there. Repentance belongs to another world, to another universe of discourse] (COETZEE, 1999, p. 58).

Em outras palavras, David se recusa totalmente a pedir desculpas a Melanie pelo assédio sexual, apesar de sentir a autoridade da comissão que recomenda a ele a pena máxima.

É importante ressaltar que essa comissão disciplinar de inquérito é uma representação da história recente na África do Sul, especialmente com a instituição da Comissão Verdade e Reconciliação, pois revela as mesmas divisões sociais, as tentativas de reconciliação e acordos ambíguos, a tentativa de produzir uma atitude catártica de pessoas envolvidas com a discriminação e abuso de poder. Entretanto, as exigências da comissão disciplinar vai além daquela instituída na África do Sul pós-1994, pois a contextualização exigida, principalmente por Rassool, é a mudança de postura e mentalidade, uma vez que ela exige que o protagonista mostre arrependimento por ter explorado e abusado sexualmente de uma mulher negra, o que implica também reconhecer e reparar o mal causado à estudante e nunca voltar a praticá-lo. Esse processo envolve também o reconhecimento e a ascendência

dos nativos no país, e da não-esperança dos brancos, descendentes de europeus, na África do Sul. Ou seja, enquanto o trabalho desenvolvido pela Comissão Verdade e Reconciliação se limitava em compreender os acontecimentos do passado recente e promover a reconciliação, criando uma cultura de defesa dos direitos humanos na África do Sul para restituir a dignidade humana e civil às vítimas que tiveram seus direitos violados, mas sem condenar judicialmente ninguém, na comissão disciplinar de inquérito busca-se o arrependimento do homem branco pelos males causados. Todavia, diante da recusa, David é exonerado e perde todos os seus direitos e privilégios, pois prefere a justiça e a punição ao perdão e à reconciliação.

Portanto, a comissão disciplinar de inquérito transcende aos objetivos da Comissão Verdade e Reconciliação, enquanto esta consistia em tornar público os acontecimentos do passado e buscar a reconciliação, sem condenar os culpados pela opressão e violação dos direitos humanos, aquela busca a justiça por meio da confissão sincera que demonstre arrependimento e comoção pelo mal praticado. Pois, arrepender-se significa não voltar a praticar mais esse tipo de erro. Ademais, por se recusar em confessar o assédio, David recebe a pena máxima. Faz-se necessário mencionar, que a exigência de Farodia Rassool enquanto representante da classe feminina revela o início da superação e auto-afirmação da mulher negra sul-africana após a histórica dominação e objetificação a que esteve submetida.

### 3.7 LUCY

Após ser exonerado, David se refugia no sítio de sua filha Lucy, em Salem, Cabo Leste. De orientação sexual lésbica e filha do primeiro casamento de David, Lucy demonstra afinidade à vida campestre, motivo que a faz tornar-se uma sólida camponesa. Na flor da idade, a personagem é

[...] atraente apesar do peso e das roupas sem graça. Sua propriedade fica no fim de uma trilha de terra sinuosa, alguns quilômetros distante da cidade. Cinco hectares de terra, a maior parte arável, uma bomba movida a vento, estábulos e outras construções, e uma casa de fazenda esparramada, baixa e pintada de amarelo. Seis anos antes, Lucy foi morar ali como membro de uma comunidade, uma tribo de jovens que vendia artigos de couro, cozia cerâmica e, entre uma colheita e outra de milho, plantava maconha. Quando a comunidade acabou, a turma se mudou para New Bathesda e Lucy ficou. Tinha se apaixonado pelo lugar e queria cuidar da terra do jeito certo (COETZEE, 2000, p. 71-72).

[...] attractive despite the heaviness, despite the unflattering clothes. Your smallholding is at the end of a winding dirt track some miles outside the town. Five hectares of land, most of it arable, a wind-pump, stables and outbuildings, and a low, sprawling farmhouse painted yellow. Six years ago Lucy moved in as a member of a commune, a tribe of young people who peddled leather goods and sunbaked pottery and, in between stands of mealies, grew dagga. When the commune broke up, the rump moving on to New Bathesda, Lucy stayed behind on the smallholding. She had fallen in love with the place, and she wanted to farm it properly] (COETZEE, 1999, p. 59-60).

No entanto, apesar da vida aparentemente calma no interior do país, ela vivencia um contexto de transição política *pós-apartheid* na África do Sul e experimenta uma situação ambígua antes da chegada de David. Pois, ao mesmo tempo em que aprecia a vida idílica e sobrevive da venda de produtos cultivados em sua terra na feira semanal e da manutenção de um canil, Lucy também percebe a ascensão de um patriarcado formado por camponeses negros, cada vez mais ambiciosos que almejam adquirir terras. Petrus, seu ajudante negro está prestes a oficializar seu título de terras. Sabe-se que, com a queda do regime de *apartheid*, a reforma agrária se tornou-se urgente e necessária na África do Sul, não apenas em termos de reparação histórica aos séculos de dominação colonial, mas também para o processo de construção democrática da nação sul-africana. Somente a reforma agrária poderia modificar as relações sociais e econômicas nas áreas rurais, uma vez que cerca de 87% da terra estava concentrada nas mãos de uma minoria branca, enquanto milhões de negros esforçavam-se para sobreviver em condições de superpovoamento nos 13% restantes. Diante disso, essa seria uma das formas de diminuir e combater principalmente a pobreza rural. De acordo com Zimmerman,

A redistribuição de terras na África do Sul *pós-apartheid* destinou-se a restaurar propriedades ou fornecer compensação àqueles que foram expropriados pelas práticas racialmente discriminatórias. Objetivou-se garantir aos pobres e desalojados o acesso à terra com fins produtivos e residenciais, tendo como finalidade principal reduzir a pobreza e contribuir para o crescimento econômico (ZIMMERMAN, 2000, p.1452).

No entanto, apesar de as reformas políticas terem privilegiado a reversão dos efeitos da discriminação e a redistribuição de terra aos nativos ter sido uma dessas conquistas, cujo objetivo era erradicar a estrutura econômica herdada da política de *apartheid*, rompendo definitivamente com a velha ordem, muitos sul-africanos negros continuaram desfavorecidos, visto que essa reforma não contemplou todos os segmentos da sociedade. Isso gerou muita revolta e despertou mais ambição pela posse de terras. Neste contexto, a condição do negro Petrus e sua família estendida assemelha-se à situação de muitos negros que tiveram direito a

pequenas propriedades, embora não satisfatoriamente para suprir suas necessidades. Neste sentido, na condição de ajudante negro, Petrus com seu “rosto marcado, enrugado, olhos inteligentes” (COETZEE, 2000, p. 76) “[a lined, weathered face, shewd eyes]” (COETZEE, 1999, p. 64) e poligâmico, já que a poligamia é uma prática permitida na cultura sul-africana, aos poucos vai ascendendo e conseguindo adquirir sua própria terra, tornando-se praticamente um sócio da propriedade onde Lucy vive. Segundo ela, “Petrus acabou de ganhar uma verba do Departamento da Terra, o suficiente para comprar de Lucy um pouco mais de um hectare. O limite é a represa. Dali até a cerca é tudo dele. Pelos padrões de Cabo Leste é um homem de posses” (COETZEE, 2000, p. 90). “[Petrus got a Land Affair Grant earlier this year, enough to buy a hectare and a bit from me. The boundary line goes through the dam. Everything from there to the fence is his. By Eastern Cape standards he is a man of substance]” (COETZEE, 1999, p. 77).

Como a população negra começa a recuperar seus direitos, os brancos descendentes de europeus que vivem no país, buscam proteger-se como podem, já que a ideologia no novo contexto está voltada para o resgate da identidade e a superação da condição de objeto que o negro esteve submetido durante séculos. Neste sentido, gradativamente os negros sul-africanos vão recuperando seus direitos assumindo sua posição de sujeito. Além disso, as novas reorganizações políticas primam pelo futuro dos negros garantindo a estes, o direito de possuir terras da mesma forma que os brancos. Por isso, Lucy, na condição de mulher branca e solteira, defende-se com armas e cães. Da mesma forma, Ettinger, seu vizinho que é “um velho ranzinza que fala inglês com forte sotaque alemão. Sua mulher morreu, os filhos voltaram para a Alemanha, ele foi o único que sobrou na África” (COETZEE, 2000, p. 116) “[a surly old man who speak English with a marked German accent. His wife is dead, his children have gone back to Germany, he is the only left in Africa]” (COETZEE, 1999, p. 100). O mesmo caso é o do casal Bill e Bev Shaw, que são donos de uma clínica veterinária. Bev Shaw é “uma mulherzinha atarracada, agitada, com sardas pretas, cabelo duro e cortado curto” (COETZEE, 2000, p. 84) “[a dumpy, bustling little woman with black freckles, close cropped, wiry hair, and no neck]” (COETZEE, 1999, p. 72), que pratica eutanásia nos animais mais velhos e doentes. Observa-se que no novo cenário sul-africano começa a haver uma inversão dos papéis, visto que o negro começa a readquirir seus direitos e conseqüentemente sua subjetividade, tornado-se agente de transformação da sociedade, enquanto que o branco começa a perder espaço e a ficar vulnerável às decisões e às vontades do negro. Portanto, presume-se uma possível objetificação do branco, já que este começa a ficar compelido no país que etnicamente é do negro. A chegada de David à propriedade é vista com naturalidade



e Lucy “[...] confortavelmente descalça, vem cumprimentá-lo, com os braços abertos, abraça-o, beija-o no rosto. Que boa menina, pensa, enquanto a abraça. Que bela recepção ao fim de uma longa viagem “(COETZEE, 2000, p. 72). “[...comfortably barefoot, she comes to greet him, holding her arms wide, embracing him, kissing him on the cheek. What a nice girl, he thinks, hugging her, what a nice welcome at the end of a long trip]” (COETZEE, 1999, p. 59).

A princípio, ele sente falta de sua rotina na Cidade do Cabo e estranha a vida pastoril com a qual sua filha está acostumada, “cachorros e uma arma, pão no forno e uma plantação na terra. Engraçado que ele e a mãe dela, urbanos, intelectuais, tivessem produzido esse retrocesso” (COETZEE, 2000, p. 73). “[dogs and a gun, bread in the oven and a crop in the earth. Curious that he and her mother, cityfolk, intellectuals, should have produced this throwback]” (COETZEE, 1999, p. 60). Na vida simples do interior não há muitas coisas que façam David preencher seu tempo ocioso, embora não tenha abandonado seus planos de um trabalho sobre Lord Byron, esse projeto ainda não é suficiente para ocupá-lo, a ponto de fazê-lo esquecer dos últimos acontecimentos de sua vida. Por isso, aceita a sugestão de Lucy para trabalhar como voluntário na clínica de Bev Shaw, onde David tem contato com os animais e descobre que eles são muito igualitários, sem divisão de classes. Também se surpreende que na hora da comida, eles brigam pouco. “os pequenos, os fracos se retraem, aceitando o que lhes cabe, esperando a vez” (COETZEE, 2000, p. 99) “[the small, the weak hold back, accepting their lot, waiting their turn]” (COETZEE, 1999, p. 84). Essa observação de David remete à simbologia de como poderia ser a África do Sul se não houvesse discriminação e nem divisão de classes, onde todos pudessem ser vistos e tratados da mesma forma, sem diferenças de cor, raça ou gênero, e todos pudessem ter acesso aos mesmos direitos. Ao contrário, nota-se o racismo declarado que marginaliza o negro, tornando-o desprovido de informações ou direitos. David também caracteriza Bev Shaw “não como uma veterinária, mas uma sacerdotiza, cheia de tolices new age, tentando absurdamente, aliviar o sofrimento dos bichos da África” (COETZEE, 2000, p.98) [not a veterinarian, but a priestess, full of New Age mumbo jumbo, trying, absurdly, to lighten the load of Africa’s suffering beasts] (COETZEE, 1999, p. 84). Simbolicamente, essa atitude de Bev Shaw, na condição de mulher branca, remete à lembrança de que o branco nunca aliviou o sofrimento do negro. Entretanto, quando o faz é de maneira exterminadora e radical, já que Bev Shaw sacrifica os bichos da África, levando-os à eutanásia. Convivendo com a filha, David passa a ter contato com a África rural, cuja realidade, costumes e tradições ele não está acostumado.

### 3.7.1 A invasão

O contato com a natureza e a vida idílica que David e Lucy experimentam é interrompida quando a casa é invadida, tornando as precauções com armas e cães ineficazes diante da violência praticada contra eles e contra a propriedade. Tudo se inicia quando três homens negros violentam sexualmente Lucy e ateam fogo em David.

Os cachorros enfurecidos latem e saltam. Não há sinal de Petrus. David recebe um golpe no alto da cabeça. Tem tempo de pensar antes de sentir os membros se liquefazerem e cair. Tem consciência de ser arrastado pelo chão da cozinha. Depois apaga. Sua filha está nas mãos de estranhos. Ele bate na porta. Lucy, grita. O homem dá-lhe um empurrão. David cambaleia para trás, cai sentado, pesadamente. Uma porta de carro bate. Ele reconhece o som: seu carro. Os cachorros, sem ter onde se esconder, o homem acerta todos. Enquanto David está ali caído, é ensopado com um líquido dos pés a cabeça e imediatamente envolto em chamas azuis e ele se debruça na privada, jogando água no rosto, mergulhando a cabeça. Por fim, abençoadamente, a chave gira, na fechadura. Quando consegue abrir a porta, Lucy já está de costas para ele. De roupão, descalça, o cabelo molhado (COETZEE, 2000, p. 111-113).

[the dogs, in a rage bark and snap. There is no sign of Petrus. A blow catches David on the crown of the head. He has time to think before his limbs turn to water and he crumples. He is aware of being dragged across the kitchen floor. Then he blacks out. His child is in the hands of strangers. He batters the door. Lucy, he shouts. The man gives him a push. He stumbles back, sits down heavily. A car door slams. He recognizes the sound: his car. The dogs with nowhere to hide, the man picks them off. As he lies sprawled he is splashed from head to foot and bathed in cool blue flame and he hangs over the toilet bowl, splashing water over his face, dousing his head. At last, blessedly, the key turns in the lock. By the time he has the door open, Lucy has turned her back on him. She is wearing a bathrobe, her feet are bare, her hair wet] (COETZEE, 1999, p. 97).

Esse episódio violento faz o protagonista acordar para a realidade do país, onde são catastróficos os contínuos desequilíbrios provocados pelas práticas discriminatórias que foram provocadas pelo europeu durante a colonização, notadamente durante a vigência do *apartheid*. Por isso, é “um risco possuir coisas: coisas insuficientes em circulação, carros, sapatos, cigarros. Gente demais, coisas de menos” (COETZEE, 2000, p. 114) “[A risk to own anything: Not enough to go around, cars, shoes, cigaretts. Too many people, too few things]” (COETZEE, 1999, p. 98). Sabe-se que essa situação é resultado de uma política que privilegiou e permitiu ao branco colonizador o acúmulo de riquezas no país dos negros, uma vez que 87% da terra sempre esteve em poder de uma minoria branca que invadiu a África do Sul, enquanto apenas 13% foram destinados aos negros, que eram a maioria. Essa situação gerou grande disparidade numa sociedade onde poucos têm muito e muitos não têm nada. E,

por meio da violência, os sul-africanos demonstram sua revolta pela degradação e objetificação durante séculos, exigindo seus direitos. Pode-se dizer que David vivencia o revide do negro contra o branco, o qual é tido como responsável pelo atraso cultural, político e econômico do nativo. Sabe-se que as históricas expropriações provocadas pela cultura eurocêntrica foram responsáveis pela negligência à dignidade e aos direitos humanos, contribuindo para acentuadas desigualdades no país, além de terem levado a uma diferenciação das classes sociais e etnias.

Com a queda do regime de *apartheid* surgiram profundas reflexões sobre a exclusão que o negro foi submetido durante toda a história, dando origem ao desejo de reparação pelos danos causados ao nativo. Essa reparação consistia em reaver o direito dos negros, bem como mostrar ao branco o caminho percorrido pelo nativo durante toda história de exploração e humilhação a que foi submetido. Por isso, o negro mostra seu revide, mediante tantos feitos do homem branco em relação a sua cor, cultura e posses. De acordo com Bonnici, “quando o esboço do empreendimento estava sendo ideologicamente construído, havia um núcleo dialético de reação do nativo. O revide se processa em dois níveis, o individual e o coletivo” (BONNICI, 2000, p. 55). Dessa forma, o nativo se revela quando faz silêncio, ou quando usa sua língua de forma fragmentada ou perfeita, quando faz exigências ao colonizador ou impõe a sua vontade. Neste caso, o revide não se processa de forma pacífica, mas sim brutalmente, pois a gangue violentadora impõe seu poder e mostra sua revolta ao invadir a propriedade e violentar a mulher branca, que é o símbolo da manutenção da supremacia da raça branca, deslocando o colonizador de sua posição central e hegemônica, que é a manifestação da vontade do colonizado. Parece que como o processo de colonização do negro aconteceu por meio da violência física, uma vez que o colonialismo usou esse tipo de violência para colonizar os nativos, o colonizado agora usa essa mesma estratégia para revidar contra o branco. Essa violência física na visão de Fanon (1961), é o caminho para pôr fim aos anos de repressão colonial e ao trauma cultural no Terceiro Mundo.

Fanon argumenta que,

a violência é uma força de argumentação, de limpeza. Ela liberta o nativo de seu complexo de inferioridade, de seu desespero e de sua paralisia; faz com que ele se torne destemido e recupere a auto-estima. Essa violência não tem como objetivo atentar pura e simplesmente contra a vida; trata-se de um processo em que a própria vida se regenera (FANON, 1961, p. 27).

Ao contrário de Fanon, Bhabha adverte que a violência física não possibilita a emancipação do colonizado, e defende que a violência discursiva é uma estratégia que pode

romper o complexo de inferioridade do nativo. Pois, “é somente na emergência dos interstícios- sobreposição e deslocamento de domínios da diferença- que as experiências intersubjetivas e coletivas da nação, o interesse comunitário ou valor cultural são negociados” (BHABHA, 1998, p. 20).

Neste contexto, David se choca com a nova realidade e se surpreende com a violência e a brutalidade praticada contra ele e a filha. No entanto, tem consciência de que “chegou o dia da prova, sem aviso, sem banda de música, ali está, e ele bem no meio da coisa” (COETZEE, 2000, p. 109) “[It has coming, the day of testing. Without warning, without fanfare, it is here, and he is in the middle of it]” (COETZEE, 1999, p. 94), vivenciando o desejo de vingança do nativo pelo retrocesso cultural na África do Sul. É importante ressaltar, que após a invasão, o protagonista se certifica de que o negro representa a “autoridade” no novo contexto sul-africano, já que em seu caso com Soraya e Melanie, David também vivenciou esse revide através da reação inesperada da prostituta e da estudante negra, quando elas mostraram a ele que a mulher negra aos poucos está superando a subalternidade imposta pelo homem branco. Esse fato se confirma quando os negros que brutalizam Lucy também querem mostrar que agora são eles que ordenam, são eles que determinam os rumos do país e o destino do homem branco que vive no território africano. Todavia, essa violência é ambígua, já que não restaura o equilíbrio social e nem promove a igualdade na África do Sul. Ademais, não elimina o impacto deformador que o colonialismo e o *apartheid* causaram ao nativo, Portanto, parece que essa violência é apenas uma forma de mostrar quem é que realmente manda no país sul-africano.

### 3.7.2 O silêncio de Lucy

Após a invasão da propriedade e a violência praticada contra pai e filha, o medo e a insegurança se configuram na África rural, tornando visível os efeitos e as conseqüências das agressões, rompendo definitivamente com o idealismo da vida simples e bucólica. No entanto, impressionante é a reação de Lucy quando pede ao pai: “David, quando as pessoas perguntarem, você se importaria de contar só a sua parte, só o que aconteceu com você?” (COETZEE, 2000, p. 114) “[David, when people ask, would you mind keeping to your own story, to what happened to you]” (COETZEE, 1999, p. 99). É surpreendente que a reação de Lucy é o silêncio sobre o que aconteceu, o controle de suas emoções e o desânimo, pois “não expressa nenhum sentimento, não demonstra interesse por nada a sua volta” (COETZEE,

2000, p. 132) “[Express no feelings, shows no interest in anything around her]” (COETZEE, 1999, p. 114). Ela registra queixa contra o roubo, mas omite o crime sexual no inquérito policial e conta apenas a história que escolheu contar. Intrigante essa atitude da personagem, que ao omitir a verdade, permite que o negro entenda que “sobre o corpo da mulher o silêncio se estenderá como um cobertor” (COETZEE, 2000, p. 128) “[over the body of the woman silence is being drawn like a blanket]” (COETZEE, 1999, p. 110).

É importante salientar que esse tipo de comportamento não é incomum em mulheres que são violentadas sexualmente. Pois, “o estupro é uma intimidade imposta que humilha e envergonha a vítima, cuja exposição torna-se ultrajante, principalmente porque a pessoa violentada normalmente é estigmatizada e sente-se impotente até mesmo para delatar o agressor” (AZEVEDO, 1995, p. 19). No entanto, parece que ao silenciar-se Lucy fortalece a estrutura do domínio patriarcal, já que permite a sobreposição do masculino sobre o feminino. Por isso, no entender de Sanday,

o estupro é uma vertente do conceito patriarcal e por isso não pode ser compreendido em termos apenas individuais, mas sim em relação a valores masculinos de ampla escala, construídos socialmente. Estupro tem a ver com o ódio às mulheres e com o silenciamento do feminino. É um crime de gênero para controlar a posição da mulher no mundo (SANDAY, 1992, p. 79).

Neste sentido, o crime sexual praticado contra a personagem torna-se uma forma cruel de demonstração de poder, de quem é que realmente é a autoridade neste novo contexto sul-africano, já que se trata da violação de uma mulher branca por homens negros, cujo silenciamento representa conseqüentemente, o declínio da raça branca até então considerada superior, e a ascendência da raça negra. Além disso, a recusa de Lucy em contar sua experiência certamente causa empoderamento aos invasores, já que “não é a história dela que se espalha mas a deles. Eles são os donos” (COETZEE, 2000, p. 133) “[not her story to spread but theirs. They are its owners]” (COETZEE, 1999, p. 115). Essa situação relembra o caso de Melanie, que ao contrário de Lucy, a estudante ao ser assediada por David, denunciou-o às autoridades universitárias, tornando o caso público e exigindo do professor uma retratação pelo mal causado. Embora essa retratação não tenha acontecido, ela arruinou completamente a vida de David já que ele foi demitido da universidade. Apesar de seu caso com Melanie não ter sido propriamente visto como estupro, foi profundamente indesejado pela estudante. Esse episódio revela que Melanie, na condição de mulher negra e estudante, consegue vencer a dominação masculina e mostrar que o negro, apesar de ser dominado, considerado inferior, consegue subverter a opressão causada pelo branco.

No caso de Lucy, parece que o silêncio diante da violência representa o consentimento da reação e da imposição do poder do negro, já que ela sabe que “não significava nada para eles. Dava para sentir isso. O que eles fazem é estuprar” (COETZEE, 2000, p. 179) “[It meant nothing to them, nothing. I could feel it I think they do rape]” (COETZEE, 1999, p. 158). O estupro é o modo de mostrar seu poder, de forma violenta e agressiva, extravasando a revolta pela longa história de exploração que foi relegada ao negro. Diante disso, nos questionamos: Estaria Lucy se responsabilizando em reparar os erros cometidos no passado? Além disso, as razões de sua omissão e seu silêncio seria uma forma de não fazer parte dessa história de opressão a que o negro foi submetido? Pois, o fato de não denunciar os agressores, ela consente à ascendência ao negro, permitindo-o mostrar ao branco sua força e seu futuro no país sul-africano. Nota-se que a entrega total de sua pessoa, seu silêncio e a omissão da violência sexual a que foi submetida, nos leva a entender que Lucy assume o estereótipo da mulher negra sul-africana que foi violentada, explorada e colonizada durante séculos, sem ter o direito de defender-se, já que sua posição não permitia que fosse ouvida. Dessa forma, a personagem se propõe a percorrer o mesmo caminho que o nativo percorreu e experimentar a mesma humilhação e violação dos direitos.

É interessante observar que a literatura pós-colonial tem sido um mecanismo de conscientização das atrocidades cometidas contra os nativos, como também, tem mostrado situações que retratam a culpabilidade do branco pela exploração e exclusão praticada contra o negro desde a colonização. Pois, atitude semelhante a da personagem Lucy pode ser notada no conto *Is there nowhere else where we can meet?* (1984), da escritora sul-africana Nadine Gordimer, no qual a moça branca do conto se recusa denunciar o furto cometido pelo negro maltrapilho devido à conscientização da exploração que os negros foram submetidos. Outro caso, é o da personagem Susan Barton, em *Foe* (1986), a qual tenta estimular o negro Friday a contar a sua própria história e assim desfazer o mal que o colonizador Cruso fez quando cortou a sua língua. Neste sentido, estaria Lucy tentando reparar uma história de maldades, se colocando no lugar do negro e conseqüentemente experimentando a dor que lhe foi causada pelo europeu?

### 3.8 O ESTUPRO COMO DEMONSTRAÇÃO DE PODER

Define-se como estupro o ato de constranger a mulher de qualquer idade ou condição à conjunção carnal, por meio de violência ou grave ameaça. O estupro é um crime clandestino e subrelatado, sua real frequência torna-se desconhecida porque as vítimas hesitam em informar, devido à humilhação e ao medo que as levam ao silêncio. Esse tipo de violência sexual é uma demonstração de poder porque o ato tem pouco a ver com a busca por sexo, com atração erótica ou com virilidade exacerbada, mas sim com a reafirmação de quem é que pode mais, quem é que manda realmente. Na visão de Azevedo,

o estupro é sempre um ato de violência, cuja força física masculina é o exercício perverso da dominação do macho sobre a fêmea, e esse ato voluntário e maldoso da força física constitui o que se poderia chamar de face brutal da falocracia, ou seja, da hegemonia masculina que visa assegurar que a mulher esteja sempre em posição de inferioridade e não subverta a ordem vigente (AZEVEDO, 1995, p. 24).

Neste sentido, a violência sexual torna-se uma manifestação da assimetria do poder nas relações de gênero e esse tipo de violência contra a mulher é resultado das relações de poder construídas ao longo da história pela desigualdade de gênero e consolidadas por uma ideologia patriarcal e machista. Na visão de Brownmiller, “o estupro é um processo consciente de intimidação, pelo qual todos os homens mantêm as mulheres aterrorizadas” (Brownmiller, 1975, p.17). Além disso, é um mecanismo de controle, cuja violência e a discriminação contra a mulher derivam da erotização da dominância, por isso, torna-se também um problema social e político, que transcende o domínio pessoal e atinge o domínio público. Essa situação é eminente nos incidentes centrais da narrativa que são os atos de violação sexual praticados contra Lucy e Melanie. Ambos os casos revelam que neste tipo de violência além de existir o domínio sobre o corpo da mulher, que é uma dominação pessoal, o estupro é também uma forma de domínio público, por tratar-se de um problema político. Susan Griffin, em *Rape: The All American Crime* (1971), mostrou como a sociedade construiu a masculinidade pela combinação de fatores envolvendo a sexualidade, agressão e poder, pela qual a vulnerabilidade da mulher à exploração sexual contribuiu para a dependência dos homens para a proteção. As conseqüências desse processo foi o abaloamento de sua independência e autodeterminação. Griffin, portanto provou que o estupro constitui um problema político. De acordo com Mackinnon (1994), freqüentemente as leis são promulgadas para realçar vantagens masculinas, asserção que corrobora com a tese de que

a violência sexual é também um problema social e político. Noeleen Heyzer da Unifem (o fundo da ONU para as mulheres) escreve num depoimento da Human Rights Watch que “o estupro sistemático tem sido usado como arma de guerra para ferir as mulheres e, mais do que isso, para humilhar os homens que lutam do outro lado e destruir as comunidades, tornando muito mais difícil para elas se refazerem após o conflito” (FOLHA DE S. PAULO, 7.12.03, p. 27).

É importante salientar que nesse tipo de violência a mulher é dominada pelo homem que busca reafirmar seu poder e sua autoridade, fato este que fixa o poder do masculino sobre o feminino, e nos casos envolvendo Melanie e Lucy, há também a sobreposição de uma raça sobre a outra, fato que evidencia que o estupro é também, um problema político. Embora David não reconheça que o assédio feito à estudante seja caracterizado como estupro, foi indesejado por Melanie pois, ele a seduziu e induziu a ser conivente com a vontade dele, sem levar em consideração as opiniões e as vontades dela. A agressão praticada contra Lucy, é violentamente vista como estupro, múltiplo estupro. Em ambos os casos, apesar de as cenas não serem propriamente descritas, visto que o autor preocupa-se mais com os efeitos e as conseqüências dos incidentes, do que com as descrições das cenas, é notável a estereotipada prerrogativa sobre o corpo da mulher. Logo, o corpo feminino é mais uma vez usado para manifestar uma imposição de poder.

Em ambos os casos, os agressores ficam impunes, já que David não pediu desculpas a Melanie, embora tenha sido demitido. No caso de Lucy, ela também não recebe nenhuma justiça. A diferença reside no fato de que Lucy não mostra nenhuma reação aderindo ao completo silêncio e ao controle de suas emoções, enquanto Melanie apresenta situações inesperadas para uma mulher negra, quando denuncia seu opressor, não permitindo que o poder do professor branco de ascendência européia, se concretize totalmente sobre ela. É interessante essa reação da estudante que consegue subverter o poder vigente, que é representado por David. Ao contrário, Lucy que é a mulher branca e que até então era símbolo da autoridade e a própria representação da pureza da mulher européia, também surpreende o leitor por não apresentar nenhuma reação ao ser violada por homens negros. Ao agir dessa maneira Lucy aceita e assimila as conseqüências de uma política discriminatória que gerou ódio e sentimento de vingança nos nativos. De forma inesperada, ela se revela totalmente diferente do pai que é um professor, intelectual, de formação humanista com inclinação para seduzir mulheres negras e exóticas, justamente pelo poder que esta “raça” lhe convém, devido à convergência de disparidade de gênero e raça. Além disso, David é totalmente inflexível e mostra aversão às transformações ocorridas no país, enquanto Lucy se mostra



conhecedora das realidades da nova África do Sul rural, e evidentemente das conseqüências da abolição do racismo no país sul-africano.

Entretanto, ambas as mulheres são exploradas e vítimas da invasão e dominação masculina, e sendo o estupro um desdobramento da ideologia patriarcal, torna-se então uma forma de perigo à mulher. Apesar das discussões estarem centradas na violação de uma mulher branca por homens negros, tornando-se vítima do perigo negro, a narrativa leva à reflexão da existência de um perigo branco, devido à violação de uma mulher negra por homem branco. De fato, esta modalidade representa toda a história de exploração sexual feminina durante séculos na África do Sul. De acordo com Davies, “o mito do estupro praticado pelo negro escondeu a freqüência maior do estupro por homens brancos, cujo privilégio da raça e etnia lhes concedeu imunidade” (DAVIES, 1981, p. 175). Observa-se que esse perigo branco tem sido omitido pela história patriarcal, enquanto que a imagem estereotipada do perigo negro tem sido construído pela ideologia e o discurso patriarcalista, principalmente durante a política de *apartheid*, em que o homem negro representava perigo para a pureza da mulher branca. A simbologia do nome das personagens revela esse fato. David traduz o nome de Melanie como ‘a negra’, enquanto que o nome de Lucy está associado a ‘luz’. Esse contraste expõe a visão estereotipada do perigo negro, como uma ameaça ao branco, que prevalece nas bases do colonialismo e do *apartheid*. Além disso, o nome de Lucy revela a pureza e a castidade da mulher branca ameaçada pelo perigo negro, cabendo ao homem branco defender e proteger a mulher branca dessa suposta ameaça.

Sabe-se que o estupro de uma mulher branca é inadmissível para o branco, é o tipo de violência da qual não se pode falar, fato este já preconizado por Camões no Canto V de *Os lusíadas*, a condição *non plus ultra*, que significa o pior crime possível dos colonizadores racistas da África do Sul. Essa proteção à mulher branca da suposta ameaça do perigo negro é retratada também em *Passagem para a Índia* (1924), de Edward Forster, em que o personagem Aziz, médico muçulmano, é acusado injustamente de violar uma mulher inglesa, branca, chamada Adela Quested, durante um passeio pelas grutas de Marabat. Mesmo inocente, Aziz é julgado feito criminoso, mas ganha a causa. O episódio na realidade, é um pretexto para abordar o problema da convivência e a diferença entre as raças, fazendo aflorar o preconceito e a injustiça no relacionamento entre colonizadores e colonizado.

A proteção à mulher branca é observada quando David quer salvar a honra da filha após ela ser violentada sexualmente, exigindo que ela denuncie os agressores: “você tem um dever consigo mesma, pelo futuro, por seu auto-respeito. Me deixe chamar a polícia ou chame você mesma” (COETZEE, 2000, p. 153). “[you have a duty to yourself, to the future, to your

own self respect. Let me call the police or call them yourself]” (COETZEE, 1999, p. 134). Entretanto, a violência sexual praticada contra a personagem realça a história manchada pela injustiça social da posse e dispossessão a qual David se julga no direito de se apoderar de corpos de mulheres negras, sem demonstrar nenhum respeito ou responsabilidade, uma vez que objetificou sexualmente os corpos de Melane e Soraya. Esse fato desperta a reflexão para as atitudes de David, que se mostra indignado com o estupro de Lucy, mas é indiferente ao abuso que praticou contra Melanie. Essa situação revela que o branco se habituou com a exploração da mulher negra e por isso, no novo contexto sente dificuldade em desconstruir essa imagem de subserviente e submissa que foi relegada à mulher durante séculos.

### 3.8.1 David Lurie: o Símbolo da Dominação

Os casos de violação da mulher descritos no romance revelam a demonstração de poder que pode ser analisado de formas distintas. A brutalidade praticada contra Lucy revela toda a história colonial e uma história de exploração. David afirma que “pode ter parecido pessoal, mas não era. Vem desde os ancestrais. Era a história falando por meio deles” (COETZEE, 2000, p. 178) “[It may have seemed personal, but it wasn’t. It came down from the ancestors. It was history speaking through them]” (COETZEE, 1999, p. 156), ou seja, da gangue violentadora. Neste sentido, esse episódio pode ser caracterizado também como um *revide*, processo pelo qual o negro escolheu para transformar a mulher em objeto de escárnio masculino para mostrar sua força e poder no país sul-africano. Trata-se de uma violência praticada contra a mulher com a finalidade de mostrar quem é que realmente manda na África do Sul *pós-apartheid*. Logo, tem-se uma conotação política, visto que a finalidade dos violentadores é mostrar quem determina as leis no país.

Por outro lado, o episódio envolvendo a estudante negra, Melanie Isaacs, revela o comportamento ardiloso do europeu que se apropria da terra nativa, aqui representada pelo corpo da mulher. A atitude de David é semelhante à do europeu que invadiu, colonizou a terra nativa e devastou a cultura do negro. Portanto, o corpo da mulher é uma representação metonímica da terra colonizada. De fato, o protagonista representa o colonizador branco que se sente no direito de escolher qualquer mulher que circula a sua frente, sem a mínima noção das consequências de seu comportamento explorador, fútil e egoísta, sem dar nenhuma importância à dor que a mulher nativa e a terra colonizada sofreram com a invasão do

européu. Nota-se que Melanie é seduzida e astuciosamente manipulada pelo professor, a agir de acordo com as intenções e expectativas dele. Além disso, essa dominação transcende as esferas de gênero e raça, já que David usa sua posição enquanto professor para impressionar e assediar Melanie, supondo que a posição de estudante denotava a impotência dela em delatar a agressão. As ações de David em relação a Melanie, bem como a todas as outras mulheres, é como se elas fossem propriedades dele, por isso, ele se sente no direito de explorá-las e possuí-las. Esse fato é esclarecido quando ele tenta seduzir Melanie dizendo que a beleza de uma mulher não é só dela, tem de ser repartida, tentando convencê-la da naturalidade de ela se sentir propriedade dele, sem demonstrar nenhuma responsabilidade pelas conseqüências de seus atos. Observa-se que quando Lucy é violentada, David se preocupa com as condições da filha, lembrando que “existe o risco de gravidez, existe o risco infecção venérea. O risco de HIV” (COETZEE, 2000, p. 124) [there’s the risk of pregnancy. There’s the risk of venereal infection. There’s the risk of HIV] (COETZEE, 1999, p. 106). No entanto, não demonstra nenhuma preocupação com Melanie, uma vez que ele mantém relações sexuais com ela logo após seu relacionamento com Soraya, a prostituta.

Neste sentido, o protagonista representa o europeu que explorou e objetificou sexualmente a mulher negra, sem noção do dano que estava causando a ela. David o símbolo da opressão e da discriminação declarada e onipresente, responsável pela exclusão que privou o negro de sua condição de ser humano. Na posição de homem branco, ele é a representação da história de exploração da qual Farodia Rassool afirma que Melanie faz parte e a qual o protagonista se recusa admitir. Entretanto, para se eximir de qualquer culpa, ele justifica seu comportamento como uma conseqüência de um impulso incontrolável, regido pela inspiração de Eros, deus da sedução e Afrodite, a deusa do amor. Conseqüentemente, o protagonista se revela evasivo e incapaz de assumir seus erros praticados contra a terra e contra a raça negra. A exploração do corpo da mulher como representação metonímica da colonização da terra, é comum em territórios em processo de colonização. Esse fato é retratado no romance *Iracema* (1865), de José de Alencar, onde o desejo e a fantasia masculina que definem a mulher como objeto, embasa-se na estereotipagem da mulher duplamente colonizada. A narrativa que retrata o processo de colonização do Brasil, revela também a dominação do colonizador português Martin sobre o corpo da Índia Iracema, que é explorada sexualmente e serve de empreendimento ao homem branco. Portanto, o domínio do europeu sobre o corpo da mulher nativa é uma representação metonímica da invasão da terra colonizada, visto que, ambas são objetificadas de acordo com os interesses do colonizador.

### 3.8.2 A Violência Omitida pela História

Sabe-se que durante toda a história o sujeito feminino foi relegado ao silêncio e raras foram as ocasiões em que a mulher conseguiu transcender a esfera da dominação masculina. Neste sentido, a princípio a situação de Lucy parece não se assemelhar à subalternidade, já que ela é a proprietária da terra onde vive, não é casada, é independente. Todavia, levando-se em consideração que o momento vivenciado na África do Sul é de extrema conturbação, principalmente no meio rural onde há grande interesse dos sul-africanos negros em adquirir terras, essa situação de independência torna-se na realidade sinônimo de desproteção. Pois, neste contexto de lutas por aquisição de bens em uma sociedade em que os valores patriarcais ainda estão enraizados, uma mulher sozinha é considerada indefesa e incapaz de se auto-proteger. Logo, o fato de ser mulher, branca, lésbica e sozinha tornam Lucy alvo da violência recorrente no país sul-africano, sendo brutalizada e vítima de agressão sexual, na qual os agressores querem mostrá-la “como eles a puseram em seu lugar e para que serve uma mulher” (COETZEE, 2000, p. 133) “[how they put her in her place, how they showed her what a woman was for]” (COETZEE, 1999, p. 115).

Essa situação leva a reflexão sobre o contexto *pós-apartheid* na África do Sul em que as transformações ocorridas não representaram avanços significativos para o país, uma vez que a dificuldade em quebrar os ciclos da violência alargada que corroeram o tecido social ainda é muito grande. Notamos que o que existe é um retrocesso de valores que impedem a igualdade entre brancos e negros e principalmente da mulher em relação ao homem. Analisando a situação de Lucy, observamos que sua autonomia foi brutalmente reduzida ao silêncio, à submissão e a aceitação das condições impostas em troca da permissão para continuar no país sul-africano. Essa situação revela ainda a configuração e a omissão do silêncio da mulher durante toda a história, visto que Lucy não expõe a violência a que foi submetida aderindo ao silêncio e a passividade omitindo totalmente o que aconteceu.

Esse fato nos remete à lembrança de que a mulher sempre foi relegada à subalternidade e os males causados ao sujeito feminino sempre foram omitidos pela história. Se analisarmos as funções desempenhadas pela *Truth and Reconciliation Commission* (Comissão Verdade e Reconciliação), nos certificamos de que a violência praticada contra a mulher é realmente um dos lados da história que nunca foi mencionado. Sabe-se que em 1995, a Comissão Verdade e Reconciliação foi instituída na África do Sul, com o propósito de promover a unidade de reconciliação nacional, num espírito de entendimento, por meio de

determinação das causas, natureza e volume das graves violações dos direitos humanos, bem como a determinação e revelação do destino das vítimas da violência e atrocidades que derivaram de conflitos ocorridos no passado. Entretanto, os crimes de violação sexual praticados contra a mulher é um dos assuntos que não recebeu nenhum tipo de atenção e continuou sendo omitido pela história do país. Apesar da Comissão Verdade e Reconciliação ter seus objetivos voltados para a restituição da dignidade humana às vítimas que tiveram seus direitos violados, através da possibilidade de relatarem suas histórias, não houve incentivo para vítimas de violação sexual exporem suas experiências e muito menos oportunidade para delatarem seus agressores. Tendo em vista que esse tipo de agressão neste período da história atingiu principalmente a mulher negra, a falta de atenção a este assunto leva a conclusão de que a história acobertou as atrocidades do homem branco contra a mulher negra.

Um dos motivos dessa omissão talvez se deva ao fato de o estupro ser considerado um assunto intratável, raramente mencionado e frequentemente omitido, visto que é uma violência considerada humilhante para a pessoa violentada. Muitas vezes, as condições impostas às vítimas as tornam impotentes de ter qualquer reação contra o agressor, já que o homem durante toda a história raramente foi punido por esse tipo de atrocidade. No entanto, a omissão desse abuso permite a continuidade desse tipo de agressão. Se analisarmos o passado, notamos que o estupro sempre foi visto como motivo de vergonha para a pessoa agredida e também é um tipo de violência que sempre resultou em conseqüências trágicas principalmente no caso da mulher branca, em que esse tipo de abuso era considerado um atentado contra a pureza e a moral de toda a casta branca, motivo pelo qual a vítima era impedida de expor o fato. Em *Metamorphoses* (1955), de Ovídio, tem-se a história de Philomela que foi violada por Tereus, o marido de sua irmã Procne. Para não denunciar a atrocidade, Philomela teve a língua cortada por Tereus. Outra situação semelhante pode ser observada na obra *The Rape of Lucrece*, (1594), de Shakespeare, em que Sextus Tarquinius, filho de um rei etrusco, rei de Roma, assediou uma mulher casada chamada Lucrecia, obrigando-a a estar com ele sob ameaça de morte e colocando-a depois sob acusação de adultério. Assim que pode, Lucrecia contou a família o ocorrido e em seguida atentou contra a própria vida.

Voltando à situação de Lucy, a princípio a personagem é tomada pelo desânimo e pela sensação de impotência, já que “ela passa horas após horas na cama, olhando o vazio ou folheando revistas velhas” (COETZEE, 2000, p. 132). “[she spends hour after hour lying on her bed, staring into space or looking at old magazines]” (COETZEE, 1999, p. 114). Diante das interrogações de David, “[...] ela não responde. Prefere esconder a cara, e ele sabe porquê.

Porque ela está em desgraça, porque sente vergonha. Foi isso que os visitantes conseguiram, foi isso que fizeram com essa jovem moderna, confiante. A história percorre o distrito como uma mancha” (COETZEE, 2000, p. 133). “[...] she does not reply. She would rather hide her face, and he knows why. Because of the disgrace. Because of the shame. That is what their visitors have achieved, that is what they have done to this confident, modern young woman. Like a stain the story is spreading across the district] (COETZEE, 1999, p. 155).

No entanto, ao contrário de Lucrecia, Lucy prefere viver, pois “[...] isso acontece todo dia, toda hora, todo minuto. Considere-se feliz de não estar preso no carro, neste momento, sendo levado embora, ou no fundo de um canal com uma bala na cabeça. Sorte de Lucy também. Acima de tudo Lucy” (COETZEE, 2000, p. 114). “[...It happens every day, every hour, every minute. Count yourself lucky not to be a prisoner in the car at this moment, speeding away, or at the bottom of a donga with a bullet in your head. Count Lucy lucky too. Above all Lucy]” (COETZEE, p. 98).

Além disso, a personagem exige o direito de não ser julgada, nem por David, nem por ninguém. Sua reação é a entrega de sua pessoa e de sua propriedade a Petrus. Ao agir dessa maneira, Lucy renuncia seus princípios e se propõe a iniciar uma nova vida desvinculada dos valores eurocêntricos, até então sua cultura. Enquanto Melanie conseguiu subverter a dominância do homem branco, arruinando-o completamente e se tornou uma atriz de certo sucesso, fato que representa a força e o futuro do negro na África do Sul, Lucy não denuncia a violência e a brutalidade que vivenciou e ainda aceita as condições do negro, como uma forma de permissão para continuar no país sul-africano.

### 3.9 A SUBJETIVIDADE DE LUCY

Apesar de assumir o estereótipo da mulher colonizada através da passividade e do silêncio, as reações de Lucy diante das intervenções de David são inesperadas, uma vez que ela demonstra aversão às opiniões dele. Embora ela seja a única personagem por quem David demonstra algum afeto, são inúmeras as situações em que ele tenta usar sua autoridade de pai para dominar a filha, mostrando-se irônico e prepotente. Esse comportamento de David torna-se um dos principais motivos da hostilidade de Lucy em relação a ele e o descontentamento da personagem é notado quando ela revela suas angústias e ressentimentos da infância dizendo: “durante anos você usou essa ironia contra mim quando

eu era criança, para me torturar” (COETZEE, 2000, p. 225) [for years you used it against me when I was a child, to mortify me] (COETZEE, 1999, p. 200). Essa reação que indica o rompimento da submissão e obediência ao pai, representa o início de um processo de subjetificação.

Entende-se que Lucy começa a mostrar sua subjetividade quando ela surpreende David mostrando-se capaz de tomar as próprias decisões. Foucault argumenta que “o processo de subjetificação permite a criação de novas formas de existência, de novas modalidades relacionais, que abre um campo de possibilidades para o sujeito livre” (FOUCAULT, 1990, p. 127). Nota-se que a personagem passa a ter reações inesperadas por David, quando ela mostra sua autonomia e “enfrenta-o de pescoço duro, olhos brilhando. Não mais a filhinha do papai” (COETZEE, 2000, p. 122). “[she confronts him, neck stiff, eyes glittering. Not her father’s little girl.]” (COETZEE, 1999, p. 105), mostrando sua subjetividade através do discurso. Foucault (1990), analisou a formação do sujeito pelo discurso, que é o conjunto de sistemas históricos, sociais e culturais de conhecimento e tem uma abrangência maior do que a linguagem. Portanto, Lucy recupera sua voz e se revela sujeito através da construção discursiva, que é formada a partir das condições que ela vivencia.

A postura subjetiva em relação a David é ainda mais evidente depois da terrível experiência que ela vivencia. Diante do acontecido, ele tenta conduzir a situação mesmo não vivendo ali e não conhecendo a nova realidade rural sul-africana. As imposições e a fúria do protagonista se intensificam quando ele descobre que um dos invasores chama-se Pollux e é sobrinho de Petrus, o ex-ajudante negro que estava ausente justamente no dia da invasão. Além disso, Petrus não faz nada a favor de Lucy e contra o violentador. Esse fato leva o protagonista a exigir que a filha denuncie o agressor e a ameaça de que ele mesmo irá denunciá-lo. Ele supõe ainda que a filha esteja protegendo o ex-ajudante: “Petrus não é inocente, Petrus está do lado deles” (COETZEE, 2000, p. 152) [Petrus is not an innocent party, Petrus is with them] (COETZEE, 1999, p. 133) dos invasores, acusando-o de ser cúmplice do acontecido. Neste momento, a personagem reage contra o autoritarismo do pai: “Não grite comigo. A vida é minha. Sou eu quem moro aqui. O que aconteceu comigo é coisa minha, só minha, não sua” (COETZEE, 2000, p. 152) [don’t shout at me. This is my life. I am the one who has to live here. What happened to me is my business, mine alone, not yours] (COETZEE, 1999, p. 133). A personagem o impede de tomar qualquer atitude em nome dela. Além disso, quando ele a recrimina por ter omitido o estupro durante o inquérito policial, ela o enfrenta: “o que aconteceu comigo é uma questão absolutamente particular” (COETZEE,

2000, p. 129) [what happened to me is a purely private matter] (COETZEE, 1999, p. 112) eliminando qualquer possibilidade da interferência de David.

Entretanto, o rompimento desse vínculo construído na autoridade do protagonista e na obediência da personagem torna-se mais evidente quando ela se revela sujeito de sua própria história:

David, não posso levar a minha vida pensando se você vai gostar ou não do que eu faço. Não mais. Você age como se tudo que eu faço fosse parte da história da sua vida. Você é o personagem principal, eu sou um personagem secundário que só aparece na metade. Bom, ao contrário do que você acha, as pessoas não se dividem em principais e secundárias. Eu não sou secundária. Tenho uma vida minha, tão importante para mim quanto a sua para você, e na minha vida sou eu quem tomo as decisões (COETZEE, 2000, p. 223).

[David, I can't run my life according to whether or not you like what I do. Not any more. You behave as if everything I do is part of the story of your life. You are the main character, I am a minor character who doesn't make an appearance until halfway through. Well, contrary to what you think, people are not divided into major and minor. I am not minor. I have a life of my own, just as important to me as yours is to you, and in my life I am the one who makes the decisions] (COETZEE, 1999, p. 198).

Lucy mostra-se independente e capaz de decidir sobre o próprio destino, sem patriarcalismo e subserviência.

Esse discurso subjetificador faz o protagonista perceber que a dominação do sujeito feminino está fora de seu alcance, já que ela subverte o autoritarismo dele. No entanto, essa subjetividade se contrasta à passividade e à aceitação das condições impostas por um negro e, por isso, pode ser entendida como uma desobediência que desestabiliza não só a autoridade do protagonista como também enfraquece a manutenção da supremacia branca, visto que sua atitude, enquanto mulher branca, relega autoridade e ascendência ao negro. Essa postura da personagem reflete na indignação e no inconformismo do protagonista: “Lucy, você me espanta! Que humilhação, tantos projetos para terminar assim!” (COETZEE, 2000, p. 231) “[Lucy, you amaze me! How humiliating. Such high hopes, and to end like this]” (COETZEE, 1999, p. 205). Essa afirmação revela a decepção e a decadência de David que se sente impotente diante das decisões da filha. É importante ressaltar ainda, que a resistência e a subjetividade da personagem revelam não só a decadência do protagonista, mas principalmente de todos os valores eurocêntricos impregnados e arraigados que reduziam o negro à subalternidade e à exclusão, destituindo-o de sua humanidade.



### 3.9.1 O Declínio do Poder Patriarcal

A exposição dos fatos no decorrer da narrativa tornam visível e evidente a queda de David Lurie. A princípio o protagonista é apresentado como inflexível, prepotente e egoísta, cujo comportamento e postura se identificam à do colonizador branco e europeu que “desde o século XV teve o negro como uma de suas vítimas preferenciais para mostrar seu poder e superioridade, dominando os nativos e destruindo sua cultura” (MUNANGA, 1986, p. 10). Essa decadência se inicia quando ele é abandonado por Soraya, a prostituta negra e muçulmana, vista por ele como símbolo da objetificação e exploração sexual. No entanto, essa reação dela o surpreende já que, a seu olhar, constitui uma ameaça à centralidade dele, visto que ela se revela como um sujeito com ações, atitudes e voz própria.

Contudo, os problemas começam realmente a surgir quando David é acusado de assédio sexual pela estudante negra, Melanie Isaacs. Por desprezar os códigos politicamente corretos, ele perde o emprego na universidade onde trabalha. Ambos os casos revelam que o protagonista tem sua autoridade destituída por mulheres negras, as quais ele julgava incapazes de reagir ao serem dominadas. A postura dominadora do professor é seriamente abalada com as conseqüências do episódio envolvendo a estudante, pois além de perder o emprego, ele perde a autoridade e o respeito, como também os privilégios que o cargo lhe oferece. Diante disso, é possível afirmar que Soraya e Melanie conseguem reagir e subverter o monolitismo do homem branco que se beneficia da suposta inferioridade e submissão da mulher negra para transformá-la em objeto. Nota-se ainda, que a reação das personagens femininas e negras destitui a opressão causada pelo protagonista que até então ocupava a posição de centro, detentor do poder e dos valores que consistiam em configurar a inferioridade natural do nativo, que é visto como uma representação da margem e ocupa uma posição periférica em relação ao europeu. Segundo Bonnici,

a dicotomia centro/margem representa o relacionamento entre os povos por causa do colonialismo. A noção de povo selvagem somente acontece quando há o conceito de civilização que o europeu apropria exclusivamente para si. Portanto, a Europa tornou-se o centro e tudo que estava fora desse conceito metafísico foi rotulado periferia ou margem (BONNICI, 2005, p. 19).

Essa queda fica explícita quando David se refugia no sítio de sua filha, onde se depara com a realidade cruel e a violência arraigada no interior do país. Além de não demonstrar afinidade à vida campestre, ele vivencia momentos conturbados e violentos

quando três homens negros violentam sua filha e tentam queimá-lo vivo. Esse episódio expõe uma inversão dos fatos, ou seja, Lucy sofre uma agressão, uma violação que o faz lembrar do seu caso com Melanie. De certa forma, o protagonista é indiretamente atingido e “tomado pelo desânimo, indiferença, como se tivesse sido devorado por dentro e do seu coração só restasse uma concha erodida” (COETZEE, 2000, p.177) “[listlessness, indifference, but also weightlessness, as if he has been eaten away from inside and only the eroded shell of his heart remains]” (COETZEE, 1999, p. 156) quando ele vê a própria filha experimentar de forma ainda mais trágica o que Melanie vivenciou. Esse fato leva-o a refletir sobre a violência que causou. Além disso, é obrigado a ver sua filha aceitar as condições impostas por Petrus, o negro que o expulsa da propriedade de sua filha: “vá embora, voltou aqui para quê? Não tem o que fazer aqui” (COETZEE, 2000, p. 227). “[go away, you come back again why? You have no work here]” (COETZEE, 1999, p. 201). Sem saída, David sente-se rejeitado pela própria filha quando ela aceita um casamento convencional com Petrus, ignorando totalmente os conselhos e intervenções dele. Logo ele que nunca imaginou “quando a sua filha nasceu, que um dia ele iria engatinhando até ela pedindo para ser aceito” (COETZEE, 2000, p. 202). “[when his child was born, that in time he would come crawling to her asking to be taken in]” (COETZEE, 1999, p. 179).

Esse declínio leva David a refletir sobre sua cegueira da razão, sobre o comportamento ardiloso e egoísta que teve durante toda a vida e levou-o a cometer sucessivas atrocidades que agora se voltam contra ele, condenando-o. Todavia, essa reflexão que o torna espiritualmente consciente somado ao fato de reconhecer e admitir seus erros faz o protagonista se tornar mais receptivo ao leitor. Essa situação assemelha-se ao que é descrito por Kothe (1995), em *O Herói*, na qual, o herói épico tem sua grandeza constituída por uma série de baixezas, como na *Ilíada*, o caso do herói Heitor. Entretanto, como passou por uma série de dificuldades e provações, este teve medo de morrer, foi vencido e tripudiado. Porém, se a sua epicidade decaiu, ele cresceu na humanidade e na simpatia do leitor. Da mesma forma percebe-se essa ascensão em David quando ele reconhece seu comportamento egoísta e dominador, fato que o torna mais agradável ao leitor.

Ademais, o protagonista se dá conta de sua vida decadente e ainda percebe que já não tem idade e nem prestígio com as mulheres quando tenta uma aproximação com Bev Shaw, a proprietária da clínica que ele considerava inferior e desprovida de beleza, e no entanto ela se mostra muito mais experiente que ele. Todos estes fatos levam David a se descobrir como um sujeito desarticulado no novo contexto, e sem nenhuma prioridade na nova ordem social, sem falar da frustração de sentir-se incapaz até mesmo de concluir seu

projeto sobre Lord Byron, principalmente quando ele percebe que seu trabalho nunca será apresentado. Decadente e sem futuro, ele lamenta seu final inglório e reconhece que “nunca teve muito olho para nada, a não ser para belas garotas, e no que é que deu isso?” (COETZEE, 2000, p. 244) “[not much of an eye for anything, except pretty girls; and where has that got him?”]” (COETZEE, 1999, p. 218). A conscientização do protagonista sobre as conseqüências de seu comportamento inadequado durante toda sua vida se reflete num fluxo de consciência quando ele se identifica como “um velho prisioneiro cumprindo sua pena” (COETZEE, 2000, p. 242). “[an old lag serving out my sentence]” (COETZEE, 1999, p. 216).

Em suma, não se pode deixar de relacionar a decadência de David Lurie à situação vivenciada pela minoria branca na África do Sul *pós-apartheid*, onde os valores e a reformulação política visavam o futuro do negro no país sul-africano. Sabe-se que o cenário de *apartheid* levou o negro à profunda exclusão social que impediu-o de exercer seus direitos em seu próprio país. Todavia, os anos que sucederam à queda desse regime político de segregação racial foram voltados para o resgate e a regeneração moral dos nativos e para a reorganização política do país. Diversos programas foram criados para dismantelar as relações sociais de *apartheid* e criar uma sociedade democrática, baseada na igualdade e na ausência do preconceito. Neste cenário, a minoria branca que vive no país começa a perceber que não detém mais o poder sobre os negros. Além disso, a grande porcentagem de terra que estava concentrada nas mãos dos fazendeiros brancos começa a ser devolvida aos nativos, através da reforma agrária, já que estes sobreviviam, em condições de super povoamento em apenas 13% do território sul-africano enquanto que os brancos eram donos de 87% da terra. Portanto, no novo contexto *pós-apartheid* o branco descobre que já não pode mais decidir o futuro do negro, uma vez que as novas leis do país buscam caminhos sustentáveis para suprir as necessidades da população negra e prioriza os direitos e o futuro dos sul-africanos negros.

### **3.9.2 As escolhas de Lucy**

A cultura colonial imposta na África do Sul teve como um de seus alicerces a violência de gênero e por isso, a violência sexual tornou-se uma forma de representação de poder. As práticas discriminatórias e a suposta inferioridade do nativo foram um pretexto para justificar os inúmeros casos de violação do sujeito feminino omitidos durante a história. Ademais, a suposta impotência e incapacidade da mulher negra para reagir a essa objetificação facilitou a omissão desse tipo de violência. Essa demonstração de poder é

explícita em duas situações no romance, e tratando-se da violação de uma mulher branca, que é inefável aos olhos do europeu por representar uma ameaça à hegemonia da raça branca, Lucy até então representante da classe repressora, pode exigir a punição de seus agressores. Entretanto, ela parece entender que a distinção estabelecida pelo europeu, baseado na superioridade da civilização da raça branca, e na inferioridade do nativo é falsa e não mais condena o negro à exclusão, já que as transformações *pós-apartheid* visam o futuro do negro em seu país. Por isso, Lucy prefere o silêncio e a omissão à retaliação.

Todavia, depois da violência Lucy argumenta: “sou uma pessoa morta e ainda não sei o que me trará de volta à vida” (COETZEE, 2000, p. 182) “[I am a dead person and I do not know yet what will bring me back to life]” (COETZEE, 1999, p. 161). Esse estado de desânimo se configura quando ela se revela passiva diante do acontecido. Entende-se que essa passividade e essa omissão indicam a aceitação de seu declínio e a da “raça” a qual pertence, em função da ascendência do negro. Por outro lado, essa reação pode ser entendida como sentimento de culpabilidade da personagem ao se responsabilizar pelo débito que o branco tem com o negro. Possivelmente, o motivo dessa passividade e do silêncio que a leva a incumbir-se em reparar as injustiças praticadas pelo branco contra o nativo e a terra africana e cuja função David se recusou assumir durante o inquérito disciplinar, seja a paz de continuar vivendo no território sul-africano, e talvez isso é que a trará à vida. Contudo, essa paz almejada não tem sentido de comodidade ou permissão para continuar no território sul-africano, mas sim, abrange uma dimensão muito maior já que envolve toda a história de exploração do nativo. Portanto, o verdadeiro significado dessa paz almejada é a reconciliação entre brancos e negros, como também a justiça racial e a eliminação da diferença cultural na África do Sul (GANE, 2002).

Essa atitude é justificada quando Lucy se descreve como devedora “por que eu deveria poder viver aqui sem pagar?” (COETZEE, 2000, p. 180) “[why should I be allowed to live here without paying?]” (COETZEE, 1999, p. 158), identificando seus agressores como “cobradores de imposto, cobradores de um débito” (COETZEE, 2000, p. 180). “[tax collectors, debt collectors]” (COETZEE, 1999, p. 158), que representa toda a humilhação e a exclusão causada ao negro durante a colonização e especialmente durante a vigência do *apartheid*, período em que o negro foi submetido a sucessivas espoliações. Essa decisão é contestada por David quando ele a questiona se “o que está tentando é conseguir alguma forma de salvação particular? Quer expiar os crimes do passado sofrendo no presente?” (COETZEE, 2000, p.130). “[Is it some form of private salvation you are trying to work out? Do you hope you can expiate the crimes of the past by suffering in the present?]” (COETZEE,

1999, p. 112). A argumentatividade de Lucy consiste em esclarecer que “culpa e salvação são coisas abstratas. Eu não funciono em termos de abstrações” (COETZEE, 2000, p. 130) “[guilt and salvation are abstractions. I don’t act in terms of abstractions]” (COETZEE, 1999, p. 112). Ao contrário de David, que acredita que não compete a ele nem à filha fazer nada que promova qualquer tipo de acordo ou reconciliação, Lucy entende que o caminho para alcançar a justiça racial e a eliminação da diferença cultural entre brancos e negros, seja recomeçar a partir do nada, experimentar as mesmas situações que o nativo vivenciou e aceitar a submissão imposta.

Essa submissão é explícita quando Lucy descobre que espera um filho de um dos violentadores e assimila o estupro quando aceita se casar com Petrus, seu ex-ajudante negro. Esse gesto que representa a entrega total de sua pessoa e de sua propriedade reflete no inconformismo e na decepção de David com a degradação da imagem de sua filha, que é branca, e embora seja de orientação sexual lésbica, vivencia involuntariamente um estupro e ainda aceita se casar com Petrus, que é negro, e se submete a condição de tornar-se a terceira esposa dele, já que Petrus é poligâmico. Essa decepção do protagonista consiste ainda em lamentar a degradação de sua cultura européia, até então vista como suprema e inabalável, e a ascendência da cultura do negro, visto que, Lucy abandona seus princípios de branca para aderir à cultura e os costumes de Petrus, notadamente a poligamia. No entanto, Lucy argumenta:

Petrus não está me oferecendo um casamento da igreja e uma lua de mel na Wild Coast. Está me oferecendo uma aliança, um acordo. Eu contribuo com a terra, em troca ele me deixa ficar debaixo da asa dele. Senão, é isso o que ele quer que eu entenda, vou ficar sem proteção (COETZEE, 2000, p. 229).

[Petrus is not offering me a church wedding followed by a honeymoon on the Wild Coast. He is offering an alliance, a deal. I contribute the land, in return for which I am allowed to creep in under his wing. Otherwise, he wants to remind me, I am without protection] (COETZEE, 1999, p. 203).

Nota-se que Lucy é realista, pragmática e tem consciência de que as mudanças sociais e políticas em seu país exigem, principalmente do branco, mudanças drásticas no comportamento. Ela entende que a única forma de continuar em sua terra é aceitar a proteção de Petrus, já que no novo contexto uma mulher sozinha é considerada indefesa porque a sociedade ainda não superou a visão estereotipada de frágil e submissa que paira sobre o sujeito feminino.

Todavia, essas aceitações de Lucy são intrigantes, já que ela silencia a violência a que foi submetida, aceita o filho de um negro, casa-se com Petrus e ainda entrega sua propriedade a ele. Enfim, essas atitudes que revelam sua passividade não seriam também uma reversão das conquistas do feminismo durante o século XX, cuja ideologia centrava-se na ampliação dos direitos civis e políticos da mulher, não apenas em termos legais, mas também em termos de prática social e os quais Lucy renuncia em troca da reconciliação entre brancos e negros e da justiça racial no país? No entanto, conforme argumenta Marais (2000), as atitudes de Lucy revelam uma característica bastante peculiar na maioria dos romances de COETZEE, em que a ética subverte a política. Observa-se que, Lucy até há pouco pertencente à classe dominante e repressora, se expõe à alteridade. Essa alteridade que na elaboração de Bonnici (2005), significa ser o “outro”, ser aquele cuja referência se encontra fora do ambiente daquele que fala” (BONNICI, 2005, p. 4) é neste caso, a classe reprimida, representada pelos negros. É essa vivência na alteridade que dá origem à sua responsabilidade ética diante da nova situação política sul-africana (MARAIS, 2000, p. 174). Em outros termos, Lucy aceita a subordinação e se exime das atitudes pessoais e políticas de seu passado através de seu silêncio e do servilismo. Todavia, essa sua atitude não é redentora, ao contrário, expõe a história e a tradicional submissão da mulher, além de mostrar que o sujeito feminino continuará sendo o alicerce da nova sociedade (Graham, 2005).

Nota-se que as mudanças ocorridas não representaram avanços e nem promoveram a igualdade, pelo contrário, houve um processo de volta ao passado tribal, compreensível, uma vez que esse passado é legítimo para os africanos negros que sofreram a colonização, mas implica outras formas de submissão que o branco tem dificuldade em aceitar. Essa dificuldade é explícita quando David se dá conta que Lucy espera o filho de um negro. Esse fato deixa-o indignado e por isso afirma que o filho negro que Lucy espera “[...] não passa de um verme no útero de sua filha, uma semente enfiada na mulher não por amor, mas por ódio, misturada caoticamente, com a intenção de sujá-la, de marcá-la, como urina de cachorro” (COETZEE, 2000, p. 224). “[...It is no more than a worm in his daughter’s womb. A seed driven into the woman not in love but in hatred, mixed chaotically, meant to soil her, to mark her, like a dog’s urine]” (COETZEE, 1999, p. 199).

A aversão e a indignação de David é eminente quando ele compara o filho que Lucy carrega em seu ventre a ‘um verme’, um ser repugnante, pois é assim que o branco vê o negro e é por isso que a violação de uma mulher branca por um homem negro é inadmissível. Na visão do europeu, essa sujeição da mulher branca representa não só a degradação de sua raça, como também uma ameaça à manutenção da hegemonia branca, visto que a miscigenação era

inaceitável aos olhos do europeu. É pertinente lembrar que na história da África do Sul, ainda antes da vigência do *apartheid*, foi decretada a *Immorality Act*, em 1927, que proibia o intercursos carnal inter-racial, e depois em 1950 recebeu uma nova emenda que concedia ao Estado maior poder de vigilância e controle sobre os relacionamentos inter-raciais, visto que a miscigenação era uma ameaça a superioridade biológica e a pureza racial branca.

A dificuldade em aceitar a violação da filha e posteriormente a mistura entre as raças é visível quando David mostra seu inconformismo e decepção com a escolha de Lucy, afinal, “é assim que tudo vai terminar, a sua linhagem vai se encerrar como água escorrendo para dentro da terra?” (COETZEE, 2000, p. 224) “[Is this how it is all going to end, is this how his line is going to run out, like water dribbling into the earth?]” (COETZEE, 1999, p. 199). Entretanto, esse parece ser o caminho que Lucy escolhe quando se encarrega de experimentar a mesma realidade que o negro viveu, já que esse é o caminho da reconciliação e da paz desejada. Todavia, essa nova postura implica rompimento com os valores patriarcais para que uma nova mentalidade se estabeleça, dando origem a uma nova identidade. Entende-se então, que Lucy mergulha na abjeção para incorporar essa postura não redentora, já que essa reconciliação tem sua origem na subjugação e no servilismo.

Na elaboração de Kristeva (1982), a abjeção é um estado de crise. Não é tão somente a repulsão física, mas aquilo que por definição perturba identidades, sistemas e ordens. De acordo com Butler, Lucy passa a “habitar as zonas inóspitas que são densamente povoadas por aqueles que não gozam o status de sujeito” (BUTLER, 1999, p. 155). Essa decisão dá origem à construção de um novo sujeito abjeto. Conforme argumenta Kristeva, “o abjeto designa o que foi eliminado do corpo e convertido em outro” (KRISTEVA, 1982, p. 69). Portanto, o outro que surge na personagem é sua nova identidade formada por meio da exclusão e da segregação de seus antigos valores, que dão origem a uma nova Lucy disposta a viver como o negro viveu. Assim, a personagem penetra na zona abjeta que o branco sempre repudiou, que é a própria condição do negro, e ao construir uma nova identidade abjeta, ela destitui o poder e a identidade do branco, já que ela renuncia sua posição de repressora e aceita a condição de submissa. Neste sentido, no entender de Kristeva, “o abjeto perturba a identidade e abala a estabilidade dos sistemas e os alicerces da ordem, se contrapondo ao ritual de hábitos consuetudinários impostos pela cultura sistematizada e vigente” (KRISTEVA, 1982, p. 53).

Dessa forma, a personagem passa pela experiência da abjeção quando se desvincula de seus valores eurocêntricos e aceita a subalternidade, pois ela não nega a experiência arrasadora a qual foi involuntariamente submetida, e permite que uma nova identidade seja

construída. Ela percebe uma nova Lucy nascer a partir desse momento. Contrariando a vontade de David, a personagem argumenta: “Talvez seja um bom ponto para começar de novo. Talvez seja isso que eu tenha de aprender a aceitar. Começar do nada. Sem cartas, sem armas, sem propriedade, sem direitos, sem dignidade” (COETZEE, 2000, p. 231). “[Perhaps that is a good point to start from again. Perhaps that is what I must learn to accept. To start at ground level. No cards, no weapons, no property, no rights, no dignity]” (COETZEE, 1999, p. 205).

Enfim, a decisão da personagem para reparar a exploração secular experimentada pelo nativo marginalizado, é mostrar-se disposta a recomeçar uma nova vida no território africano, em nível de igualdade com o negro, visto que ela carrega um filho dessa terra, que representa o início de uma nova era.

### **3.9.3 O Símbolo *Pós-Apartheid* na África do Sul**

A escolha de Lucy representa uma posição radical do homem branco por todas as atrocidades cometidas contra o negro. Entretanto, essa confissão que também representa a confissão do colonialismo, não traz redenção para o branco, porque não existe absolvição pelos seus erros. Além disso, não se sabe se Lucy será bem recebida no país que o branco um dia explorou, embora ela esteja se propondo a experimentar essa mesma exclusão. Todavia, essa decisão da personagem que não se restringe apenas a revelar a verdade, como também, de se expor à subalternidade é subjetificadora, uma vez que ela demonstra coragem para regressar ao encontro do negro e percorrer o mesmo caminho que este percorreu, sofrendo as mesmas espoliações. Essa é a razão pelo qual constantemente ela se opõe às opiniões de David e principalmente quando argumenta que não fará “uma opção contrária a criança só por causa do pai que ela tem” (COETZEE, 2000, p. 224). “[a choose against the child because of who its father is]” (COETZEE, 1999, p. 198), mostrando-se decidida a ter o filho negro, que representa um novo futuro. Por meio desse percurso, retorna-se, então, à posição almejada pela Comissão Verdade e Reconciliação, cujo objetivo era buscar a paz e não a vingança ou a condenação dos opressores. Além de assumir a condição de devedora, a personagem assume também a condição do negro.

Pode-se afirmar que Lucy aceita uma nova mentalidade consonante aos padrões vigentes no novo contexto sul-africano e o novo ser que surge em seu ventre representa a



reconciliação entre o branco e o negro, a ausência do preconceito e o início de uma nova política no país. Parece que Lucy entende que se o europeu quiser continuar na África do Sul, deve sentir o mesmo estranhamento num país que etnicamente não é o dele. Essa escolha é finalmente aceita por David, quando ele se dá por vencido e assimila a decisão da filha concluindo que “talvez a história tenha um papel maior” (COETZEE, 2000, p. 73). “[perhaps history had the larger share]” (COETZEE, 1999, p. 61) ao encarregá-la de conceber e aceitar um filho híbrido, cuja origem se dá através da mistura entre as duas raças, a branca e a negra, por isso, sinalizará a possibilidade de uma nova identidade cultural e política na África do Sul. Neste sentido, esse hibridismo cultural dará origem ao que Bhabha chama de terceiro espaço, onde outras posições podem emergir. Pois, “este terceiro espaço desloca as histórias que o constituem e gera novas estruturas e novas iniciativas políticas, algo irreconhecível, uma nova área de negociação e representação” (BHABHA, 1998, p.163).

Observa-se que Lucy torna-se o receptáculo, a abertura que concede o espaço de encontro entre o branco e o negro, que dá origem ao filho híbrido. Este novo ser que é o símbolo da reconciliação, da igualdade entre as raças, e de uma nova política centrada na eliminação da diferença cultural na África do Sul é, também, a esperança de que o negro possa ser reconhecido e visto enquanto ser humano, e possa exprimir seus saberes até então negados pelo homem branco. O hibridismo cultural, ao ser construído na zona de contestação e mudança, permite que se exprima a força das identidades contemporâneas (Bhabha, 1998). E, de acordo com a visão de David, essa identidade do negro, será construída em sucessivas gerações e se tornará cada vez mais sólida e gradativamente mais ascendente. Afinal, um dia sua filha

[...] foi apenas um girinozinho dentro do corpo da mãe, e agora ali está, sólida em sua existência, mais sólida do que ele jamais foi. Se tiver sorte, vai durar muito tempo, muito mais que ele. Quando ele morrer, ela ainda estará ali, se tiver sorte, cumprindo suas tarefas simples entre os canteiros. E dentro dela, está a origem de uma outra existência, que se tiver sorte será tão sólida e tão duradoura quanto ela. E assim seguirá, a linha e existências em que a sua parcela, a sua contribuição, irá inexoravelmente diminuindo, até chegar a ser esquecida (COETZEE, 2000, p. 244).

[...] once she was only a little tadpole in her mother's body, and now here she is, solid in her existence, more solid than he has ever been. With luck she will last a long time, long beyond him. When he is dead she will, with luck still be here doing her ordinary tasks among the flowerbeds. And from within her will have issued another existence, that with luck will be just as solid, just as long-lasting. So it will go on, a line of existences in which his share, his gift, will grow inexorably less, till it may as well be forgotten] (COETZEE, 1999, p. 217).

Entende-se que apesar de Lucy se expor à alteridade e aceitar a submissão para continuar na África do Sul, sua decisão é subjetificadora, já que ela concede uma abertura para que a reconciliação entre as raças, a justiça racial e a igualdade se estabeleça no país sul-africano. É essa decisão que permite que no novo contexto Lucy se mostre resistente, sólida em sua existência e disposta a dar continuidade em sua vida no país em que sempre viveu. Esse é o caráter subjetificador de sua decisão, aceitar a violência que vivenciou e através dessa subalternidade sentir-se capaz de enfrentar as mudanças na nova África do Sul. É essa decisão que a faz ter uma vida duradoura, tanto quanto a do filho que carrega em seu ventre, que certamente será a origem de gerações ainda mais sólidas e mais duradouras. Ao contrário, David percebe-se deslocado no novo contexto e sem nenhum futuro no país sul-africano. Ademais, descobre que sua parcela de contribuição nesta linha de existência em que o negro cada mais ascenderá e assumirá suas funções sociais no país que etnicamente é dele, gradualmente será diminuída e aos poucos será esquecida. Ou seja, as sucessivas gerações em que o negro se tornará cada vez mais consistente, pouco ou nada terá da raça branca, portanto, gradativamente a participação do branco nesse processo será esquecida porque o negro solidificará sua raça.

Enfim, David reconhece o declínio de sua descendência que aos poucos dará lugar ao negro, já que este finalmente assume seu lugar e sua posição de ascendente em seu país. Além disso, David parece não se opor às futuras gêneses em que o negro cada vez mais prevalecerá, já que a reconciliação parece estabelecida. Esse momento de paz e reconciliação, de igualdade entre as raças com total ausência de preconceito, onde todos são iguais sem diferença de classe social, raça ou gênero, também almejado pela Comissão Verdade e Reconciliação, é refletido numa experiência de extrema transcendência, quando num momento de epifania, David aprecia

[...] um momento de total calma que ele gostaria de ver prolongado para sempre: o sol suave, a quietude do meio da tarde, as abelhas ocupadas nos canteiros; e, no centro do quadro, uma jovem, das *ewig Weibliche*, levemente grávida, com um chapéu de palha. Uma cena realmente própria para Sargent ou Bonnard. Homens da cidade, como ele, mas mesmo homens da cidade são capazes de reconhecer a beleza quando topam com ela, são capazes de perder o fôlego (COETZEE, 2000, p. 244).

[...] a moment of utter stillness which he would wish prolonged for ever: the gentle sun, the stillness of mid-afternoon, bees busy in a field of flowers; and at the centre of the picture a young woman, das *ewig Weibliche*, lightly pregnant, in a straw sunhat. A scene ready-made for a Sargent or Bonnard. City boys like him; but even city boys can recognize beauty when they see it, can have their breath taken away] (COETZEE, 1999, p. 218).

Essa imagem apreciada por David, mostra que a decisão de Lucy é subjetificadora principalmente porque ela quebrou o ciclo de violência arraigado no país, possibilitando a reconciliação entre o negro e o branco, embora isso não seja garantia de que o branco consiga sobreviver no país que um dia ele violentou. Entretanto, é importante ressaltar que essa reconciliação revela que a mulher continuará sendo explorada, já que servirá de alicerce para a reconstrução de um novo país, visto que a paz almejada foi edificada através do silêncio do ser feminino. Portanto, o que tudo indica é que haverá paz e reconciliação entre o branco e o negro, mas os desafios a serem superados continuarão, principalmente o desafio de promover a igualdade entre os gêneros.

## 4 RESULTADOS E CONCLUSÕES

### 4.1 A RE-CONSTRUÇÃO DA SOCIEDADE SUL-AFRICANA

O regime de *apartheid*, oficializado na África do Sul em 1948, teve a duração de aproximadamente 50 anos e durante todo o tempo repercutiu negativamente na política do país. A política de segregação racial impulsionou séries de restrições à maioria negra em benefício da minoria branca. A justificativa utilizada para a prática de *apartheid* era a preservação da pureza racial e da cultura branca. Com isso, os negros foram obrigados a morar em zonas afastadas, tiveram seus direitos anulados e sua cultura inferiorizada. Durante a vigência do regime de *apartheid*, o negro foi marginalizado, excluído e privado de exercer seus direitos enquanto cidadão. Em 1950, foi iniciada uma campanha de desobediência às leis de *apartheid*, porém, somente em 1990 esse regime político chegou ao fim. Em 1994, Nelson Mandela foi eleito o novo presidente da maioria negra e deu início a uma série de transformações voltadas para o resgate da identidade dos sul-africanos negros.

Os anos que sucederam o regime de segregação racial foram marcados pela existência de fortes movimentos sociais que enfatizaram noções de democracia participativa e emancipação em lutas unidas contra a exploração econômica e a opressão racial da vasta maioria dos sul-africanos negros. Neste contexto extremamente conturbado, começa a notar-se uma inversão de políticas públicas, visto que a nova política tem como objetivo principal resgatar a identidade do negro, o qual, aos poucos, recuperaria sua posição de sujeito. A mulher negra sul-africana também começa a mostrar sua voz ativa e romper os laços da opressão patriarcal e colonial. A existência dessa nova modalidade social, política e econômica na África do Sul é representada no romance *Desonra* pela inversão histórica operada pelo reconhecimento do negro como majoritário e do branco como minoritário e pela viabilidade de uma sociedade democrática e igualitária.

A busca da mulher negra por sua autonomia e auto-afirmação é representada através das personagens Soraya, a prostituta negra, e Melanie, a jovem estudante. Ambas mulheres negras que conseguem subverter a opressão e a ascendência de David Lurie, que é branco, de origem européia e representa os valores e a ideologia colonial e patriarcal. Essas mulheres revelam-se como sujeitos através de estratégias que rompem com sua condição de objeto. No caso de Soraya, o processo de subjetificação se inicia quando ela decide abandonar David sem

dar nenhum tipo de explicação. Posteriormente, Soraya torna-se sujeito quando reage discursivamente diante da invasão intencional de David. A atitude de Soraya revela que a mulher negra não aceita mais ser objetificada e explorada pelo homem branco. No caso de Melanie, David também se surpreende com a atitude da mulher negra. Pois, de forma inesperada, Melanie denuncia-o às autoridades universitárias após ser assediada sexualmente por ele. A reação subjetificadora de Melanie arruína não só a vida profissional, mas também a vida pessoal de David, já que ele é demitido e perde os privilégios quando se recusa admitir e confessar o abuso de poder. Além disso, ele é submetido a uma comissão disciplinar de inquérito que revela as mesmas estruturas da Comissão Verdade e Reconciliação instituída na África do Sul após a queda do *apartheid*. Entretanto, a comissão que investiga as atitudes de David transcende os objetivos da Comissão Verdade e Reconciliação, visto que na comissão disciplinar exige-se a confissão e a justiça, e não apenas a reconciliação e acordos ambíguos como naquela instituída na África do Sul pós-1994. Esse fato faz David descobrir que as transformações na nova África do Sul exige mudanças de comportamento, principalmente do branco. Neste sentido, as reações de Melanie e Soraya podem ser caracterizados como um revide da mulher negra contra o homem branco que a explorou e objetificou durante séculos na África do Sul. Esse fato também revela que na África moderna a mulher busca sua emancipação por meio do reconhecimento dos seus valores.

No caso de Lucy, essa subjetificação também é visível em relação ao autoritarismo do pai dominador, principalmente depois da violência sexual que ela vivencia, incidente este caracterizado como um revide do negro para demonstrar seu poder. Após o estupro, Lucy mostra autonomia para tomar as próprias decisões e descarta as intervenções de David, quando sugere que ela abandone sua terra e volte para o país de origem. A sua atitude em relação a David, bem como a passividade diante da violência que ela experimenta expõem o declínio do poder patriarcal. Contudo, essa subjetividade é ambígua, já que Lucy parece se expor à outremização de outrora como único caminho para alcançar a harmonia racial e a igualdade entre brancos e negros no país sul-africano. Embora essa decisão possa ser, até certo ponto, subjetificadora devido ao fato de ela se propor a percorrer o mesmo trajeto que o negro historicamente fez entre os séculos XV e XX, essa submissão é uma atitude não redentora porque revela a histórica e a tradicional submissão da mulher e indica uma reversão das conquistas do feminismo durante o século XX. A atitude de Lucy também revela a profunda culpabilidade da personagem pela histórica exploração a que o negro foi submetido desde o século XV na África do Sul.

Todavia, o teor subjetificador dessa escolha para viver a subalternidade se dá pelo fato de Lucy tornar-se o receptáculo que concede abertura para o encontro entre o branco e o negro, representado pelo filho híbrido que Lucy carrega em seu ventre. Esse filho híbrido é o símbolo *pós-apartheid* e representa a esperança do negro em ter seus valores reconhecidos, ser respeitado e visto como ser humano. O filho híbrido de Lucy representa uma nova era em que a política do país esteja voltada para a ascendência e o futuro do negro e o declínio da raça branca. Neste sentido, a subjetividade da personagem atinge seu ápice quando ela concede espaço para que a reconciliação, a igualdade, a harmonia e a justiça racial se estabeleçam no país, já que através de sua atitude, Lucy quebra o ciclo da violência arraigado na África do Sul. Conclui-se que, apesar dos indícios de subjetificação, as mudanças no contexto *pós-apartheid* não trouxeram avanços significativos e nem promoveram a igualdade, principalmente entre os gêneros, visto que o sujeito feminino ainda luta contra a perpetuação e a subjugação da mulher.

## 4.2 RESULTADOS

### 4.2.1 As cicatrizes do *apartheid*

O *apartheid* – regime de discriminação étnica, política e social que restringiu até a obliteração os direitos da população negra durante décadas na África do Sul – é considerado um dos maiores crimes do século XX. Teve a duração de aproximadamente 50 anos e durante sua vigência, o acesso à propriedade da terra e à participação política foi totalmente vedado aos negros e estes passaram a viver como segregados. O regime de *apartheid* deve ser visto no contexto de uma África marginalizada e privada de qualquer direito à voz ativa, visto que neste período, as leis governamentais e as instituições sociais eram inspiradas pelos brancos e visavam apenas a promoção destes. A queda do *apartheid* e a eleição do líder negro, Nelson Mandela, representaram o início de uma nova fase na África do Sul.

Os anos pós-1994 foram marcados por profundas mudanças políticas e sociais. Apesar de ser lento e difícil o processo de reconstrução do país, as novas leis visavam resolver os problemas da crise racial. Neste contexto começa-se a notar uma inversão de atitudes, já que o negro começa a apresentar sinais de superação da exclusão a que foi submetido durante

séculos. Contudo, embora as leis do *apartheid* já tivessem sido extintas, restou no país um legado de pessoas marginalizadas, sem moradia e educação. Além da necessidade de equilíbrio nas divisões do poder, como forma de diminuir as contínuas explosões de violência originária dos aparelhos ideológicos do *apartheid*, que marginalizou e excluiu o negro de toda sua condição humana. Além disso, a disparidade entre as classes sociais até hoje impedem o progresso e a convivência pacífica no país. A pobreza e a miséria se estendem por todo território, e a falta de controle sobre algumas doenças, notadamente a AIDS, assolam a população negra. É justamente esse período de transição que COETZEE tenta descrever e problematizar em *Desonra*. Nota-se que a atitude de Soraya ao abandonar David, sem dar nenhuma explicação é um exemplo das mudanças de comportamento no novo contexto. O fato de Melanie denunciar David às autoridades universitárias e, posteriormente tornar-se bem sucedida no programa de teatro da qual faz parte, também mostra as transformações ocorridas na nova realidade da África do Sul. Além disso, não se pode deixar de mencionar as mudanças nos códigos políticos da Universidade quando David se recusa admitir o abuso de poder. Esses fatos revelam uma situação em que os negros estão cada vez mais prósperos, enquanto que os brancos, tornam-se gradativamente acudados e sem esperança no país sul-africano.

Todas essas conseqüências do *apartheid* revelam que o sonho de uma África do Sul não racista está longe de ser concretizado. É por isso que na visão de Desmond Tutu, arcebispo sul-africano, que lutou bravamente contra a política de segregação racial no país, o *apartheid* foi “o mais terrível regime desde o nazismo” (Winner, 2002, p. 47). Embora até hoje as transformações sejam constantes, os avanços não foram significativos a ponto de superar totalmente os efeitos da segregação racial e são insuficientes para aplacar a revolta da nova geração negra, visto que a reconciliação e a harmonia racial ainda é muito precária. Com cicatrizes tão profundas, o caminho para um país livre da discriminação ainda é muito doloroso para os sul-africanos negros. Conclui-se que talvez seja necessário outras estratégias e tentativas para reestabelecer a ordem na nova África do Sul. Em *Desonra*, COETZEE parece descrever com ambivalência e ambigüidade essa estratégia através da mulher silenciada, que se torna o paradigma da reconciliação. Parece que COETZEE está dizendo que, paradoxalmente, o silêncio e a não emancipação do sujeito feminino branco, como o caminho para a paz e harmonia racial, mostram a maneira pelo qual o eurodescendente poderá colaborar na reestruturação social do país.

#### **4.2.2 A busca da Mulher Negra pela Emancipação**

As reações de Soraya revelam as tentativas da mulher em se tornar sujeito numa sociedade ainda impregnada por valores da cultura colonial e patriarcal e, ao mesmo tempo, tornam evidentes as dificuldades do eurodescendente em assimilar as transformações ocorridas na África do Sul. Totalmente objetificada por David, Soraya parece um produto comercial que está sempre à disposição dele. Contudo, quando ela decide abandoná-lo, sem dar nenhuma explicação, David se surpreende com essa reação inesperada. Soraya mostra-se como sujeito ao ter iniciativa própria. Essa subjetividade atinge seu ápice quando ela reage discursivamente mostrando sua voz ativa e se desvinculando totalmente da opressão causada por David. A reação de Soraya mostra que a mulher negra lentamente começa a recuperar sua autonomia, seus direitos e principalmente sua voz, embora a sociedade branca ainda não a reconheça como sujeito. Contudo, esse sistema precário de auto-afirmação ainda é um processo difícil e doloroso para o sujeito feminino fabricado no universo objetificador. A atitude de Soraya mostra que a nova África do Sul exige mudanças de comportamento e atitudes, notadamente do homem branco, responsável pela marginalização do negro durante séculos.

#### **4.2.3 A Exigência de Reparação Histórica**

O episódio de assédio sexual envolvendo Melanie Isaacs além de mostrar as tentativas de superação da subalternidade e a recuperação dos direitos da mulher negra, mostra também o desejo do negro de reparação histórica do homem branco pelos males causados ao nativo, desde a colonização. Esse desejo de reparação é representado durante a comissão disciplinar de inquérito, principalmente por Farodia Rassool, que incorpora a exigência da mulher negra pela reparação da histórica objetificação e exploração do sujeito feminino. Nesta comissão disciplinar, ao contrário da Comissão Verdade e Reconciliação, exige-se a justiça, pois, David é demitido quando se recusa confessar o abuso de poder e mostrar arrependimento pelo mal que praticou contra Melanie. A punição torna-se uma representação metonímica das atrocidades cometidas contra a mulher negra e a terra



africana, enquanto a comissão revela a quem pertence o poder e as atitudes decorrentes dessa condição política.

#### **4.2.4 A Prerrogativa Colonial sobre o Corpo da Mulher**

Os episódios envolvendo Soraya e Melanie, ambas mulheres negras exploradas e objetificadas pelo homem branco, mostram a prerrogativa colonial da exploração da terra através do corpo da mulher. Em ambos os casos as mulheres são exploradas da mesma forma que a terra foi invadida e colonizada pelo europeu. Portanto, os corpos de Soraya e Melanie constituem uma forma de empreendimento ao europeu e, por isso, tornam-se uma representação metonímica da exploração da terra. Essa situação é típica em territórios em processo de colonização. No Brasil, fato semelhante é retratado no romance *Iracema* de José de Alencar, em que a índia Iracema é dominada e objetificada pelo português Martim, da mesma forma que a terra brasileira foi colonizada pelo europeu. Neste sentido, é notável em *Desonra* a disputa pela terra outrota tirada dos negros. Essa violência contra a terra que produz, é metaforicamente representada por meio da violência praticada contra Lucy, cuja aceitação do filho negro é um sinal de redenção.

#### **4.2.5 Culpabilidade e perdão**

A problemática envolvendo Lucy mostra que a personagem dispõe de estratégias para vencer a dominação do pai autoritário, mas esbarra nas imposições de Petrus, o ex-ajudante negro. As várias aceitações e concessões de Lucy após a violência sexual a que é submetida revelam a culpabilidade do branco pela histórica exploração a que o negro foi submetido e também expõe a história e a tradicional submissão da mulher, fato este que representa uma reversão das conquistas do feminismo no século XX. Todavia, a justificativa de Lucy para viver na subalternidade, se dá pelo fato de que este é o único caminho para alcançar a reconciliação, a igualdade e a harmonia racial no país. Essa decisão também almejada pela Comissão Verdade e Reconciliação, é a paz de continuar vivendo no território sul-africano. Essa visão positiva da personagem ao se expor à subalternidade e vivenciar as

mesmas experiências e espoliações que o negro sofreu durante séculos, revela uma subjetividade ambígua de Lucy, principalmente pelo fato de ela aceitar o filho negro que é o símbolo *pós-apartheid* na África do Sul; acenando com um futuro de esperança para o negro. Essa subjetividade é solidificada pelo fato de Lucy tornar-se o receptáculo que propicia a abertura para o espaço de encontro entre o branco e o negro e também porque esse fato quebra o ciclo de violência arraigado no país. Todavia, o meio para alcançar essa mudança estabelece ainda o silêncio feminino e a sujeição masculina, ambas inaceitáveis como atitudes, em qualquer circunstâncias.

#### **4.2.6 A Passividade da Mulher como “Paradigma” para a Reconciliação**

Mais uma vez a mulher silenciada será o alicerce sobre o qual se emerge e se constrói a nova sociedade. Parece que Coetzee quer mostrar que a decisão não redentora de Lucy seja o caminho para a igualdade e o fim da discriminação na África do Sul. Somente através da subalternidade é que o branco poderá colaborar na reestruturação social e política do país. Ou seja, é somente na subalternidade e vivenciando as mesmas expropriações é que o branco poderá ficar no mesmo nível que o negro, visto que não há outra forma de o branco entender a história de vergonha, humilhação e exploração vivenciada pelo negro colonizado na África do Sul. Por isso, é somente quando, por iniciativa própria, Lucy vivenciar a experiência da colonização como objeto, é que como descendente branca, ela atinge o mesmo nível do negro e inicia-se o processo de reconciliação almejado pela Comissão Verdade e Reconciliação e pela nova situação sul-africana. Enquanto a voz da mulher negra torna-se uma estratégia de subjetificação, o silêncio da mulher branca estabelece o “paradigma” da reconciliação e igualdade no país. Esse fato mostra que a ambigüidade na qual Coetzee envolve a mulher, revela que o sujeito feminino continuará sendo objetificado e subalternizado. *Desonra* parece mostrar que a igualdade entre os gêneros e, portanto, a reconciliação na África do Sul está longe de ser alcançada.

#### 4.2.7 O Declínio do Poder Eurocêntrico

Os sucessivos incidentes que revelam o declínio de David Lurie representam também o declínio do eurodescendente na África do Sul. Arrogante e inflexível a mudanças, a princípio, David é apresentado ao leitor como um personagem extremamente confiante em seu poder de sedução e persuasão para com aqueles que considera inferiores. Esse perfil do protagonista é confirmado no decorrer da narrativa. Todavia, David começa a perder sua posição de centro, quando é abandonado por Soraya, denunciado por Melanie e se recusa a fazer uma confissão do deslize, perdendo consequentemente o prestígio e a autoridade. O declínio de David é ainda mais evidente quando a própria filha descarta as intervenções dele e aceita um casamento com Petrus, o ajudante negro. Além disso, David descobre que está deslocado no novo contexto, não tem nenhuma prioridade na nova ordem social e nem prestígio com as mulheres. Além disso, sente-se frustrado diante da incapacidade para concluir seu trabalho criativo sobre Byron. Enfim, as sucessivas perdas de David representam o fim da autoridade do europeu no país sul-africano.

#### 4.3 ABERTURA PARA PESQUISAS ULTERIORES

Levando em consideração as atitudes de Lucy diante do episódio de violência sexual a que é submetida, embora a justificativa de sua subalternidade seja o caminho encontrado para alcançar a reconciliação, a justiça e a harmonia racial na África do Sul, é inevitável não apontar suas aceitações como uma atitude de submissão e objetificação, que representam um contraste às reivindicações e conquistas do feminismo. Ademais, a ideologia do contexto que em Lucy está inserida apregoa mudança de mentalidade desvinculada dos arquétipos da ideologia patriarcal, visto que a moderna África do Sul busca romper com os valores herdados do *apartheid*. Além disso, na condição de mulher branca, e até então pertencente à classe repressora, Lucy pode optar pela retaliação à passividade e ao perdão.

Ao contrário, Lucy aceita um casamento com o negro Petrus, lhe entrega sua terra, ainda aceita um filho negro, concebido em uma situação de extrema violência e humilhação. Todos esses fatos lembram a objetificação da mulher, já que Lucy foi um instrumento para o negro demonstrar seu poder. Considerando essa situação de objetificação e a subalternidade a

que Lucy se expõe, entende-se que esse aspecto pode ser amplamente pesquisado e abordado em trabalhos futuros. Ademais, é estranho que Coetzee faça com que a culpabilidade do branco pela histórica exploração do negro recaia justamente sobre uma mulher, a qual, embora cúmplice, não lhe pertença todo o ônus da colonização, do racismo e do patriarcalismo. Considerando tais aspectos, entende-se que a perpetuação da histórica e tradicional submissão do sujeito feminino, representada através da personagem de Lucy, constitui uma abertura para trabalhos e pesquisas ulteriores.

Investigar-se-iam, portanto, *Desonra*, como uma obra altamente crítica da nova política sul-africana, mas também a acusação contra Coetzee referente ao racismo detectado na obra pela ANC e a ambigüidade do governo sul-africano na ocasião do recebimento do Prêmio Nobel 2003 de Literatura. Comparar-se-ia o papel da mulher negra e branca em outras obras de ficção sul-africanas para verificar semelhanças e discrepância na sua representação (FARRED, 2004).

## REFERÊNCIAS

- ALAMBERT, Z. **Feminismo**: o ponto de vista marxista. São Paulo: Nobel, 1986.
- ALTHUSSER, L. **Essays on ideology**. London: Vergo, 1984.
- ASHCROFT, B.; GRIFFITH, G.; TIFFIN, H.; **The empire writes back**: theory and practice in post-colonial literatures. London: Routledge, 1991.
- ASHCROFT, B., et. al. **Key concepts in post colonial studies**. London: Routledge, 1998.
- ATTWELL, D. Race in Disgrace. **Interventions** v.4, n.2, 2002, p. 331-341.
- ATTWELL, D. **South African literatures**. Disponível em:  
<<http://www.york.ac.uk/depts/engl/gsp/taughtma/South-African-literatures.pdf>>. Acesso em:  
20 jun. 2007.
- ATTRIDGE, D. **Introduction**. In COETZEE, J. M. **Inner workings**: literary essays 2000-2006. New York: Viking, 2007, p. ix- xiv.
- AZEVEDO, M. A. **Mulheres espancadas**: a violência denunciada. São Paulo: Cortez, 1995.
- BEATO, J. **Um novo milênio sem racismo na igreja e na sociedade**. Rio de Janeiro: Cenacora, 1998.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BENSON, E.; CONOLLY, L.W. **Encyclopedia of Post-Colonial Literatures in English**. London: Routledge, 1994.
- BHABHA, H. **Of mimicry and man**: the ambivalence of colonial discourse. *October*, v.28, n.1, 1984, p. 125-133.
- \_\_\_\_\_. **Sly civility**. *October*, v.34, 1985, p. 71-80.
- \_\_\_\_\_. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BONNICI, T. **O Pós-colonialismo e a literatura**: estratégias de Leitura. Maringá: Eduem, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Teoria Literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. ZOLIN, L. O. (org.). Maringá: Eduem, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Conceitos-chave da teoria pós-colonial**. Maringá: Eduem, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Teoria e crítica literária feminista**: conceitos e tendências. Maringá: Eduem, 2007.
- BRANDÃO, J. S. **Teatro grego**: tragédia e comédia. Petrópolis: Vozes, 1984.

- BROWNMILLER, S. **Against our will: men, women and rape**. New York: Simon & Shuster, 1975.
- BRUSCHINI, M. C. **Mulher, casa e trabalho**. São Paulo: Vértice, 1990.
- BUTLER, J. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”** In: Louro, G. L. (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- CAUFIELD, S. **Em defesa da honra**: Campinas: UNICAMP, 2000.
- CESAIRE, A. **Discourse on colonialism**. New York: Barnes & Nobles, 1994.
- CHADOROW, N. *The Reproduction of Mothering: Psychoanalysis and Sociology of Gender*. Berkeley: UCP. 1978.
- CHAUÍ, M. **Participando do debate sobre a mulher e violência**. In Francheto, B. (org). **Perspectivas antropológicas da mulher**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 25-62.
- COETZEE, J. M. The Mind of Apartheid: Geoffrey Cronjé: **Social Dynamics**. v. 17, n.1, Cape Town: University of Cape Town, 1991, p. 1-35.
- COETZEE, J. M. **Disgrace**. London: Vintage, 1999.
- COETZEE, J. M. **Desonra**. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- COQUERY-VIDROVICH, C. O Pós-Colonialismo. In FERRO, M. **O livro negro do colonialismo**. São Paulo: Ediouro, 2004, p. 748-770.
- CORNEVIN, M. **Apartheid e a história**. Lisboa: Unesco, 1979.
- COSTA, S. **Dois atlânticos**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- DAVIES, A. The myth of the black rapist. In Davies, A.Y. **Women, Race and Class**. New York: Random House, 1981, p. 172-201.
- DU PLESSIS, R. B. **Writing beyond the ending: narrative Strategies of 20<sup>th</sup> Century Women Writers**. Bloomington: Indiana UP, 1985.
- DUBOW, S. **Scientific racism in modern South Africa**. New York: Cambridge University Press, 1995.
- DUBY, G. **A história das mulheres**. Madrid: Taurus, 1992, p. 1.
- DUNCAN, Q. **Teoria y práctica del racismo**. Costa Rica: Colección Analisis, 1988.
- DUPAS, G. **A exclusão social**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.
- FADEL, T. **Português, língua e literatura**. São Paulo: Moderna, 2001.

- FANON, F. **The wretched of the earth**. Harmondsworth: Penguin, 1961.
- FANON, F. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- FANON, F. **Black Skin. White Masks**. London: Marc Gibbon and Jey. 1968.
- FARRED, G. **The not-yet counterpartison**: a new politics of oppositionality. *The South Atlantic Quaterley*, vol.103, n.4, p. 589-605.
- FOLHA ONLINE. **Nobel de Literatura**: J.M. Coetzee questiona seu meio em novo livro. 15.01.2007. p. 3.
- FOLHA DE S. PAULO. **Estupro sistemático é arma de guerra no conflito do congo**. 7.12.2003. p. 27.
- FOLHA DE S. PAULO. **A África do Sul**. 03.04.2002. p 13.
- FOUCAULT. M. **História da sexualidade**: a vontade do saber. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- FREIRE, G. **Casa grande & senzala**. 28. ed. Rio de Janeiro: Record,, 1992.
- GANE, G. Unspeakable injuries in **Disgrace and David's Story**. **Kunapipi**: Journal of Post Colonial Writing. Indiana University, v.24, n.1 & 2, 2002, p. 101-113.
- GRAHAM, L.V. **Reading the unspeakable**: Rape in J.M. COETZEE's *Disgrace*. FLORA, V-W.; DIRHK, N. (org.). *Matatu – Body, Sexuality and Gender: Versions in African Literatures*. Amsterdam: Rodopi, 2005, p. 255-267.
- GREGORI, M. F. **Cenas e queixas**: um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- GREINER, D. **Women without men**: Female bonding and the American novel of 1980's. New York: University of South Carolina Press, 1993.
- GUIMARÃES, A. S. A. **Combatendo o racismo**: Brasil, África do Sul e Estados Unidos. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.39, 1999, p. 103-117.
- GONZALEZ, L. **O lugar da mulher**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- HYSLOP, J. White Working Class Women and Invention of Apartheid: 'Purified' Afrikaner nationalist agitation for legislation against 'mixed' marriages, 1934-1939. **Journal of African History**. New York: Cambridge University Press, v.36, n.1, 1995, p. 57-81.
- HOOKS, B. **Talking back**: thinking feminist, thinking back. Boston: South End Press, 1989.
- JORNAL A NOTÍCIA. **Coetzee ganha nobel de literatura**. Florianópolis, SC: Junho, 2003.
- KAMEL, A. **Não somos racistas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- KING, M. **A mulher renascentista**. Lisboa: Presença, 1991.

- KLASS, J. **África do Sul: apartheid e resistência**. São Paulo: Cortez, 1991.
- KOTHE, F. **O herói**. São Paulo: Ática, 1995.
- KRISTEVA, J. **Powers of horrors: An Essay in Abjection**. New York: Columbia UP, 1982.
- KNPB ONLINE. **Disgrace by J.M. Coetzee**. Book Talk. 02.09.2000.
- LOOMBA, A. **Colonialism/postcolonialism** London: Routledge, 1998.
- LOPES, M **Apartheid: a ideologia do apartheid, as perspectivas da África do Sul e as lideranças negras**. São Paulo: Atual, 1999.
- MACKNNON, C. A. **Sexuality**. In: Herrmann A. C.; STEWART, A. J. **Theorizing Feminism: Parallel Trends in the Humanities and Social Sciences**. Boulder: Westview, 1994, p. 257-287.
- MARAIS, M. Little enough, less than little: nothing: Ethnics, Engagement and Change in the Fiction of J. M. Coetzee. **Modern Fiction Studies**. V. 46, n.1, 2000, p. 159-182.
- MEMMI, A. O Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- MOUTINHO, L. **Razão, “cor” e desejo**. São Paulo: UNESP, 2004.
- MUNANGA, K. **Negritude - usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 1986.
- PEREIRA, J. M. Colonialismo, Racismo, Descolonização. **Revista Estudos Afro-Asiáticos**, n. 2, maio/agosto, 1978, p. 15.
- QUAYSON, O. **Postcolonialism: theory, practice or process?** Oxford: Polity Press, 2000.
- REVISTA ISTO É. **A Africa do Sul pós-apartheid**. Outubro, 2003, p.11.
- REVISTA ÉPOCA. **Surpresas da rotina: em Desonra**, o sul-africano J.M. Coetzee escreve numa prosa límpida e despida de julgamentos morais. Novembro, 2003, p. 18.
- RUIZ, M. **Racismo algo más que discriminación**. San José, Costa Rica: Colección Análisis, 1988.
- SAFFIOTI, H. **Violência de gênero: poder e impotência**. Rio de Janeiro: Revinter, 2001.
- SAID, E. **Orientalism** New York: Pantheon, 1978.
- SANT’ANA, A. O. **História e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados**. In: MUNANGA, K. (org) **Superando o racismo no Brasil**. Brasília: Ministério da Educação, 1999.
- SANDAY, P. R. **Estupro como forma de silenciar o feminino**. In: TOMASELLI, S.; PORTER, T. (org.). **Estupro**. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1992, p. 75-82.



SPIVAK, G. C. **Three women's texts and critique of imperialism**. In: ASHCROFT, B.; GRIFFITHS, G.; TIFFIN, H. (org) **The post-colonial studies reader**. London: Routledge, 1995, p. 269-272.

SPIVAK, G. C. **Can the Subaltern Speak?** In: NELSON, C.; GROSSBERG, L. (Ed.) **Marxism and the Interpretation of Culture**. Basingstoke: Macmillan, 1988, p. 271-313.

TELES, E. **Racismo à brasileira**. Rio de Janeiro: Relume Damará, 2003.

TIGER, L. **Men in group**. New York: Random House, 2004.

TUCHMAN, G. **The Symbolic Annihilation of Women by the Mass Media**. In: COHEN, S.; YOUNG, J. (org.). **The Manufacture of News**. London: Constable, 1981.

VAINFAZ, R. **Dicionário do Brasil colonial. 1500-1800**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

VILLAGE VOICE. **Appetite for Allegory**. December 15-21, 1999.

WADE, P. **Blackness and race mixture: The Dynamics of Racial Identity in Colômbia**. Baltimore: John Hopkins UP, 1993.

WESSELING, H. L. **Dividir para dominar: A partilha da África. 1881-1914**. Niterói: UFF, 1998.

WINNER, D. **Personagens que mudaram o mundo**. São Paulo: Globo, 2002.

YOUNG, R. J. C. **Postcolonialism: an historical introduction**. Oxford: Blackwell, 2001.

ZUWICK, A. N. **O corpo violado**. In: GROSSI, P.K. & WERBA, G.C. (orgs.). **Violência e Gênero: Coisas que a gente não gostaria de saber**. Porto Alegre: Edipucrs, 2001, p. 83-94.

ZIMMERMAN, F. J. **Barreiras à participação dos pobres na redistribuição de terras na África do Sul**. Desenvolvimento Mundial. Vol. 28, n. 8, 2000, p. 1439-1460.

#### **Site consultado**

Disponível em: <<http://www.africadosul.org.br>>. Acesso em: 25 abr. 2007.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação  
(CIP)  
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)

Oliveira, Angela Aparecida Gonçalves  
O48p O processo de subjetificação das personagens femininas em *Disgrace* (1999), de J. M Coetzee / Angela Aparecida Gonçalves Oliveira. -- Maringá : [s.n.], 2008 .  
161 f.

Orientador : Prof. Dr. Thomas Bonnici.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2008.

1. Teoria literária. 2. Ficção sul-africana. 3. Romance *pós-apartheid*. 4. Subjetividade. 5. Teoria pós-colonial - África do Sul. 6. Desonra - Coetzee, J. M., 1940-. 7. Coetzee, J. M., 1940- I. Universidade Estadual de Maringá. Programa de Pós-Graduação em Letras. II. Título.

CDD 21.ed. 801.953